



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**JOÃO PAULO MUNIZ DA SILVA**

**UMA ANÁLISE TEXTUAL DA ARGUMENTAÇÃO EM MEMES VERBO-VISUAIS:**  
entre os processos referenciais e as intertextualidades

Recife  
2021

**JOÃO PAULO MUNIZ DA SILVA**

**UMA ANÁLISE TEXTUAL DA ARGUMENTAÇÃO EM MEMES VERBO-VISUAIS:**  
entre os processos referenciais e as intertextualidades

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Letras.

**Área de concentração:** Linguística

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Suzana Leite Cortez

Recife

2021

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Mariana de Souza Alves – CRB-4/2105

S586a Silva, João Paulo Muniz da  
Uma análise textual da argumentação em memes verbo-visuais: entre os processos referenciais e as intertextualidades / João Paulo Muniz da Silva. – Recife, 2021.  
138f.: il.

Sob orientação de Suzana Leite Cortez.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2021.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Texto. 3. Referenciação. 4. Intertextualidade. 5. Textualização da argumentação. 6. Dimensão argumentativa. 7. Memes. I. Cortez, Suzana Leite (Orientação). II. Título.

410 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2022-12)

**JOÃO PAULO MUNIZ DA SILVA**

**UMA ANÁLISE TEXTUAL DA ARGUMENTAÇÃO EM MEMES VERBO-VISUAIS:**

entre os processos referenciais e as intertextualidades

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Letras.

Aprovada em: 08/09/2021.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Suzana Leite Cortez (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto (Examinadora Externa)

Universidade Nova de Lisboa

---

Prof. Dr. Vicente de Lima-Neto (Examinador Externo)

Universidade Federal Rural do Semi-Árido

À **Helenita Muniz e Paulo Ferreira**, pela dedicação singela e incondicional a mim devotada e por serem as principais referências de integridade, força, generosidade e esperança que eu poderia ter.

À **Suzana Leite Cortez**, por me ensinar que afeto, empatia e excelência acadêmica/profissional não precisam caminhar separados.

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**. E é preciso especificar: que concebo como força maior onipresente, fonte de luz e força; que não é injusto, mesquinho ou vingativo e que não justifica a voz que semeia o ódio. Um Deus que não é preconceituoso, homofóbico, misógino ou racista. A esse Deus agradeço, pois foi o pilar-mestre, no âmbito espiritual, em toda minha caminhada.

A minha orientadora, profa. **Dra. Suzana Cortez**, pela generosidade sem tamanho, pelo acolhimento sem reservas e pelo respeito e cuidado sempre presentes em cada olhar e palavra que a mim direcionou. Este trabalho, sem dúvida, não teria sido realizado sem seu apoio constante, sobretudo nos momentos mais complicados da caminhada. Obrigado por sempre estar de braços estendidos disposta a compartilhar, com muito afeto e generosidade, seus conhecimentos. Sua grandeza é exemplo para mim!

Aos meus pais, **Paulo** e **Helenita** e irmãos, **Lucas**, **Paula** e **Tiago** (*in memoriam*), pelo importante apoio em todo o meu processo formativo.

À profa. **Dra. Rosalice Pinto**, por aceitar compor a banca examinadora e pelas cuidadosas e importantíssimas contribuições que deu a esta pesquisa desde o momento da qualificação.

Ao professor **Dr. Vicente de Lima-Neto**, que está presente em minhas leituras desde a iniciação científica, por ter aceitado tão gentilmente participar da banca examinadora e pelas contribuições importantíssimas para o refinamento do trabalho.

Às professoras **Dra. Graça Faria** e **Dra. Maria Medianeira de Souza**, pelo aceite em participar como suplentes nessa banca. Fico honrado em saber que esta pesquisa está sendo lida por mais duas pesquisadoras tão importantes!

Ao corpo docente do PPGL-UFPE, em especial **Kazuê Barros**, **Siane Rodrigues**, **Fabiele Stolkman** e **Antônio Carlos Xavier**, pelas discussões proveitosas e momentos ímpares de aprendizado. A partir deles, estendo meus agradecimentos à equipe técnica, sempre muito prestativa.

À **Thaynara Menezes**, minha psicoterapeuta, por ter me ajudado a lidar de maneira mais assertiva com a ansiedade e tomar, assim, a jornada acadêmica com mais leveza.

À **Eliza Teixeira Lúcio** e **Narlete de Oliveira**, duas grandes educadoras que sempre dedicaram a mim, com um cuidado e carinho quase materno, todo o apoio em diversos momentos de meu processo formativo da graduação e início da pós-graduação.

À profa. **Dra. Ana Paula Carvalho**, pessoa de uma gentileza sem igual e uma referência de quem tive a honra e prazer de me tornar amigo. Agradeço pelas tantas conversas, trocas de

memes e “papos teóricos” sobre eles. Isso foi importantíssimo para que me sentisse mais seguro, feliz e motivado a caminhar com esta pesquisa.

À **Marília e Raul(zito)**, que foram presentes proporcionados pela pós-graduação. Sou grato pelas conversas e pelos “rolés” que tornaram minha caminhada acadêmica mais leve.

A **Ítalo**, pessoa tão especial e querida, pela companhia diária – ainda que fisicamente distante, em alguns momentos – indispensável para que me mantivesse bem e tranquilo durante esse processo todo. Grato pelo presente que é tê-lo por perto!

A **todos/as/es que integram o Grupo de Estudos do Texto (GESTO/CNPq/UFPE)**, pelas discussões importantíssimas e imprescindíveis a esta pesquisa.

A **Renato Pimentel**, pela amizade, pelo apoio no início do processo de mestrado e por ser um grande exemplo de professor/pesquisador dedicado e amante de seu ofício, que acompanho desde o início da minha graduação em Letras.

A **Caio César**, pela disponibilidade constante, pela leitura atenta de várias partes desta dissertação e pelas conversas aleatórias sobre cinema que tanto me ajudavam a respirar e retomar as energias antes de retornar aos trabalhos da pesquisa.

Aos amigos **Deivid Ferreira, Davi, e João Paulo (Kiko)**, pelo apoio e incentivo durante meu processo formativo!

Aos **Governos Lula e Dilma**, pela ampliação e, sobretudo, pela **interiorização do Ensino Superior**, fundamental para que pessoas como eu pudessem gozar efetivamente do direito pétreo à Educação de qualidade, pública e gratuita.

À **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**, pelo financiamento integral desta pesquisa - Código de Financiamento: 001.

Finalmente, **a todos** que aqui não registrei, mas que estiveram comigo nessa caminhada, **a minha gratidão!**



Fonte: *Instagram*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B9y8OK6gdqN/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B9y8OK6gdqN/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 05 ago. 2021.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar como os critérios textuais da referenciação e da intertextualidade contribuem para a construção da dimensão argumentativa em memes verbo-visuais. Para isso, realizamos uma articulação entre a Abordagem da Argumentação no Discurso (AMOSSY, 2018[2000]), que entende a argumentação enquanto uma dimensão discursiva ocorrente em todo e qualquer discurso, e os estudos contemporâneos da Linguística Textual brasileira, que têm compreendido o texto enquanto unidade de comunicação contextualmente situada, que acontece enquanto evento enunciativo resultante das negociações de sentido em interação (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010; CAVALCANTE *et al.*, 2019), comportando sempre, de modo mais ou menos explícito, uma dimensão argumentativa (ADAM, 2019; CAVALCANTE *et al.* 2019; MACEDO, 2018). De modo específico, buscamos analisar: (a) como a constituição de redes referenciais (MATOS, 2018) e as estratégias de (re)construção/ (re)categorização dos objetos de discurso mobilizados nos memes verbo-visuais podem evidenciar a orientação dos modos de ver, pensar e sentir dos interlocutores e (b) como o recurso a estratégias intertextuais estritas e/ou amplas (CARVALHO, 2018) pode relacionar-se à dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais. De natureza qualitativa, essa análise se faz a partir de um *corpus* formado por 78 memes verbo-visuais coletados entre novembro de 2019 e novembro de 2020, no *site* de redes sociais *Instagram*. Os resultados apontam que os modos de (re)construção dos referentes em rede atuam na construção da dimensão argumentativa dos memes na medida em que acionam *doxas* e estereótipos, contribuindo para o enquadre do referente sobre categorias específicas que acentuam os posicionamentos dos locutores. Ainda, conclui-se que as estratégias intertextuais são importantes ferramentas para a construção da dimensão argumentativa nesses textos e, mais especificamente, atuam nessa construção na medida em que congregam informações aos referentes dentro de suas redes, orientando sua estabilização sob enquadres específicos que demarcam pontos de vista do locutor.

**Palavras-chave:** Texto; Referenciação; Intertextualidade; Textualização da argumentação; Dimensão argumentativa; Memes.

## ABSTRACT

This work aims to investigate how the textual phenomena of referencing and the intertextuality contributes to the construction of the argumentative dimension in visual-verb memes. For this, we made an articulation between the Approach to Argumentation in Discourse (AMOSSY, 2018[2000]) and contemporary studies of Brazilian Textual Linguistics, which have understood the text as a contextually situated communication unit, which takes place as an enunciative event resulting from the negotiations of meaning in interaction (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010; CAVALCANTE et al, 2019), always behaving in a way more or less explicit, an argumentative dimension. Specifically, we intend to analyze: (a) how the constitution of referential networks (MATOS, 2018) and the (re)construction/ (re)categorization strategies of the discourse objects mobilized in the visual-verb memes can show the orientation of the interlocutors' ways of seeing, thinking and feeling and (b) how the use of strict and/or broad intertextual strategies (CARVALHO, 2018) can be associated to the argumentative construction of visual-verb memes. This (qualitative) analysis is based on a corpus made up of 78 visual-verb memes collected between November 2019 and November 2020 on the social networking site Instagram. The results show that the modes of (re)construction of the referents in the network contributes to the construction of the argumentative dimension of the memes as they set doxas and stereotypes, contributing to the framing of the referent to the specific categories that accentuate the speakers' positions. Still, it is concluded that intertextual strategies are important tools for the construction of the argumentative dimension in these texts and, more specifically, they act in this construction as they gather information to referents within their networks, guiding their stabilization under specific frameworks that demarcate the speakers' standpoints.

**Keywords:** Text; Referencing; Intertextuality; Textualization of argumentation; Argumentative dimension; Meme.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Presente de grego.....	31
<b>Figura 2</b> - Meme uma nova suprema.....	36
<b>Esquema 1</b> - Sequência argumentativa.....	40
<b>Esquema 2</b> - Interface entre LT e AD no estudo da referenciação.....	42
<b>Figura 3</b> - Antes do governo.....	46
<b>Figura 4</b> - O louco.....	47
<b>Figura 5</b> - Como o Brasil se vê.....	48
<b>Figura 6</b> - Super heróis e seus pontos fracos.....	56
<b>Figura 7</b> - Quebrando o Tabu neoliberal.....	58
<b>Esquema 3</b> - Intertextualidades estritas e amplas.....	65
<b>Figura 8</b> - Manchete de notícia na página do jornal O Globo.....	66
<b>Figura 9</b> - Pamonha à la Ghost.....	67
<b>Figura 10</b> - Manchete de notícia do site Imirante.....	68
<b>Figura 11</b> - Para ela, eu era como uma obra de arte.....	69
<b>Figura 12</b> - Transposição de capa de livro em filme.....	70
<b>Figura 13</b> - Está com nome sujo?.....	71
<b>Figura 14</b> - Sebosinho Lispector.....	72
<b>Figura 15</b> - Dinâmica multilinear/multissequencial dos links no Instagram.....	76
<b>Figura 16</b> - Apple nos fazendo de palhaço.....	81
<b>Figura 17</b> - Sequência de memes “que dia foi isso?”.....	85
<b>Quadro 1</b> - Configurações dos memes.....	86
<b>Figura 18</b> - Exemplo de meme.....	87
<b>Figura 19</b> - Meme “é verdade esse bilhete”.....	90
<b>Figura 20</b> - Com licença STF.....	98
<b>Figura 21</b> - Capitão catástrofe.....	100
<b>Figura 22</b> - Não tenho culpa, votei no Amoedo.....	102
<b>Figura 23</b> - Ameaça comunista que nada!.....	104
<b>Figura 24</b> - Selecione todos os milicianos.....	105
<b>Figura 25</b> - Moro vai proibir.....	107
<b>Esquema 4</b> - Rede referencial da figura 25.....	108
<b>Quadro 2</b> - Ocorrência das intertextualidades nos memes verbo-visuais coletados.....	110
<b>Figura 26</b> - Como assim, empregada indo pra Disney?.....	113

<b>Figura 27</b> - E a economia?.....	114
<b>Figura 28</b> - Hetero, cristão e conservador... Só que não.....	115
<b>Figura 29</b> - Bolsonaro, chacota of the year.....	117
<b>Figura 30</b> - Brasil, pelo amor de Deus.....	118
<b>Figura 31</b> - Família brasileira na pandemia.....	120
<b>Figura 32</b> - Dos mesmos criadores da facada.....	121
<b>Figura 33</b> - Novo "ministro" da Saúde.....	122
<b>Figura 34</b> - O gigante acordou.....	124
<b>Esquema 5</b> - Rede referencial da figura 34.....	126

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AAD	Abordagem da Argumentação no Discurso
AD	Análise do Discurso
ADD	Análise do Discurso Digital
ATD	Análise Textual dos Discursos
AI	Anáfora Indireta
LT	Linguística Textual
NR	Nova Retórica
OD	Objeto de discurso
RC	Retórica Clássica
RR	Redes referenciais
TAL	Teoria da Argumentação na Língua

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>A ABORDAGEM DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO E O LUGAR DO TEXTO NOS ESTUDOS ARGUMENTATIVOS.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1</b>	<b>A Abordagem da Argumentação no Discurso.....</b>	<b>23</b>
<b>2.2</b>	<b>O lugar do texto nos estudos argumentativos.....</b>	<b>35</b>
<b>3</b>	<b>CRITÉRIOS TEXTUAIS PARA A ANÁLISE ARGUMENTATIVA DOS MEMES VERBO-VISUAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>3.1</b>	<b>Da referenciação aos processos referenciais.....</b>	<b>44</b>
3.1.1	Estudos da referenciação na LT brasileira: primeiros passos.....	50
3.1.2	Tendências e avanços dos estudos da referenciação na LT brasileira.....	53
<b>3.2</b>	<b>Da(s) intertextualidade(s).....</b>	<b>62</b>
3.2.1	Postulados introdutórios sobre a intertextualidade.....	62
3.2.2	As intertextualidades.....	64
3.2.2.1	<i>Intertextualidades estritas.....</i>	<i>66</i>
3.2.2.2	<i>Intertextualidades amplas.....</i>	<i>71</i>
<b>4</b>	<b>SOBRE OS MEMES E SEU CONTEXTO HIPERTEXTUAL / TECNODISCURSIVO DE PRODUÇÃO.....</b>	<b>74</b>
<b>4.1</b>	<b>Aspectos hipertextuais/tecnodiscursivos da produção de sentidos em rede.....</b>	<b>75</b>
<b>4.2</b>	<b>Aspectos conceituais acerca dos memes e a constituição de memes verbo-visuais no contexto digital de interação.....</b>	<b>82</b>
4.2.1	Meme enquanto unidade replicadora de informações socioculturais.....	83
4.2.2	Meme: gênero textual ou prática linguageira?.....	86
<b>5</b>	<b>A REFERENCIAÇÃO E AS INTERTEXTUALIDADES NA CONSTRUÇÃO DA DIMENSÃO ARGUMENTATIVA DOS MEMES VERBO-VISUAIS.....</b>	<b>94</b>
<b>5.1</b>	<b>Procedimentos metodológicos de pesquisa e análises.....</b>	<b>94</b>
<b>5.2</b>	<b>A referenciação na construção da dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais.....</b>	<b>97</b>
5.2.1	Introdução referencial e a dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais.....	98
5.2.2	Anáfora, recategorização e redes referenciais na dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais.....	102
<b>5.3</b>	<b>As intertextualidades na construção da dimensão argumentativa dos</b>	

	<b>memes verbo-visuais.....</b>	<b>109</b>
5.3.1	Intertextualidades estritas e a dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais.....	112
5.3.2	Intertextualidades amplas e a dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais.....	118
5.3.3	Relações intertextuais na estabilização de referentes em rede: evidenciando a dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais.....	124
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>128</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>133</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Já não é tão nova a constatação de que o advento da internet e dos meios digitais propiciaram o desenvolvimento de novas formas de interação entre os sujeitos. No âmbito das ciências da linguagem, a busca pela compreensão do funcionamento linguístico nesses espaços já começara a ser investigada na década de 1990, com os estudos dos grandes mestres Ingedore Koch e Luiz Antônio Marcuschi, no campo da Linguística Textual (LT), sobre a configuração hipertextual do texto na tela, isto é, sobre as formas não lineares/multilineares de leitura, escrita e construção de sentidos. Posteriormente, sobre a emergência e constituição de novos gêneros discursivos, que, evidenciando as particularidades da interação nesses ambientes, são chamados gêneros digitais (MARCUSCHI, 2004; 2008).

Essas novas formas de interação são propiciadas pelo conjunto diverso e complexo de ferramentas oferecidas, sobretudo, com o advento da web 2.0, uma tecnologia caracterizada pela possibilidade de maior interatividade entre os usuários, pela criação e compartilhamento de conteúdo próprios e multifacetados, bem como pelo desenvolvimento colaborativo desses produtos (BARTON; LEE, 2015). A web 2.0, de onde emergiram os *sites* de redes sociais (*Instagram, Facebook, Whatsapp, Twitter* e outras), favoreceu a construção de textos cada vez mais complexos, do ponto de vista constitutivo. Os ícones de bate-papo, os aplicativos e *sites* de edição de imagem trouxeram a possibilidade de integração de diversas semioses (verbal, visual, sonora...) na construção dos textos digitais.

Desses ambientes, muito nos chama a atenção uma diversidade de textos que têm sido produzidos e compartilhados muito rapidamente nos *sites* de redes sociais, os quais, mesmo não apresentando consenso teórico sobre seu *status* genérico nem sobre sua nomenclatura específica, são comumente chamados de *memes* pelos internautas usuários desses *sites*. Tais textos são constituídos, em sua grande maioria, por uma superfície cotextual composta pelas semioses verbal e visual, podendo ainda admitir efeitos sonoros em sua produção. Apesar de não configurarem um gênero específico (LIMA-NETO, 2014; 2020; CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2019), é perceptível que nascem muito ligados a temas do cotidiano das redes, e pretendem, geralmente, produzir humor nesses espaços constitutivamente informais.

Nesses ambientes, os memes são comumente associados a qualquer conteúdo verbo-visual produzido em contexto digital que faça rir sobre algo. Parafraseando Lima-Neto (2014), o meme seria um termo coringa utilizado no senso comum para uma diversidade de gêneros produzidos nas mídias digitais que ainda não possuem nomenclatura convencional. Relacionados à produção de humor, os memes são, conforme Chagas *et al.* (2017), quase

sempre associados à “cultura do besteiro”, isto é, à produção de conteúdo direcionado simplesmente ao deleite/riso do público que interage nas mídias digitais, estando, assim, desprovidos de qualquer intenção persuasiva.

Entretanto, se observarmos estes textos com base na noção de argumentação defendida por Amossy (2018[2000]), para quem esse processo não se trata simplesmente de uma característica específica dos discursos que defendem explicitamente uma tese, mas, na verdade, de uma *dimensão constitutiva de todo e qualquer discurso*, estando dessa forma presente em todo o dizer, podemos afirmar que sim, todos os memes são argumentativos, ainda que não tentem buscar a adesão de uma tese por determinado auditório.

Amossy (2018[2000]), ao defender essa ideia de que a argumentação é uma dimensão constitutiva do discurso, afirma que, nas interações languageiras, ainda que não tenhamos o objetivo de persuadir alguém ou algum grupo, nosso dizer sempre revelará formas de ver e avaliar o mundo e as coisas, agindo responsivamente sobre discursos precedentes, dentro de uma negociação de sentidos estabelecida no processo de interação. Embasada, desse modo, no pressuposto dialógico bakhtiniano de que o discurso sempre responde a outros, a autora compreende que qualquer dizer se constrói sob uma dimensão argumentativa, pois, mesmo que não tente agir persuasivamente sobre um auditório, revela/orienta modos de ver, pensar e sentir.

Acolhendo esse postulado e atentando para a produção desses textos nos ambientes digitais, passamos a indagar: como se constituiria essa argumentatividade, por vezes negada no senso comum, nos memes? Essa questão foi abordada em alguns estudos anteriores, dentre os quais se destaca o trabalho de Silva (2019), que investigou os elementos linguísticos e multissemióticos por meio dos quais seria possível evidenciar os posicionamentos dos produtores nos memes. Mobilizando um aparato teórico extenso, formado pelos postulados da Nova Retórica, Retórica Clássica, Pragmática, Semântica Argumentativa e dos estudos da multimodalidade<sup>1</sup>, o autor tenta provar a hipótese de que seria possível argumentar por meio de memes. Isso é feito a partir da análise de critérios “multimodais e linguístico-enunciativos” (SILVA, 2019, p. 72), por meio dos quais o autor analisa a relação entre imagem e verbo; pelos *topoi* argumentativos (ARISTÓTELES, 2005) bem como pelas máximas conversacionais e implicaturas (GRICE, 1982), buscando compreender como os sujeitos argumentam por meio dos memes.

Apesar da contribuição do trabalho de Silva (2019) para a compreensão do potencial argumentativo dos memes, os resultados propriamente ditos não evidenciam bem como os

---

<sup>1</sup> Especificamente, o autor se refere aos estudos da Gramática do Design Visual, de Kress e Van Leeuwen (2006).

elementos linguísticos e/ou verbo-visuais apontados atuariam na construção da argumentatividade desses textos. Percebemos que as análises do autor acabam por se determenos aos pormenores dessa relação (elementos linguístico-semióticos/ argumentação) e, de modo pouco aprofundado, acabam servindo simplesmente como um modo de salientar a ideia de que os memes poderiam ser potencialmente persuasivos, ainda que não se estruturassem por meio de projetos argumentativos explícitos. A contribuição maior do trabalho, nesse sentido, ao nosso ver, está menos na evidência de como esses elementos relacionam-se à argumentatividade dos memes (assumida parcialmente pelo autor) e mais em apontar para a ideia de que os memes argumentam, ainda que de modos diferentes.

Nosso interesse, com esta pesquisa, guiada por parâmetros analíticos da Linguística textual (LT), recai justamente sobre a argumentatividade dos memes, porém de modo distinto do que se faz no estudo de Silva (2019). Se o autor se ocupa em investigar se os memes argumentariam ou não, neste trabalho indagamos *como a argumentação presente nos memes é textualizada*. Desse modo, diferentemente do pesquisador, temos o intuito de investigar a construção da dimensão argumentativa desses textos, mas fazendo isso a partir da análise de critérios textuais. Investimos, assim, na referência e nas intertextualidades, tomando como base os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Textual. Acreditamos, com base em Cavalcante (2016) e Macedo (2018), que esses critérios sejam importantes meios de evidenciar os modos pelos quais se dá essa dimensão argumentativa de modo efetivo e ampliado.

Vale salientar que o trabalho de Silva (2019) é um dos três únicos estudos dos quais temos conhecimento a tratar da argumentação nesses textos, dentro do campo da Linguística. Os outros dois buscam discutir sobre como os implícitos agem na orientação argumentativa dos memes (MUCCI, 2018), sob a perspectiva da Semântica Argumentativa, e demonstrar como o *ethos* é discursivamente forjado nesses textos com vistas a orientar os modos de ver sobre determinados discursos (CASTRO; MECENAS; SILVA, 2019). Nosso trabalho, no entanto, não pretende discutir simplesmente como os pressupostos e subentendidos agem na construção argumentativa dos memes, nem busca discutir a construção discursiva de *ethos* nesses textos, mas analisar os aspectos textuais que constroem suas formas de argumentar.

Desse modo, apesar da contribuição desses estudos para a compreensão da argumentatividade nos memes, nenhuma das pesquisas apontadas buscou, como pretendemos aqui, investigar a construção da dimensão argumentativa dos memes através de critérios textuais. É nisso que nossa investigação se diferencia das demais e é nessa lacuna que buscamos atuar, visando contribuir com os estudos textuais e argumentativos desses textos.

Enquanto pesquisadores do texto, objeto científico entendido por nós como uma unidade singular de coerência, constituído enquanto um evento enunciativo complexo e multifacetado que mobiliza diversas estratégias/ações de ordem social, cognitiva e discursiva no seio das negociações de sentido em interação (MARCUSCHI, 2008; CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010; CAVALCANTE *et al.*, 2019), nosso interesse, quando nos propomos a discutir sobre a argumentação, não recai sobre o funcionamento do fenômeno propriamente dito, pois esse não é e nunca foi, essencialmente, um objeto de estudos da LT (CAVALCANTE, 2016). Não nos compete, enquanto linguistas do texto, teorizar sobre o funcionamento argumentativo dos discursos, pois esta é uma tarefa dos analistas do discurso. Nosso interesse recai, na verdade, sobre os meios ou critérios de textualização dessa argumentação discursiva.

Direcionados por esses pressupostos e percebendo a necessidade de se aprofundar a análise sobre a argumentatividade dos memes, nosso trabalho objetiva *investigar como os fenômenos textuais da referenciação e da intertextualidade contribuem para a construção da dimensão argumentativa em memes, especificamente os verbo-visuais*, que concebemos, neste trabalho, como um conjunto de textos formados pelas semioses verbal e visual, essencialmente intertextuais (CAVALCANTE; OLIVEIRA; 2019), potencialmente virais (de rápida replicação nos *sites* de redes sociais), com plano de texto curto e que atualizam elementos viralizados nas redes (elementos meméticos).

Tal interesse pela relação entre critérios textuais e argumentação tem adentrado fortemente as preocupações atuais da LT, sobretudo nos trabalhos construídos no âmbito do grupo Protexto (CNPq/UFC). Conforme Cavalcante (2016), a LT tem encontrado diversas possibilidades de interfaces teóricas para pensar a textualização da argumentação. Dentre elas, a autora destaca como mais profícua a articulação dos estudos do texto aos postulados da Abordagem da Argumentação no Discurso (AAD, doravante), perspectiva construída pela linguista do discurso Ruth Amossy, pesquisadora que propõe uma abordagem discursiva da argumentação, entendendo-a enquanto dimensão constitutiva dos discursos e buscando, por meio de uma reorientação dos estudos retóricos clássicos e da Nova Retórica (NR), apreender seu funcionamento contextualmente situado dentro dos diversos enquadres sociais, históricos e discursivos.

No âmbito da LT, essa profícua relação apontada por Cavalcante (2016) efetiva-se no trabalho de Macedo (2018), que defende e evidencia a tese de que as categorias teóricas da LT, sobretudo a referenciação, intertextualidade, composicionalidade (plano de texto e sequências textuais) e o gênero discursivo podem servir como critérios de análise capazes de evidenciar,

para além dos limites lógico-pragmáticos e linguístico-gramaticais, a construção do fazer argumentativo dos textos.

Os postulados de Macedo (2018) nos guiam à hipótese geral de que as *os modos de (re)construção dos objetos de discurso e as estratégias intertextuais* (correspondentes a duas das categorias que a autora apresenta: referência e intertextualidade) *mobilizadas na construção dos textos poderiam evidenciar melhor os modos pelos quais se constitui a dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais* que, geralmente, não apresentam uma defesa explícita de tese, mas somente uma orientação dos modos de ver e pensar dos interlocutores. Nesse sentido, defenderemos, nesse trabalho, a tese de que os critérios da referência e da intertextualidade podem contribuir para a construção da dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais.

A partir dessa hipótese, que fundou o objetivo geral desta pesquisa, duas outras hipóteses secundárias são geradas. A primeira delas, no que diz respeito à referência, é a de que *os modos de (re)construção dos referentes e a constituição de redes referenciais nas quais eles se englobam podem evidenciar a orientação dos modos de ver, pensar e sentir construída nos memes verbo-visuais*. Essa hipótese constrói-se a partir da observação dos estudos atuais de referência e da constatação de que, apesar de os elementos verbo-visuais já começarem a adentrar essas discussões, ainda há pouco dito sobre o funcionamento argumentativo desse fenômeno, especialmente sobre a noção de redes referenciais e sua dinâmica em textos verbo-visuais.

Com base nessa hipótese secundária, pensada a partir de observação desses postulados, definimos como um dos objetivos específicos desse trabalho: (1) *analisar como os modos de (re)construção dos referentes e a constituição de redes referenciais nas quais eles se englobam podem evidenciar a orientação dos modos de ver, pensar e sentir dos interlocutores nos memes verbo-visuais*

No âmbito dos estudos sobre a intertextualidade, admitimos, neste trabalho, a noção ampliada proposta por Cavalcante, Faria e Carvalho (2017) e Carvalho (2018), que a definem como um fenômeno textual-discursivo que comporta as relações entre textos específicos (intertextualidade estritas) e entre textos e informações dispersas não em um único texto, mas em um conjunto deles (intertextualidade ampla).

Alguns trabalhos na atualidade têm tratado desse fenômeno buscando relacioná-lo, assim como a referência, à argumentação ou buscando evidenciar suas funções argumentativas. Destaca-se o de Forte (2013), que percebe que a intertextualidade pode ser um meio para a construção de argumentos de autoridade no texto. Também se destacam os

trabalhos de Cavalcante (2016), Macedo (2018) e Oliveira (2020), os quais, de modo mais aprofundado, têm evidenciado que as intertextualidades podem funcionar como uma estratégia para a construção de argumentos de transitividade, para a textualização da argumentação propriamente dita, para a mobilização das emoções no texto, bem como para a atualização de questões polêmicas.

Com base nisso, acreditamos que *as relações intertextuais podem ser mobilizadas estrategicamente na construção da dimensão argumentativa dos memes e que a análise de como isso ocorre pode lançar mais luz sobre como esse fenômeno pode atuar na textualização da argumentação nesses textos*, o que configura nossa segunda hipótese secundária. Desse modo, como segundo objetivo específico deste trabalho, definimos a tarefa de: (2) *analisar como o recurso a estratégias intertextuais estritas e/ou amplas pode relacionar-se à construção argumentativa dos memes verbo-visuais*.

Creemos que este trabalho se faz relevante na medida em que se junta a uma série de outros trabalhos que têm iniciado uma discussão sobre a textualização da argumentação para além dos limites e critérios linguístico-semântico-gramaticais. De modo particular, acreditamos que essa pesquisa pode trazer relevantes contribuições aos estudos do texto na medida em que poderá demonstrar como a constituição de redes referenciais podem concorrer para a orientação argumentativa dos textos, algo feito apenas em Oliveira (2020). Acreditamos, também, que essa discussão pode contribuir para lançar luz sobre a constituição e funcionamento das redes referenciais em textos verbo-visuais, bem como sua implicação na construção argumentativa dos textos, algo que ainda não foi investigado diretamente em nenhuma pesquisa da LT.

Para contemplar os objetivos elencados, iniciamos esta dissertação apresentando os pressupostos sobre argumentação que guiam nossa pesquisa e sobre o lugar que o texto (objeto de estudos da LT) pode ocupar/ocupa nos estudos argumentativos. Dedicamos, assim, a primeira seção teórica (seção 2) à apresentação da Abordagem da Argumentação no Discurso (AAD) (AMOSSY, 2008, 2011, 2016, 2018[2000]) e, posteriormente, à discussão sobre o lugar que ocupa o texto nos estudos argumentativos, a partir dos estudos contemporâneos da LT brasileira, sobretudo os de Cavalcante (2016) e Macedo (2018).

Em seguida, na seção 3, passamos a discutir os dois critérios textuais que selecionamos para a análise da construção argumentativa nos memes verbo-visuais: a referenciação e as intertextualidades. Nessa seção, mobilizamos os estudos de Mondada e Dubois (2019[1995]), para quem a referenciação é um processo dinâmico, complexo e multifacetado de construção de objetos de discurso (referentes) para depois discutirmos sobre os estudos da referenciação desenvolvidos no Brasil, desde os postulados introdutórios (KOCH; MARCUSCHI, 1998;

MARCUSCHI, 1999, 2001) até os trabalhos mais atuais (CUSTÓDIO FILHO, 2011; CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014; MATOS, 2018). Por conseguinte, tratamos ainda do fenômeno da intertextualidade e os diferentes modos pelos quais ocorre nos textos. Discutimos sobre sua origem conceitual (KRISTEVA, 1974; GENETTE, 2010) para depois apresentarmos o modelo proposto por Carvalho (2018), que entende a intertextualidade enquanto um fenômeno textual-discursivo que comporta as relações entre textos, gêneros e estilos.

Logo depois, na seção 4, discutimos sobre as características tecnodiscursivas e hipertextuais dos ambientes digitais, por meio dos trabalhos de Marcuschi (1999), Koch (2003), Elias e Cavalcante (2017) e Paveau (2017). Feito isso, passamos a explicitar a definição de meme verbo-visual, depois de uma reflexão sobre as origens da noção de meme e como tem sido concebido no campo dos estudos da linguagem, especificamente, da Linguística Textual. Mobilizamos, para isso, os trabalhos de Dawkins 2007 [1976], Lima-Neto (2014; 2020), Barros (2016), Recuero (2006a; 2006b) e Cavalcante e Oliveira (2019), principalmente.

Por fim, depois de apresentar todo o aparato teórico, realizamos, na seção 5, a descrição dos procedimentos metodológicos da pesquisa (natureza, delimitação da amostra, seleção dos dados e processo de análise) para, em seguida, dedicarmos espaço à análise do *corpus*, através da qual buscamos investigar como a mobilização das relações intertextuais e dos processos de referenciação podem concorrer para a construção da dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais. Finalmente, apresentamos os resultados e conclusões da pesquisa, na seção seguinte.

## 2 A ABORDAGEM DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO E O LUGAR DO TEXTO NOS ESTUDOS ARGUMENTATIVOS

Para mim a neutralidade não existe. (...) O texto neutro, objetivo e imparcial, isso é máscara. Há textos menos e mais argumentativos.  
(KOCH, Ingedore V. *Os segredos do texto*)<sup>2</sup>

Na abordagem teórica de Ruth Amossy (2018[2000]), a argumentação é entendida como *uma dimensão constitutiva de todo e qualquer discurso*, compreensão que se embasa no pressuposto dialógico bakhtiniano de que toda palavra é sempre uma resposta à palavra de *outrem*. Com essa ideia, a argumentação em Amossy passa a recobrir tanto os discursos nos quais o sujeito manifesta um projeto argumentativo em defesa de uma tese, visando à persuasão por parte de seu auditório (o que corresponde às noções retóricas de argumentação), quanto os que, não tendo um projeto argumentativo explícito, buscam orientar os modos de ver, pensar ou sentir daqueles a quem o discurso é destinado.

Conforme Cavalcante (2016), dentre os diversos diálogos teóricos que a LT tem encontrado para explicar o funcionamento argumentativo dos textos, a abordagem de Ruth Amossy é a que mais se adequa aos pressupostos admitidos pela LT, atualmente. Nesta seção, tratamos de apresentar essa abordagem que, a partir da conjugação dos postulados da Retórica Clássica (RC, doravante) e Nova Retórica (doravante, NR), reorienta e amplia a concepção de argumentação inserindo-a no campo de estudos da Análise do Discurso (AD).

Para que isso seja feito, apresentamos inicialmente a Abordagem da Argumentação no Discurso (AAD) de Amossy (2018[2000]) e suas bases teóricas. Por conseguinte, discorreremos sobre o lugar que ocupa o texto nos estudos argumentativos e também o lugar que a LT ocupa/pode ocupar nesse espaço de discussões. Ao tratarmos desse ponto, que abrange o objetivo principal desta seção, discorreremos sobre a abordagem textual de análise da argumentação retórico-discursiva desenvolvida por Macedo (2018), perspectiva que orienta a investigação proposta em nossa pesquisa.

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida ao Jornal O Povo em 2006. Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2006/02/20/noticiasjornalpaginasazuis.568889/os-segredos-do-texto.shtml>. Acesso em: 05 nov. 2020.

## 2.1 A Abordagem da Argumentação no Discurso

A AAD, desenvolvida pela linguista/analista do discurso Ruth Amossy (2018[2000]), consiste em uma proposta de articulação entre os estudos retóricos da argumentação e a Análise do Discurso (AD) francesa<sup>3</sup>. Essa perspectiva tem o intuito de edificar um aparato teórico-metodológico que possibilite um tratamento discursivo à argumentação por meio da retomada e ampliação dos postulados da RC e da NR e dos instrumentos analíticos providos pela ampla gama de disciplinas que compõem o campo das ciências da linguagem.

Para Amossy (2018[2000]), a argumentação corresponde a algo muito mais abrangente do que uma característica relativa aqueles discursos que formatam um projeto argumentativo explícito, construído por um orador (locutor) que tenta, por meio de seu dizer, persuadir um auditório (interlocutor) a aderir a(s) sua(s) tese(s). Para a autora, ainda que o orador profira um discurso que não se proponha a defender uma tese visando à persuasão, seu dizer ainda estará construído dentro de um contexto sócio-histórico, inserido em meio a uma diversidade de crenças, saberes, valores e outros discursos sobre os quais ele age, mesmo que implicitamente, de modo responsivo. Sendo assim, “mesmo a fala que não ambiciona convencer busca ainda exercer alguma influência, orientando modos de ver e de pensar” (AMOSSY, 2011, p. 129) e por isso é também argumentativa.

Nessa abordagem, a argumentação é entendida como uma *dimensão constitutiva* do discurso e, por consequência, inerente a ele. Essa concepção encontra fundamento no princípio dialógico de linguagem, segundo o qual os discursos agem responsivamente sobre outros, seja para refutá-los, reafirmá-los, ou tomá-los como apoio (VOLÓCHINOV, 2017). Nessa linha de pensamento, todo discurso “está imerso nas tramas dos discursos que o precedem e o cercam; produz, de bom ou de mau grado, uma imagem do locutor e influencia as representações ou opiniões de um alocutário.” (AMOSSY, 2018[2000], p. 12). A partir desse olhar dialógico, a AAD consegue abranger a argumentação em todos os discursos, mesmo aqueles que visam simplesmente a “compartilhar um ponto de vista sobre o real, reforçando valores, orientando a reflexão” (AMOSSY, 2018, [2000] p. 46). Portanto, para a AAD, todos os discursos são considerados argumentativos.

---

<sup>3</sup> Trata-se da Análise do Discurso francesa de viés pragmático-enunciativo, que encontra identificação nos trabalhos que seguem a linha de Dominique Maingueneau (1991; 2015) e que surge por volta da década de 1990, posteriormente à AD de Michel Pêcheux. Sempre que nos referirmos, no texto, à Análise do Discurso francesa, estaremos tratando dessa perspectiva teórica.

Apesar de se enquadrar no âmbito da AD francesa, as bases da abordagem de Amossy fincam suas raízes nos estudos da RC de Aristóteles e, sobretudo, na NR de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005[1992]). Apesar de não ser esse o foco de nossa discussão, faz-se necessário que retomemos alguns conceitos desses dois campos para que possamos compreender os postulados que fundamentam a noção de argumentação na AAD.

A RC é definida por Aristóteles (2005, p. 96) como a “a faculdade de descobrir os meios de persuasão sobre qualquer questão dada”. Dentro de sua sistematização de disciplinas, a Retórica emerge no período em que a democracia desponta, exigindo dos sujeitos (oradores) imersos na *polis* a compreensão sobre como tornar sua palavra eficaz; sobre quais os meios utilizar para dotar de força seu discurso e tornar plausíveis/aceitáveis determinadas teses. É nesse contexto de possibilidade do debate público que a Retórica nasce como a arte de persuadir.

Segundo Amossy (2018[2000], p. 16), a Retórica “está presente em todos os domínios humanos em que é preciso adotar uma opinião, tomar uma decisão, não com base em uma verdade absoluta fora de alcance, mas fundamentando-se no que parece plausível”. Isso implica dizer que a argumentação, nessa linha, se constitui somente onde há possibilidade de divergência de pontos de vista; no espaço onde não haja uma ideia de verdade absoluta sobre uma questão a ser deliberada. Como lembra a autora, “essa [a argumentação] só surge, de fato, quando é possível haver uma discordância, ou, no mínimo, uma forma alternativa de ver as coisas. Como já sublinhava Aristóteles, não se argumenta sobre o que é evidente.” (AMOSSY, 2011, p. 130).

Para Aristóteles, a argumentação pode ser construída a partir de provas inartísticas, isto é, aquelas que não são produzidas pelo orador; que já existem antes de seu dizer, e as artísticas, aquelas que são produzidas pelo próprio orador. Essas provas argumentativas<sup>4</sup>, segundo o autor, podem centrar-se no caráter do orador (*ethos*), na mobilização das emoções do auditório (*pathos*) e no conjunto de argumentos que apelam à razão e à plausibilidade do próprio discurso (*logos*). Esses três elementos, *ethos*, *pathos* e *logos*, configuram a tríade fundamental do empreendimento persuasivo compreendido pela RC.

Para o autor, como mencionamos, não se pode argumentar sobre aquilo que é evidente; sobre aquilo para o qual se estabelece uma verdade incontestável. A argumentação se estabelece sob o terreno do plausível e do provável, e isso faz com que seja imprescindível para a persuasão

---

<sup>4</sup> Neste trabalho, não aprofundaremos a discussão sobre o *ethos*, *pathos* e *logos*. Apesar de reconhecermos sua importância para os estudos argumentativos na AAD, nossa investigação não recai sobre esses aspectos argumentativos.

o entendimento do conjunto de conhecimentos compartilhados, saberes e crenças admitidas pelo auditório ao qual o discurso é direcionado, pois é o conhecimento desses aspectos que define a modelagem que o discurso deve receber para que se torne eficaz. Compreendendo esses aspectos, a *doxa* diz respeito “ao saber compartilhado de uma comunidade em uma dada época” (AMOSSY, 2018[2000], p. 112) e “se situa no fundamento da verossimilhança sob a qual se apoia o discurso de visada persuasiva” (p. 108).

A *doxa*, ou as *doxas*, correspondem ao conjunto de opiniões compartilhadas por um determinado grupo que orienta as premissas e noções aceitas como plausíveis em determinado contexto. Poderíamos falar que as *doxas* correspondem ao senso comum de um grupo sobre as coisas. Admitindo que a argumentação, como considera a RC, se funda no espaço do plausível, esse conjunto de conhecimentos compartilhados é simplesmente o espaço no qual se fundamenta toda argumentação.

Assim como as provas argumentativas, essa noção importa muito à AAD e demarca, conforme Amossy (2018[2000]), a barreira que estudiosos da AD erigiram entre essa disciplina e a Retórica. Nas palavras da autora: “definir doxa como saber compartilhado é conceber os interactantes como tributários de representações coletivas e das evidências que subjazem seus discursos” (p. 112). Isso implica dizer que o sujeito da NR, por esse olhar (que não é o da NR, mas o da AAD), não seria tão dono de seu dizer, pois poderia modelar estrategicamente seu discurso, porém sempre pisando dentro das margens dóxicas.

Importante destacar que, depois de um longo período de apagamento e deslegitimação<sup>5</sup>, restrita à análise e classificação de um conjunto de figuras, os estudos retóricos clássicos são reavivados a partir dos trabalhos de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca no célebre *Tratado de Argumentação: a nova retórica*. Essa obra é responsável por reestabelecer a questão da eficácia do discurso dentro dos estudos da argumentação.

Para os autores, a argumentação se refere às “técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que lhes apresentam ao assentimento” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2005[1992], p. 4). Em seu tratado, Perelman e Olbrechts-Tyteca tratam de elaborar um grande compêndio classificativo dos tipos de raciocínio e dos argumentos, isto é, das técnicas discursivas que subjazem o discurso persuasivo.

---

<sup>5</sup> Essa deslegitimação ocorre no período da Idade Média, quando o primado da Igreja negava a possibilidade de qualquer debate, defendendo a verdade divina como única, absoluta e incontestável (PAULINELLI, 2014). Essa perda de prestígio da Retórica também ocorre, segundo Plantin (2008), em outro momento histórico: por volta do século XIX, frente à emergência do pensamento positivista. O saber válido, nesse contexto, somente seria aquele suscetível à prova por moldes lógicos de investigação. A argumentação, portanto, não seria forma legítima de prova, de conhecimento, pois, naquela ótica, “nenhuma posição fundada no bom senso, na *doxa* ou nos lugares comuns, pode ser seriamente sustentada.” (PLANTIN, 2008, p. 15).

Conforme Macedo (2018, p. 24), o Tratado imprime “à arte da persuasão um requinte teórico e técnico capaz de fornecer explicações lógicas para questões jurídicas, políticas, entre outras, que se assentassem no razoável, tais como os juízos de valor, que escapam às certezas do cálculo”.

Na NR, os aspectos emocionais e de caráter do orador não recebem o mesmo tratamento que a via racional da argumentação. Nessa perspectiva, ainda que se configure como uma abordagem comunicativa dos discursos argumentativos (na medida em que compreende a argumentação em uma dimensão de troca entre orador e auditório) o *logos* é colocado no centro das preocupações, de modo privilegiado. Assim, na NR, a persuasão se edifica sobre os pilares da razão. Como avalia Macedo (2018, p. 24):

A nova retórica privilegia o *logos* e destina espaço considerável, no Tratado, à descrição das “técnicas argumentativas”. Apesar de alguns argumentos estarem intimamente ligados ao *pathos*, eles são descritos de modo a priorizar sempre seus traços lógicos.

Neste trabalho, não nos dedicamos a esmiuçar o extenso aparato teórico da NR, pois não recaem sobre eles nossos objetivos de pesquisa. Por ora, consideramos importante apenas tratar dos conceitos fundamentais que o edificam e que são retomados pela AAD, como o de *auditório*.

Por auditório, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005[1992] p. 22) compreendem “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação”. A ideia de auditório é central nessa abordagem, assim como na RC, porque “no quadro da análise argumentativa, é preciso destacar que a natureza e o estudo do auditório modificam profundamente a dinâmica da argumentação.” (AMOSSY, 2018[2000], p. 54). Nessa ótica, o conhecimento do auditório ao qual se busca persuadir é essencial ao projeto argumentativo. Saber se adaptar ao auditório, buscar conhecer suas crenças, os valores que compartilham e os conhecimentos que concebem como plausíveis define, desse modo, a eficácia do discurso.

Amossy (2018[2000]) aponta para uma questão importante sobre o auditório tratada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005): a natureza de sua composição. Os autores discutem que é comum determinados auditórios serem compostos por membros que apresentam crenças, valores e posicionamentos ideológicos diferentes, o que exige, assim, um empreendimento argumentativo capaz de agir persuasivamente sobre os diferentes membros.

Conforme a mesma autora, não se deve confundir a ideia de auditório com o público empírico. Nessa abordagem, o auditório se depreende do discurso; é uma ficção verbal, tendo em vista que é o orador que o constrói (e por isso deixa marcas dessa construção em seu dizer)

ao elaborar seu discurso, sempre considerando as diversas características que constituem seu auditório. Essa imagem discursiva que constitui o auditório, elaborada pelo dizer do orador, relaciona-se diretamente à *doxa*.

Outra noção central aos estudos da NR é o *acordo*, princípio que fundamenta qualquer interação argumentativa, uma vez que, para atingir suas pretensões persuasivas, o orador deve pensar em questões que pareçam aceitáveis e próximas ao seu auditório para que esse se proponha a ouvi-lo. Fiorin (2015, p. 91) afirma que:

O ponto de partida comum [acordo] pode ser um fato (por exemplo, ‘A dengue é transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*’); uma suposição (como ‘Todos os políticos são corruptos’); um valor (por exemplo, ‘A pedofilia é inaceitável’); uma norma (como ‘Não se pode fazer publicidade de bebidas’); uma hierarquia de valores (o conteúdo das provas é mais importante do que o modo como foram obtidas), etc.

Nesse sentido, a busca por valores, normas, fatos e suposições são meios essenciais para a construção da argumentação na perspectiva retórica, uma vez que a interação argumentativa somente é possível quando existem pontos de contato; espaços do comum por meio dos quais um auditório se permita receber o discurso do orador. Sem isso, não haveria possibilidade de argumentação (questão que, como veremos a seguir, Amossy (2018[2000]) vê de outro modo, ao tratar da polêmica como uma modalidade argumentativa centrada no desacordo).

Ademais, sobre a NR importa dizer que, mesmo sendo uma importante perspectiva, a qual dispõe dos principais postulados admitidos e ampliados pela AAD, Amossy pontua criticamente o seguinte:

Perelman se concentra menos na análise do discurso argumentativo em seus aspectos linguageiros do que nos esquemas de pensamento que subjazem à argumentação e aos tipos de ligação que a articulam[...]. Ao fazer um repertório dos universais da comunicação argumentativa, ela [a NR] não considera propriamente os funcionamentos linguageiros. Assim, pode-se dizer, com Christian Plantin, que o *Traité de l’argumentation* se preocupa pouco com a linguagem [...]; na busca pela *adesão dos espíritos*, a mediação linguageira tende a desaparecer. (AMOSSY, 2018[2000], p. 23-24 – grifos da autora).

É nessa direção, dos aspectos linguageiros que recebem atenção muito tímida nos estudos da NR, que R. Amossy estende as discussões sobre a argumentação, pensando-a dentro dos quadros comunicativos, institucionais e discursivos, mobilizando os conceitos provenientes das ciências da linguagem para compreender o funcionamento discursivo da argumentação.

Amossy (2018[2000]), desse modo, solicita uma reorientação e integração da argumentação para o campo das ciências da linguagem. Como uma dimensão do discurso, a argumentação deve ser estudada em seu funcionamento discursivo, e isso implica dizer que não

basta simplesmente, em uma análise argumentativa, a elaboração de taxonomias sobre as técnicas argumentativas elaboradas na comunicação persuasiva, como fez a NR. Isso seria insuficiente. Nessa perspectiva, a análise deve buscar “identificar os elementos constitutivos da argumentação discursiva, relacionando-os a uma situação de discurso, a referências de espaço e a um interdiscurso saturado de ideias recebidas e a argumentos pré-formados.” (AMOSSY, 2016, p. 171). Em outras palavras, seria preciso observar a argumentação na malha discursiva em que se constitui.

Dentro do campo das ciências da linguagem, é na AD, especificamente a AD francesa contemporânea, que R. Amossy vê espaço propício para a reorientação dos estudos da argumentação, definindo sua abordagem teórica como uma corrente daquela disciplina preocupada com “o estudo da argumentação e de suas estratégias de persuasão no âmbito do discurso como dizer socialmente situado e constituído” (MACEDO, 2018, p. 38). No entanto, ao propor essa articulação entre AD e estudos retórico-argumentativos, a autora se vê diante de alguns desafios.

Segundo Amossy (2016), por muito tempo as teorias da argumentação e a AD mantiveram um distanciamento entre si, em grande parte pelo fato desses dois campos admitirem noções de sujeito e agentividade divergentes. A ideia de um sujeito dotado de razão, que age por si de modo estratégico, compreendida tanto pela retórica clássica quanto pela nova retórica, ia de encontro à noção de sujeito admitida pela AD, a qual não considera a ideia de sujeito soberano, dono de seu dizer, mas como aquele que manifesta sua palavra sempre sob a determinação da formação discursiva<sup>6</sup> na qual está inserido.

Essas óticas diferentes sobre o sujeito, segundo Amossy (2016), podem justificar a desconsideração de uma possível integração da argumentação no campo da AD, mesmo tendo já sido considerada como uma questão importante para o funcionamento discursivo. Isso é feito por Maingueneau (1991), que abordou a argumentação entendendo-a como um fator primordial para a coerência discursiva (AMOSSY, 2011). A questão não tomou prosseguimento nos estudos desse autor, mas deu fundamento para o que se concretizou na AAD.

---

<sup>6</sup> Conforme aponta Maingueneau (2015, p. 81-94), a noção de formação discursiva (FD) não é bem definida nos estudos do discurso. Apesar disso, com base em suas reflexões, pode-se definir a FD como uma unidade não tópica (isto é, construída pelos analistas com base em unidades tópicas – dadas através das práticas sociais) que comporta um sistema de normas e restrição ideológicas sobre determinados discursos. Conforme o autor, a noção tem sido usada nos estudos da AD como forma de englobar corporas heterogêneos que se concatenam discursivamente (sob olhar do analista) em focos (temas, identidades, entidades), sejam únicos ou plurais. Poder-se-ia falar, nesse sentido, de formação discursiva neoliberal; formação discursiva pró-cloroquina; formação discursiva do feminismo, dentre outras. Essas formações demarcam o que poderia ser dito ou geralmente se diz por parte dos sujeitos que delas fazem parte, quanto a determinadas questões/discursos.

Essa divergência não marca, para R. Amossy, um empecilho para a reorientação da argumentação retórica como parte integrante da AD. Como ressalta Macedo (2018, p. 40):

No âmbito da AAD, o sujeito seria considerado, conforme o papel social que desempenha, como elaborador de um projeto persuasivo constringido por fatores de ordem social, que definem a forma genérica e o pertencimento de sua fala a uma significação social dotada de lugares comuns e de argumentos próprios. Nesse sentido, o discurso e os modos de pensar e de dizer o mundo do locutor são necessariamente vistos como uma resposta, ainda que implícita, às palavras alheias ditas anteriormente.

Desse modo, na AAD, o sujeito não é desprovido de ação e intencionalidade; ele age estrategicamente mobilizando os mais diversos recursos com o objetivo de persuadir ou orientar as crenças e valores de seus interlocutores, mas essa agência é sempre transpassada pelo que se pode chamar de carga dóxica, ou seja, pelo conjunto de valores, crenças e conhecimentos que permeiam o próprio dizer do sujeito e que orientam as possibilidades e formatações de seu discurso. A AAD, portanto, não desconsidera o poder de agência do sujeito retórico nem nega o atravessamento intersubjetivo/dóxico inerente à constituição de seu dizer.

É importante mencionar que, na contemporaneidade das pesquisas em LT no Brasil, principalmente as que têm sido desenvolvidas por membros do grupo Protexito (UFC/ CNPq), é esta noção de sujeito que se admite. Como diz Cavalcante (2016, p. 116):

[...]a LT não lida com a noção de sujeito soberano, que tem absoluto controle de seu dizer. Por outro lado, não lida com a concepção de sujeito completamente constringido por posicionamentos ideológicos. Diferentemente da AD praticada por Maingueneau e seguidores, levamos em conta a intencionalidade do sujeito e seu livre arbítrio para deixar marcas de seus posicionamentos discursivos no contexto.

Percebe-se, portanto, a congruência entre o sujeito da AAD e como é considerado na LT. E pensar o sujeito desse modo, para a LT, no que diz respeito à argumentação, é pensar sobre como os recursos da ordem do texto, seu objeto de estudo, são mobilizados pelos interlocutores para contemplar os seus projetos argumentativos e, mais que isso, como os aspectos da discursividade, isto é, dos valores sociais, dos enquadres sociais e dos elementos dóxicos podem modelar a configuração textual e como podem se refletir nele. Retomaremos, na próxima subseção, essas questões relativas ao lugar do texto nos estudos da argumentação discursiva.

Na concepção ampliada de argumentação em AAD, resultante dessa reorientação teórica, é natural que novas categorias surjam para que o modelo se torne operacionalizável teórico-metodologicamente. Ao defender que a argumentação, enquanto dimensão discursiva, se manifesta em todos os discursos, mas sob modos diferentes, Amossy precisa criar

mecanismos para a investigação/descrição dos modos argumentativos desses múltiplos discursos. Assim, surgem os conceitos de *visada*, *dimensão* e *modalidade argumentativa*.

Disposta em um *continuum* “que apresenta modalidades argumentativas diversas, de tal modo que a argumentação pode revestir-se de aspectos variados” (AMOSSY, 2018[2000], p. 43), a argumentação pode se dar a partir dos discursos nos quais há defesa programada e explícita de uma tese objetivando a persuasão (*visada argumentativa*) ou naqueles em que apenas busca-se questionar valores e/ou agir sobre os modos de ver, pensar e sentir do alocutário (*dimensão argumentativa*).

A redação do Enem, por exemplo, é um gênero provido de visada argumentativa, na medida em que solicita, a partir do que se tem convencionalizado sobre seus aspectos sociorretóricos, a defesa de uma tese sobre um tema específico, para a qual devem convergir diversas estratégias/recursos/argumentos que possam torná-la plausível. Diferentemente, os memes verbo-visuais que aqui investigamos se estruturam enquanto textos de dimensão argumentativa, pois não comportam um projeto argumentativo explícito com vistas à persuasão.

Nessa perspectiva, portanto, todos os discursos são considerados argumentativos, ou seja, possuem dimensão argumentativa, porém nem todos são providos ou admitem *visada*. É o que observamos na maioria dos textos que circulam em redes sociais comumente chamados de memes, como no exemplo a seguir:

**Figura 1** - Presente de grego



Fonte: *Instagram*. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/B9EijEUHod5/?igshid=2w9z6ma0b8qm>. Acesso em: 01 ago. 2020.

A partir de múltiplas semioses, o meme acima, publicado em fevereiro de 2020, trata de modo crítico-satírico as festividades carnavalescas ocorridas nesse período em diversos estados do Brasil, mesmo período no qual começara a despontar a pandemia do Coronavírus no país. O produtor lança mão de uma porção visual viralizada nas redes e usada em diversas outras produções (o que caracteriza esse texto como um meme) que faz alusão à obra épica de Homero, a *Ilíada*, na qual soldados gregos, praticamente derrotados em guerra pelos troianos, oferecem um cavalo de madeira como um “presente” em reconhecimento da força daquele povo que os derrotara na batalha. No entanto, ao ser levado a Troia, o presente revela-se como uma armadilha. Dentro do cavalo de madeira, estavam os soldados gregos que sobreviveram à luta, que acabam por dizimar o exército desprevenido de Troia e vencem a guerra. O termo “presente de grego” vem desse célebre episódio da obra clássica.

No meme, o autor recategoriza o cavalo de madeira como o carnaval, ao mesmo tempo em que associa os soldados em seu interior, como se vê na porção imagética, ao vírus causador da pandemia emergente no mundo. Por essa construção, é possível compreender que o autor do texto acredita que o carnaval, símbolo de confraternização e alegria, na verdade será nocivo à saúde da população, pois propiciará a propagação do vírus no país, assim como o presente dado pelos gregos aos troianos, que resultou na dizimação daquele povo. Nesse texto, não há visada argumentativa, pois não há a defesa expressa de uma tese acerca dos malefícios que as

aglomerações trazidas pelas festividades carnavalescas poderiam causar à saúde pública. Na verdade, a partir das diversas estratégias que o produtor mobiliza para a construção desse meme, ele orienta o interlocutor sobre seu ponto de vista acerca das festividades do carnaval em período iminente de pandemia, que consiste em uma visão negativa, representada de modo satírico, sobre a questão.

Vale salientar que utilizamos “tese” e “ponto de vista” como noções distintas, assim como faz Macedo (2018). Para a autora, a primeira corresponderia “à opinião estrategicamente defendida por um locutor com vistas à sua adesão pelo auditório” e a segunda “à expressão de um modo particular de ver as coisas, que é inerente a todo e qualquer dizer” (MACEDO, 2018, p. 44). Poderíamos dizer, assim, que todo texto possui pontos de vista<sup>7</sup>, mas nem todo texto possui tese (o caso do meme em questão). E, orientados por Amossy (2018[2000]), podemos dizer que esse ponto de vista está necessariamente atrelado aos modos de ver, pensar e sentir do alocutário em uma dimensão argumentativa.

Se observarmos a dimensão argumentativa do meme e fizermos um contraste com a redação do Enem, gênero que admite visada, é possível perceber que, apesar de os dois textos serem argumentativos ao olhar teórico da AAD, são, cada um deles, argumentativos a seu modo. Isso coloca em foco uma questão que é central para a consolidação do modelo teórico-metodológico da ADD: a relação entre argumentação e os gêneros do discurso.

Na RC, Aristóteles classifica os discursos em três gêneros: o deliberativo, aquele no qual o auditório tem o papel de tomar uma decisão, de deliberar sobre determinada questão; o epidíctico, aquele dedicado a apreciação do dizer, e o judiciário, que se destina à finalidade de julgamento por parte do auditório. Apesar de R. Amossy retomar diversos postulados da RC, a classificação de Aristóteles se mostra um tanto estanque ao olhar da AAD. Isso porque Amossy investe em uma abordagem que considere a argumentação, podemos dizer, em sua complexidade, ou seja, nos mais diversos textos, sejam aqueles de visada argumentativa, como o artigo de opinião e a própria redação do Enem, o debate político, ou os de dimensão argumentativa, como os memes verbo-visuais.

Pensar a questão dos gêneros do discurso e sua relação com a argumentatividade, questão central para a ADD e ponto que interliga interesses da AD aos da LT, nossa área de

---

<sup>7</sup> Não dialogamos, neste trabalho, especificamente, com a noção de ponto de vista (PDV) proveniente da perspectiva enunciativo-interacional de Rabatel (2016, p. 30), para quem PDV é uma forma indireta de argumentação, sendo definido “pelos meios linguísticos pelos quais um sujeito considera um objeto” de discurso. Apesar disso, podemos dizer que *os modos de ver, pensar e sentir* podem ser associados aos mecanismos de representação do PDV estudados por Rabatel, em que se estão implicados: a relação locutor-enunciador, a assunção de responsabilidade (*prise en charge*), imputação, responsabilidade enunciativa e as posturas enunciativas. Uma discussão dessa natureza extrapola o objetivo deste trabalho.

investigação (veremos mais sobre isso na próxima subseção), apesar de não ser uma questão central de nossos objetivos de pesquisa, é importante para pensar sobre o *corpus* que nos propomos a analisar. Como discutiremos na seção quatro, os postulados teóricos que guiam nosso trabalho nos orientam a defender que os memes não configuram um gênero. Essa questão traz implicações a nossa pesquisa na medida em que “a argumentação depende diretamente dos quadros discursivos no qual ela se desenvolve” (AMOSSY, 2018[2000], p. 243). Nesse sentido, ainda que não concebamos os memes como um gênero, discutir a construção textual da argumentação nesses textos (o foco de nosso trabalho) implica refletir sobre os quadros discursivos<sup>8</sup> nos quais eles emergem e de que modo argumentam.

Deixando essa questão para *posteriori*, importa dizer que Amossy (2018[2000]) não considera o aspecto genérico em sua abordagem com o intuito de estabelecer taxonomias sobre os tipos de argumentação decorrente em cada gênero discursivo. Diferentemente, a consideração desses aspectos para a análise argumentativa se faz pela necessidade de observação da argumentação dentro dos enquadramentos discursivos e institucionais que regem as interações languageiras, as quais delimitam e orientam os modos como a argumentação se apresenta nos textos.

A consideração de uma abordagem genérica (ou seja, que considera o modo como a argumentação se inscreve nos gêneros) e que admite a argumentação como inerente a todo o discurso implica um olhar mais amplo sobre os diferentes modos sob os quais a argumentação ocorre. A noção de *modalidades argumentativas*, nesse sentido, surge justamente para recobrir as mais diversas interações argumentativas, nas quais a argumentação ocorre sob formas diversas. Como discutimos anteriormente, a AAD não admite a separação entre discursos argumentativos e discursos não-argumentativos. Nessa abordagem, a argumentação se dispõe em um *continuum* de modalidades “que vai do confronto explícito de teses à co-construção de uma resposta a uma dada questão e à expressão espontânea de um ponto de vista pessoal.” (AMOSSY, 2011, p. 131).

Nesse *continuum*, Amossy (2008, p. 232) estabelece algumas modalidades argumentativas, que diriam respeito à “forma como a argumentação funciona” nas práticas languageiras nos mais diversos gêneros. Para a definição, usa critérios que se ligam ao papel enunciativo dos participantes da interação (se são adversários ou parceiros); ao modo como a interação argumentativa é conduzida (com o intuito formativo, racionalizada, emocionada,

---

<sup>8</sup> Compreendemos que Amossy (2018[2000]) refere-se ao contexto comunicativo no qual os gêneros ocorrem e à rede interdiscursiva que os determinam, quando fala em “quadros discursivos”.

dialogada) e ao *status* designado ao interlocutor: se é um ser em formação, se é discordante das postulações, se está mais suscetível às formas mais racionais de argumentação.

Com base nessa observação, dessa disposição dos participantes das interações argumentativas, a autora define como principais modalidades a: (a) *demonstrativa*, na qual o interlocutor busca persuadir o interlocutor por meio de um discurso baseado em provas, apelando às vias da racionalidade, seja ele dialogal ou monogerido<sup>9</sup>; (b) *patêmica*, quando o discurso direciona-se ao interlocutor tentando agir sobre suas emoções para se fazer eficaz; (c) *pedagógica*, quando o locutor se coloca no papel de “professor” e busca ensinar seus interlocutores, que desempenham papel de aprendizes; (d) *negociada*, quando a interação argumentativa é dialogada e há suscetibilidade ao debate entre os interlocutores, os quais visam à deliberação sobre alguma questão; (e) *de construção*, aquela em que há busca conjunta pela resolução de questões suscitadas e (f) *polêmica*, forma de argumentação na qual há presença de teses antagônicas dos interlocutores, os quais tentam agir tanto sobre a argumentação quanto sobre a imagem do argumentador no intuito de desacreditar seus posicionamentos.

É importante dizer que, apesar de existirem gêneros nos quais predominam uma ou outra modalidade (a polêmica no debate político; a pedagógica na aula e na palestra, por exemplo), esta relação não é estanque. A definição das modalidades não cumpre esse papel, mas se propõe a tentar apreender melhor os diversos modos pelos quais a argumentação se dispõe nas interações languageiras. Se pensarmos, por exemplo, nos memes, é difícil definir se se enquadram de forma fixa em uma dessas modalidades. Acreditamos que o contexto de práticas discursivas no qual esses textos são produzidos (*sites* de redes sociais) permite que os aspectos sociorretóricos que envolvem esses artefatos apresentem um grau de instabilidade alta (por isso a dificuldade em estabelecer o meme como um gênero) e, desse modo, tornando instável e difícil de ser aferida a relação dos papéis que ocupam os interlocutores dessas práticas, os propósitos comunicativos e argumentativos que orientam a produção e outras características dessa interação necessárias à definição de uma ou outra modalidade.

Apesar dessa questão ser interessante e instigante – a de analisar como essa “maior instabilidade” ou suscetibilidade à inovação nos aspectos sociorretóricos dos memes se relacionam com a forma como argumentam – é algo que não aprofundaremos neste trabalho. Nos resguardamos à análise de outros critérios (referenciação e intertextualidades), dos quais trataremos na seção seguinte.

---

<sup>9</sup> Depreende-se de Amossy (2018[2000]) que, ao tratar de discurso “monogerido”, em oposição ao discurso dialogal ou poligerido, a autora refere-se aos discursos proferidos por apenas um locutor, isto é, sem a interferência de interlocutores (como seria em um discurso poligerido).

Para encerrar a discussão sobre a AAD, é importante mencionar que todos esses aspectos que discutimos resumidamente situam a abordagem em um quadro *linguageiro* (AMOSSY, 2018), ou seja, em que a argumentação não se concebe simplesmente como operações lógicas e raciocínios estabilizados, mas se constrói “a partir do acionamento dos meios que a linguagem oferece no nível das escolhas lexicais, das modalidades de enunciação, dos encadeamentos dos enunciados(...)” (AMOSSY, 2018[2000], p. 40).

Também a situam em um quadro *comunicativo*, porque observa-se a argumentação sempre inserida dentro de uma relação de interlocução da qual é indissociável; em um quadro *dialógico*, porque se considera que todo discurso age responsivamente sobre os dizeres pré-existentes; em um âmbito *genérico*, pois, como vimos, os enquadres sociais e institucionais modelam os modos como a argumentação ocorre.

Podemos ainda dizer que se situa em um quadro *figural*, pois os efeitos de estilo e as figuras servem de meio para a persuasão e, finalmente, a AAD desempenha uma abordagem *textual*, pois considera que “a argumentação deve ser estudada no nível de sua construção textual, a partir dos procedimentos de ligação que comandam seu desenvolvimento” (AMOSSY, 2018[2000], p. 41).

## 2.2 O lugar do texto nos estudos argumentativos

Pudemos ver até aqui que o argumentar em uma perspectiva discursiva é mais do que gerir desacordos em prol da resolução de problemas e vai além da orquestração de um conjunto de argumentos em discursos em prol da defesa de uma tese. Vimos que, além disso, o fazer argumentativo é algo que recobre toda a intenção de influência sobre os valores e crenças de um interlocutor e que constitui o próprio discurso, na medida em que sua própria existência pressupõe responsividade a um dizer outro. Em resumo, vimos que a argumentação é uma dimensão do próprio discurso. (AMOSSY, 2018[2000]).

A AAD ora apresentada é a perspectiva na qual se encontram os pressupostos sobre a argumentação dos quais lançamos mão para a análise que propomos neste trabalho, isto é, em que nos baseamos para investigar como a referenciação e as intertextualidades atuam para a textualização da argumentatividade nos memes. Dessa forma, nosso interesse, enquanto estudiosos do texto, não recai sobre a problemática da argumentação em si; sobre seu funcionamento retórico-discursivo, mas sobre as categorias do texto que viabilizam sua textualização. Nesse sentido, como não se trata de uma análise discursiva, mas textual, é

necessário que discutamos sobre o lugar que a LT – e seu objeto, o texto – ocupam dentro dos estudos da argumentação. A essa tarefa dedicamos esta parte da seção.

A LT, disciplina que se propõe a “descrever e explicar as estratégias de colocar em texto (isto é, de textualizar) as tentativas de influência dos interlocutores que agem em práticas discursivas convencionadas como gêneros do discurso” (CAVANCANTE *et al*, 2019, p. 38), tem compreendido o texto enquanto *evento enunciativo*; como...

uma abstração, um enunciado que tem uma unidade negociada e contextualizada de coerência, além de ter início, meio e fim. Essa unidade de sentidos – objeto de análise da LT - é abstraída das relações dialogais e dialógicas e define seus limites, como texto, quando acontece como evento comunicativo único, irrepitível e conclusivo. (CAVANCANTE, 2016, p. 114).

Compreender o texto enquanto evento, ideia retomada do que postulava Beaugrand (1997) e reverberada na disciplina por Marcuschi (2008), implica dizer que o texto acontece a cada vez no contexto de interação, de modo único e irrepitível, dependendo diretamente dos diversos fatores (contextuais, sociais, comunicacionais, cognitivos e discursivos) para que possa se construir enquanto unidade de coerência em contexto. Em outras palavras, ainda que uma mesma materialidade cotextual (parte do texto perceptível pelos sentidos) possa ser apresentada em interações diferentes, não seria considerado um único texto, pois os sentidos construídos, edificados em meio a outros contextos por sujeitos diferentes, seriam outros. Tomemos o texto a seguir como exemplo:

**Figura 2** - Meme uma nova suprema



Fonte: *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CGkx-S0nqgU/>. Acesso em: 10 out. 2020.

Esse meme<sup>10</sup>, produzido e propagado em *sites* de redes sociais, assim como está aqui colocado, pode ser compreendido de diversas formas; gerar efeitos de sentidos diversos que, sem dúvida, apresentarão singularidades para a cada leitor que se depare com ele. Isso se dá porque os conhecimentos de mundo, o nível de informações sobre seu contexto sociocomunicativo de produção e autoria, assim como a ativação dos diversos outros textos que ancoram essa produção interferem diretamente na produção de sentidos e, conseqüentemente, na unidade de coerência desse texto.

O meme em questão introduz, de modo comparativo, imagens de duas garotas que “viralizaram”, ou ainda, que “viraram meme”, nos *sites* de redes sociais depois de terem vídeos amplamente divulgados. Nos vídeos, as garotas apareciam ironizando (debochando), de modo muito peculiar, questões corriqueiras da vida cotidiana. A garota ilustrada na porção imagética da direita ficou famosa por sua postura de avaliação negativa e irônica para com a apresentação musical de sua amiga na rua<sup>11</sup>. Seu comportamento cômico rendeu-lhe o *status* de “rainha do deboche” dentre os usuários do *Instagram* e outras redes.

Esse seu comportamento é retomado no texto e associado à outra garota que, mais recentemente, agiu também de forma irônica em um vídeo<sup>12</sup> que viralizou nas redes. Por esse motivo, a menina é comparada pelo produtor à outra garota a partir da sequência verbal “quando uma nova suprema surge, a anterior vai ficando cada vez mais fraca”. Nessa frase, ainda há outro intertexto importante para o estabelecimento dos efeitos de sentido pretendidos pelo produtor. O termo “suprema” alude à série americana *American Horror Story*<sup>13</sup>, produzida entre os anos de 2016 e 2020, que, em uma de suas temporadas, traz uma narrativa sobre um *coven* de bruxas no qual, a cada período, sua líder (a suprema) passaria por um período de declínio para que outra tomasse seu lugar na hierarquia. Esse intertexto se estabelece para marcar o efeito de sentido segundo o qual esse novo meme seria tão cômico quanto o anterior e que o “reinado” daquela garota enquanto figura cômica teria terminado mediante o novo vídeo viralizado.

Sem dúvida, até a própria leitura que acabamos de fazer é apenas um dos diversos modos de compreender, ou seja, de ir tecendo junto a essa materialidade cotextual as diversas

---

<sup>10</sup> Chamamos esse texto verbo-visual de meme pelo fato de apresentar, em sua construção, elementos meméticos (explicaremos melhor o que concebemos por essa noção na seção 4). Nesse caso, considera-se a porção visual viralizada nas redes sociais.

<sup>11</sup> Link para o vídeo que viralizou: <https://www.youtube.com/watch?v=yTSuaaN3crs>. Acesso em: 10 out. 2020.

<sup>12</sup> Link de acesso ao vídeo: <https://www.megacurioso.com.br/estilo-de-vida/116508-maria-eduarda-briga-com-irma-em-aniversario-e-a-internet-delira-video.htm>. Acesso em: 10 out. 2020.

<sup>13</sup> Mais informações: Link: <http://www.adorocinema.com/series/serie-10001/temporada-21861/>. Acesso em: 10 out. 2020.

informações que tornarão possível fazer coerente esse texto, o que será diferente para cada leitor que o tomar em um tempo diferente, sob outras condições. Como afirmam Cavalcante *et al.* (2019, p. 33):

a investigação dos mecanismos utilizados pelos sujeitos para dar sentido ao que produzem e compreendem deve ser estabelecida tomando por base, sempre, a interação e todo o contexto social que ela incorpora. Isso pressupõe assumir a importância capital de outras instâncias além da materialidade (linguística, visual, sonora), tais como os papéis sociais que os interlocutores assumem, as coordenadas dêiticas de pessoa, tempo, lugar e modo em cada campo mostrativo instaurado pelo texto, o compartilhamento de esquemas mentais ressignificados a cada uso e os pontos de vista assumidos ou rechaçados frente a crenças e valores sociais.

Em outras palavras, o texto, ultrapassando o que é de ordem material, só é texto em contexto e, a cada contexto de interação, se faz inédito e único para cada leitor.

Além dessa questão, a LT, atualmente, tem buscado compreender o texto em sua complexidade constitutiva, ou seja, em suas mais diversas formas de composição e ocorrência, entendendo que as diversas semioses, para além da verbal, concorrem para a construção dos sentidos. Essa tese vem sendo defendida por muitos trabalhos em LT na atualidade, dos quais podemos citar Cavalcante e Custódio Filho (2010), Custódio Filho (2011), Silva (2016), Lima (2017), Carvalho (2018) dentre outros.

Essa consideração, já bem ilustrada nesses trabalhos, pode ser verificada no próprio meme que apresentamos. A semiose visual, mais do que ser coadjuvante para a compreensão da porção verbal do texto, é essencial para a construção da unidade de sentido, ou seja, da coerência. Dessa forma, uma análise de texto *verbocêntrica* (CUSTÓDIO FILHO, 2011), que privilegiasse ou delimitasse o texto enquanto um objeto construído dentro dos limites linguísticos jamais daria conta da explicação dos memes que aqui nos propomos a investigar.

No âmbito da LT, todo texto, visto sob esse olhar ampliado, compreende uma dimensão argumentativa na medida em que “todo texto visa (explicitamente ou não) a agir sobre as representações, crenças e/ou comportamentos de um destinatário” (ADAM, 2019, p. 83). Do mesmo modo, sob influência de Amossy (2018[2000]), compreende-se que todos os critérios de textualização (*intertextualidade, composicionalidade, referenciação, articulação tópica*, dentre outros) são “motivados por uma tentativa de explicação para as escolhas textuais pelas quais o sujeito age sobre o seu dizer, reelaborando-o a todo instante, negociando-o com os prováveis interlocutores (em seus papéis sociais), para atender a seus propósitos.” (CAVALCANTE, 2016, p. 116).

As considerações e interesses por essa argumentatividade dos textos, apesar de representar uma das principais preocupações da LT brasileira, não inaugura as discussões sobre

essa questão na disciplina. Ducrot (2009) é o grande responsável por influenciar as investigações sobre esse tema no campo da Linguística. A partir de uma perspectiva estrutural/formal de linguagem, Ducrot desenvolve o que chama de Teoria da Argumentação na Língua (TAL), segundo a qual a argumentação consiste em um fato da língua e se refere à orientação de sentidos permitida e provocada pelos encadeamentos enunciativos, no nível formal.

Essa perspectiva foi (e ainda é) tomada como pressuposto em diversos estudos na LT. Dentre eles, o mais célebre é a obra *Argumentação e Linguagem*, de Koch (2006[1984]), na qual a autora descreve uma diversidade de elementos linguísticos pelos quais a orientação argumentativa dos textos pode ocorrer (pressuposição, tempos verbais, modalização, marcadores argumentativos etc.).

Convém notar que o conceito de argumentação de Ducrot em nada se aproxima da noção retórica que discutimos há pouco, a qual fundamenta os estudos da AAD. Para o autor, a argumentação linguística comporta

os segmentos de discurso constituídos pelo encadeamento de duas proposições A e C, ligadas implícita ou explicitamente por um conector do tipo *donc* (portanto), *alors* (então), *par conséquent* (consequentemente) ...Chamarei A o argumento, e C a conclusão. Essa definição pode ser estendida aos encadeamentos que ligam, não duas proposições sintáticas, mas duas sequências de proposições, por exemplo, dois parágrafos de um artigo. (DUCROT, 2009, p. 20-21).

Como se pode ver, a argumentação em Ducrot refere-se à orientação enunciativa (em sentido estrito/formal) para determinadas conclusões. E, fundada em uma perspectiva estrutural, a TAL considera “unicamente a persuasão pela palavra, pelo discurso<sup>14</sup>” (DUCROT, 2009, p. 20).

Por centrar-se na língua e somente nela, a TAL acaba sendo um campo bastante restritivo à investigação do fazer argumentativo dos textos, do modo como aqui nos propomos a investigá-los. Por ser verbocentrada, esta teoria não conseguiria explicar como os elementos que compõem nosso *corpus* (os memes verbo-visuais) atuam para a construção argumentativa, uma vez que se edificam sob semioses múltiplas. É por esse motivo que não utilizamos a TAL como base para a investigação que aqui fazemos.

Além de Ducrot, uma outra via pela qual o tema da argumentação parece na Linguística (Textual) é pelos trabalhos de Adam (2019), a partir da sua *Análise Textual dos Discursos* (ATD). É dele (juntamente a Amossy) que advém a ideia de que todo texto possui uma

---

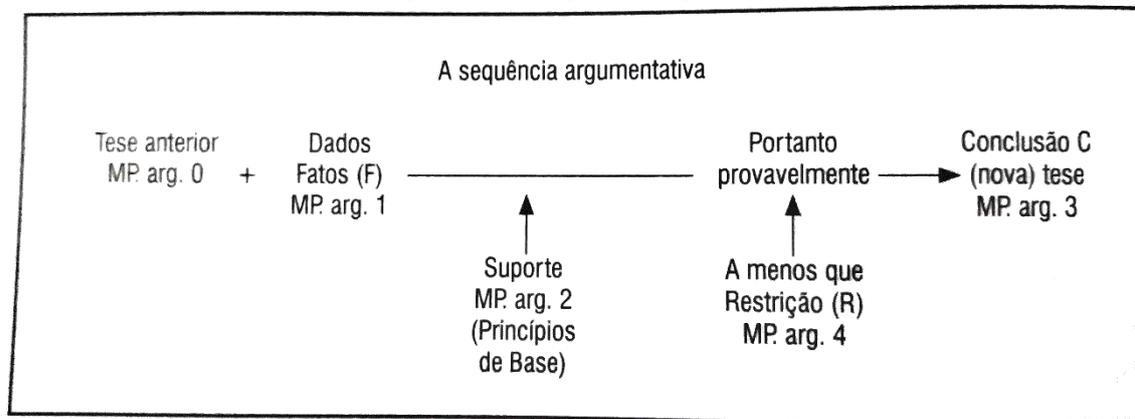
<sup>14</sup> Na TAL, discurso equivale a um conjunto estruturado de enunciados (em sentido estrito/formal).

dimensão argumentativa. Em seus trabalhos, o autor se preocupa em estabelecer o que vai chamar de sequências textuais prototípicas. Em suas palavras:

Falo de sequências prototípicas na medida em que é em relação a um reconhecimento de formas culturalmente adquiridas que um seguimento de texto pode ser interpretado como uma sequência mais ou menos narrativa, argumentativa, ou descritiva etc. (ADAM, 2019, p. 63).

Nos estudos de Adam, desse modo, as sequências corresponderiam a estruturas linguístico-textuais formadas por um número limitado de elementos/enunciados que a compõem sob uma organização pré-formatada e as definem em cinco tipos diferentes: a narrativa, a descritiva, a explicativa, a dialogal e a argumentativa. Na imagem abaixo, ilustramos essa última:

**Esquema 1 - Sequência argumentativa**



Fonte: Adam (2019, p. 164).

Como podemos ver, o modelo de sequência argumentativa de Adam erige-se a partir de um fato, que pode ser introduzido por uma tese anterior, a qual orienta a uma conclusão, podendo passar por uma restrição.

Apesar da relevância inquestionável da teoria, a noção de sequências, assim como a perspectiva de argumentação de Ducrot, não conseguiria dar conta da investigação textual-argumentativa dos memes verbo-visuais. Como pudemos ver, tanto a perspectiva de Ducrot quanto a sequência de Adam privilegiam a semiose verbal e centram sua ideia de argumentação nos conectivos linguísticos, recurso que é escasso nos textos que analisamos. Neles, a argumentação se dá sob outros modos, dentro de uma dimensão argumentativa que pode ser melhor explicada a partir de critérios textuais e com base em pressupostos argumentativos mais ampliados, como aqueles comportados pela AAD.

É por esse motivo que, dentre as diversas correntes de estudos argumentativos com as quais a LT pode estabelecer diálogo, escolhemos a AAD, perspectiva apontada por Cavalcante

(2016) como a corrente mais profícua para a reflexão sobre o fazer argumentativo dos textos.

Nessa possibilidade de diálogo, segundo a autora, a LT, ao se propor a observar a argumentação, não o faria tomando o fenômeno como um de seus objetos. Como assevera a estudiosa:

O objeto de investigação da LT não é, pois, a argumentação, nem são as práticas discursivas ou suas evidências semânticas em formações discursivas, nem é a representação cognitiva dos conceitos que embasam os sentidos textuais. Nunca foi tradição da LT propor um aparato metodológico da argumentação, embora todas as explicações relativas a estratégias de organização textual sejam justificadas pela necessidade de descrever como as unidades de análise textual podem ser arranjadas e dispostas de modo a tornar persuasivo o projeto de dizer do locutor. Não é tarefa da LT descrever as práticas discursivas em termos de suas restrições semânticas globais. *Cumpramos descrever o texto, que se estabelece nessas práticas discursivas.* (CAVALCANTE, 2016, p. 114, grifos nossos).

Essa citação é extensa, porém necessária à discussão, pois esclarece o lugar que a LT ocupa diante do objeto argumentação, ou seja, o de descrever as estratégias textuais que permitem sua textualização e não a tomar diretamente como objeto teórico.

Seguindo essa linha de pensamento, Macedo (2018) estabelece uma proposta de articulação entre os estudos da LT e AAD (AMOSSY, 2018[2000]), defendendo que a análise dos critérios de ordem textual “podem ampliar as possibilidades de desvelamento da argumentatividade em situações concretas de usos da linguagem” (MACEDO, 2018, p. 81), ao mesmo tempo em que permite esclarecer de modo mais aprofundado as formas pelas quais a argumentatividade dos textos é construída, estabelecendo assim uma relação de “retroalimentação” entre as disciplinas.

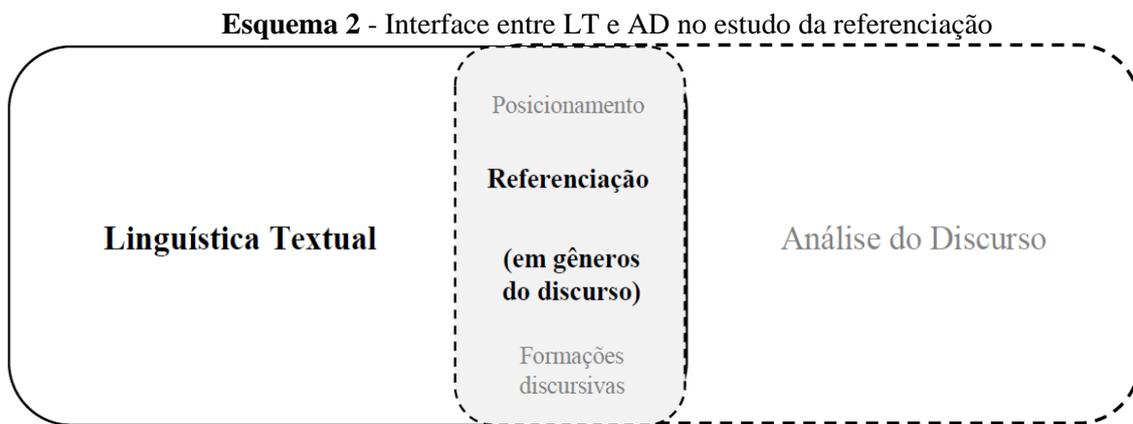
Naturalmente, como em qualquer proposta de articulação, são necessárias ponderações sobre os termos que permitirão sua operacionalização. O primeiro deles é esclarecer a noção de texto que a AAD apresenta e sua relação com a noção de discurso. Consequentemente, essa reflexão leva também à necessidade de esclarecimentos sobre como a AD, campo no qual se insere a AAD, pode se articular aos postulados da LT.

Em Amossy (2018[2000]), quando a autora trata do texto como “um conjunto coerente de enunciados que formam um todo” (p. 41), podemos perceber que a noção adotada por ela é mais estrita do que aquela que discutimos há pouco. E isso não nos causa estranheza, uma vez que o interesse central dos analistas do discurso não recai sobre o objeto texto, na verdade ele detém interesse episódico dos que estudam o discurso. Em AD, como bem lembra Oliveira (2020), o texto é compreendido como uma estrutura na qual os discursos se materializam. Coerentemente com os interesses da disciplina, a preocupação está, pois, no discurso, e o texto

é observado apenas para que se possa visualizar esse outro, que de fato é o objeto teórico da AD. A preocupação com a observação integral do texto e sua descrição é da alçada de nós linguistas do texto, que o entendemos para além da materialidade semiótica.

O ponto que faz o elo entre esses dois objetos, texto e discurso, é o gênero, assim como postulado por Adam (2019) em sua análise textual dos discursos. Esta é uma questão fundamental para a AAD, como vimos, e central para o estudo da argumentação em perspectiva textual. Como ressalta Macedo (2018), o gênero do discurso é um critério/tema que interessa tanto aos analistas do discurso quanto aos linguistas do texto, pois permite a visualização tanto de questões ligadas à discursivização quanto à textualização. Em AD, os gêneros são entendidos como “um modelo discursivo que compreende um conjunto de regras e funcionamentos e restrições” (AMOSSY, 2018[2000], p. 245) das interações comunicativas.

Por esse interesse mútuo, conforme Macedo (2018), o gênero entra como o principal critério de estabelecimento dessa interface. Além disso, a autora justifica também que a centralidade dessa noção para a AAD e a relação intrínseca que estabelece entre um texto e um contexto sociodiscursivo, dentre outros fatores, salientam a importância da integralização dessa noção em sua proposta. Trazemos, a seguir, o esquema elaborado pela autora que ilustra, dentre outras questões, a disposição dos gêneros do discurso em uma abordagem que interligue AD e LT<sup>15</sup>.



<sup>15</sup> Em contraposição à relação de subordinação estabelecida por Adam (2019, p. 35) entre LT e AD, o qual classifica a primeira como uma subárea da última, Macedo (2018) reconhece as disciplinas igualmente colocadas dentro do quadro de disciplinas das ciências da linguagem, sem concebê-las em uma relação hierárquica. A autora sustenta que os elementos da textualidade estão simplesmente condicionados por questões socio-ideológico-discursivas, as quais se materializam por meio deles, mas que atuam também na própria instituição dessas questões. Por esse motivo, Macedo (2018) defende uma relação de igualdade, bidirecionalidade e retroalimentação na interface entre a LT e a AD.

De acordo com o esquema, posicionamento e formações discursivas, marcados em tom mais claro, representam maior interesse à AD, apesar de também agirem sobre a textualidade. Em tom mais escuro, a referenciação, tema importantíssimo para os estudos do texto, e os gêneros do discurso, marcando a relação discurso/texto que se estabelece quando se discute sobre esses critérios.

No capítulo em que estabelece os parâmetros de interface entre as disciplinas, Macedo (2018), além dos gêneros do discurso, defende que os critérios da referenciação, da intertextualidade e a composicionalidade (plano de texto e sequências textuais) são os meios pelos quais a argumentação discursiva se coloca em texto e por meio dos quais se pode analisar o funcionamento textual da argumentação. A própria opção por um gênero, como ressalta a autora, já demarca uma orientação argumentativa. Acerca desses critérios, nos interessa, principalmente, para esse trabalho, as considerações feitas pela autora sobre a *referenciação* e as *intertextualidades*; sobre o modo como fazem ver a dimensão argumentativa dos textos. Tomando como base esses postulados desenvolvidos por Macedo (2018), que serão retomados e expandidos na seção de análises, tentaremos compreender como a referenciação e as relações de intertextualidade atuam para o fazer argumentativo em memes.

Até aqui, buscamos discorrer sobre o lugar que ocupa o texto e as preocupações pertinentes a um linguista do texto quando se propõe a observar questões relacionadas à argumentação. Depois de um breve resumo sobre a AAD de Ruth Amossy e os fundamentos retóricos que subjazem sua teoria, apresentamos os termos estipulados em Cavalcante (2016) e, sobretudo, em Macedo (2018), pelos quais seria possível um diálogo teórico entre os estudos argumentativos e a LT. Na próxima seção, reservaremos espaço à discussão acerca de dois dos critérios de textualidade que Macedo (2018) aponta como possíveis de tornar mais visível o fazer argumentativo dos textos: a referenciação e as intertextualidades.

### **3 CRITÉRIOS TEXTUAIS PARA A ANÁLISE ARGUMENTATIVA DOS MEMES VERBO-VISUAIS**

Anteriormente, vimos que a argumentatividade atravessa todos os discursos e discorremos sobre as perspectivas que assim concebem o fenômeno. A partir da abordagem textual da argumentação nos discursos, pudemos perceber, conforme Macedo (2018), que essa argumentação pode ser analisada nos textos a partir de elementos que não sejam simplesmente gramaticais ou linguísticos. Nesta seção, aprofundaremos a discussão acerca dos dois critérios de textualidade que utilizamos para analisar a construção textual da argumentatividade dos memes: a *referenciação* e as *intertextualidades*.

No primeiro momento, discutimos sobre a perspectiva sociocognitiva de Mondada e Dubois (2019[1995]), que rompe com a abordagem referencialista da referência e passa a entendê-la enquanto um fenômeno complexo e multifacetado de construção de entidades cognitivo-discursivas (referentes/objetos de discurso). Ainda, discutimos sobre os trabalhos iniciais do tema no campo da LT brasileira (MARCUSCHI; 1999; 2001; KOCH e MARCUSCHI, 1989) e, principalmente, sobre as ampliações e avanços postulados por trabalhos mais atuais quanto à referenciação (CAVALCANTE, 2011; CUSTÓDIO FILHO; 2011; CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO E BRITO; 2014; MATOS, 2018).

Depois disso, tratamos acerca do fenômeno da intertextualidade, compreendido, neste trabalho, conforme Cavalcante, Faria e Carvalho (2017, p. 11) “como fenômeno textual-discursivo que abriga, de forma mais ou menos explícita, as relações entre textos, gêneros e estilos”. Discutimos sobre os postulados introdutórios concernentes ao fenômeno e, posteriormente, apresentamos a proposta classificatória de Carvalho (2018) que, a partir dos postulados de Genette (2010), reorganiza os tipos de intertextualidade classificando-os em intertextualidades estritas e amplas.

#### **3.1 Da referenciação aos processos referenciais**

Quando nos propomos a falar sobre referenciação, estamos nos colocando diante de uma discussão acerca das relações entre a linguagem e a realidade extralinguística, relações essas que, antes de interessarem aos estudiosos do texto, foram – e continua sendo – foco de atenção de filósofos, lógicos, semanticistas, semiólogos e cientistas da cognição, como afirmam Koch

(2003) e Cavalcante (2011). Não seria de estranhar, portanto, que, para esses diversos campos científicos, a questão da referência fosse compreendida sob pontos de vista diferentes.

No paradigma filosófico, por exemplo, preocupado não com a linguagem em si, mas com a racionalidade humana (o conhecimento e “a” verdade sobre as coisas), toma-se a questão da referência sob um ponto de vista ontológico e objetivo. Nessa perspectiva, que bem se ilustra nos trabalhos do filósofo e lógico Glotob Frege (2011[1892]), a linguagem é entendida como um meio direto de representação das coisas do mundo e a realidade como o universo empírico construído por esses objetos, sempre estável e imutável. Por essa ótica, as palavras e expressões linguísticas serviriam simplesmente como etiquetas para nominar/descrever os objetos de mundo. Analisar a relação entre linguagem e realidade, assim, seria verificar as condições de verdade que as palavras e expressões linguísticas admitiriam ou não, de acordo com o conhecimento sobre objetos dispostos na realidade empírica denotados por essas expressões.

Essa visão referencialista/ontológica da referência, que ainda hoje orienta estudos em Semântica Formal (BASSO, 2019), se distancia do que admite a LT quando trata do assunto. Os postulados que fundamentam os estudos dessa disciplina fincam suas raízes em uma perspectiva sociocognitiva de referência, inaugurada nos trabalhos de Mondada (1994)<sup>16</sup> e Mondada e Dubois (2019[1995]), que recusam a ideia de que a linguagem funcione como um sistema de etiquetagem dos objetos de mundo, no estabelecimento de uma relação direta entre esses objetos e as formas linguísticas. De modo oposto, as autoras defendem que a realidade é constitutivamente instável e seus objetos, nunca prontos nem acabados, passam a ser (re)construídos no curso do trabalho linguístico, de forma complexa, dinâmica e processual, diferentemente do que postula a abordagem vericondicional. Por assim pensarem, Mondada e Dubois (2019[1995]) preferem a utilização do termo *referenciação* para marcar essa maneira processual e não objetiva de conceber e tratar a questão da referência.

Nessa abordagem, os referentes não são mais compreendidos enquanto entidades empíricas dispostas no mundo, as quais são referidas diretamente pelas palavras e expressões linguísticas. Diferentemente, Mondada e Dubois (2019[1995]) compreendem que, no curso das interações, os sujeitos, sempre inseridos em contextos específicos, constroem *entidades discursivas* que representam não os objetos empíricos, mas versões negociadas da realidade resultantes de suas práticas discursivas/textuais. Dentro da negociação de sentidos que se faz

---

<sup>16</sup> A tese de Lourenza Mondada (1994) inaugura a perspectiva sociocognitiva de referência, negando uma visão referencialista e apriorística de língua(gem) adotada por correntes filosóficas e lógicas. A autora, abandonando o termo referência, passa a defender a referenciação como um processo dinâmico e complexo de (re)construção de realidades que ocorre a partir do trabalho linguístico dos sujeitos, no âmbito cognitivo/discursivo.

em uma conversa entre namorados, por exemplo, a palavra “gato” pode surgir sem que esteja se tratando do animal doméstico, mamífero, quadrúpede e de pequeno porte existente no mundo, mas simplesmente como uma expressão linguística para marcar o referente “namorado” e o ponto de vista que a outra parte detém sobre ele (que é belo). É por conceber dessa forma os referentes que Mondada e Dubois (2019[1995]) preferem chamá-los de *objetos de discurso* (OD) e não de objetos de mundo, pois essa nova nomenclatura demarca a ideia de que é no âmbito discursivo que os referentes são construídos.

Nessa abordagem processual, que entende a referenciação enquanto resultante de um trabalho discursivo, é cara a ideia de que *a realidade é constitutivamente instável* e que, desse modo, o processo de referenciação funciona sempre como *uma forma de (re)elaboração do real*. Para Mondada e Dubois (2019[1995] p. 22), as categorias nas quais os objetos de discurso são enquadrados são “instáveis, variáveis e flexíveis”, e isso implica dizer que os “mesmos” objetos podem se constituir a partir de enquadres de sentido diversos. Se tomarmos como exemplo a construção do OD (ou referente) Jair Bolsonaro, homologado nos dois textos abaixo, que foram publicados em páginas diferentes do *Instagram* no ano de 2020, poderemos visualizar essa instabilidade de categorias nas quais o referente é inserido:

**Figura 3** - Antes do governo



Fonte: *Instagram*. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CEz0FWtJtVx/?igshid=1hn743d54nmoa>. Acesso em: 29 ago. 2020.

**Figura 4 - O louco**



Fonte: *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-Ix7PcJeW3/?igshid=1kacu47p4ks05>. Acesso em: 29 ago. 2020.

Na figura 3, o produtor do texto tenta estabelecer uma comparação entre a atuação dos governos do ex-presidente Lula e do atual, Jair Bolsonaro, ambos representados imgeticamente, com a imagens de uma suposta rodovia ao fundo. Na porção imagética associada ao ex-presidente, essa rodovia aparece mal cuidada e sem asfalto. Já na porção imagética associada ao atual presidente, o espaço é representado por uma imagem de uma rodovia asfaltada e bem cuidada, de modo a orientar a compreensão de que Bolsonaro estaria exercendo sua função de modo mais eficiente do que fizera o ex-presidente. Esse referente (Bolsonaro) já não é o mesmo que se constrói na imagem quatro, apesar de ambos apontarem para a figura do presidente. Nessa imagem, Bolsonaro aparece travestido com uma camisa de força juntamente à faixa presidencial brasileira, passando a ter, dessa forma, seu comportamento político (infe-re-se a partir da faixa) associado ao de um louco.

Esses dois modos de referenciar, ou *recategorizar* o presidente (de um lado representado como competente e de outro sob o enquadre da loucura) mostram justamente que a realidade é instável e, desse modo, os elementos que a constituem são sempre (re)trabalhados e (re)elaborados no processo de referenciação, nas interações, como defendem Mondada e Dubois (2019[1995]), evidenciando que “a discretização do mundo empírico não é um dado apriorístico e sim uma elaboração cognitiva” (KOCH; MARCUSCHI, 1998, p. 173).

A partir disso, Mondada e Dubois (2019 [1995]) postulam que, sendo a realidade constitutivamente instável, os objetos de discursos (e conseqüentemente a referenciação) *resultariam sempre de um processo de negociação*. Como pudemos ver a partir das duas

figuras, os objetos de discurso são sempre versões perspectivadas da realidade, e isso implica uma instabilidade constitutiva dos referentes, uma vez que não estão dados *a priori* para serem denotados, mas são construídos no processo de interação. Essa instabilidade, como já vimos, é o que permite referir-se ao presidente Jair Bolsonaro sob categorias diversas (presidente eficiente/ um louco). Tais características que vão delineando uma ou outra forma de (re)construir o objeto do discurso são resultantes de acordos estabelecidos durante a interação entre os sujeitos, sejam elas dialogais ou não, na concordância ou discordância, a partir de uma negociação de sentidos que vai aos poucos definindo os aspectos do referente sob o qual ele é perspectivado.

Esse princípio característico do processo de referenciação fica ainda mais evidente quando observamos, no meme abaixo, como o referente Brasil – e importante dizer: que não é a palavra “Brasil” nem as imagens apresentadas, mas o objeto de discurso marcado por esses elementos – vai passando por diferentes enquadres de sentido; sendo estabilizado e desestabilizado e dinamicamente se estabelecendo no texto:

**Figura 5** - Como o Brasil se vê



Fonte: *Instagram*. Disponível em:

<https://www.facebook.com/675435246177307/posts/1469329696787854/>. Acesso em: 01 set. 2020.

Na “primeira parte” desse meme, repleto de intertextos, a figura robusta e imponente do *Superman*, famoso super-herói do universo dos quadrinhos e do cinema, é utilizada pelo locutor

para recategorizar o referente Brasil, que passa a ser associado às principais características que definem o super-herói mencionado, isto é, ao patriotismo, à força, ao caráter, à beleza e à robustez, dando assim ao referente o *status* de país igualmente forte e robusto. Diferentemente, na segunda parte do texto, esse referente muda de *status* quando é recategorizado por outra porção imagética, dessa vez uma que traz a representação do *Capitão Pátria*, um anti-herói de caráter duvidoso definido como uma espécie de paródia do *Superman* na série estadunidense *The Boys*. A partir dessa recategorização, que solicita do leitor diversos conhecimentos e acionamento de intertextos, o referente Brasil passa a ser apreendido como um país imoral e antipatriota, principais características do personagem *Capitão Pátria*.

O mesmo se segue com as outras duas partes do meme, quando outros elementos imagéticos são mobilizados pelo locutor para (re)categorizar o Brasil, modificando-o novamente no universo textual. O referente, assim, entra no texto como que em um jogo cujos participantes vão *ativamente* (como bem pontuam, mais recentemente, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014)) modelando-o: o locutor orchestra os diversos elementos que vão constituir o texto, tentando estabelecer relações que possibilitem a recuperação do referente por parte do leitor. Este, por sua vez, tenta, com base em seus conhecimentos e olhando os espaços que permeiam essa interação, compreender os sentidos possíveis dentro dessa negociação, estabelecendo conjuntamente as regras do que é ou não é possível, fazendo assim o jogo prosseguir. Em outras palavras, “pode-se dizer que a realidade empírica, mais do que em uma experiência sensorial especularmente refletida pela linguagem, é uma construção da relação do indivíduo com a realidade”. (KOCH; MARCUSCHI, 1998, p. 173).

Nessa linha de pensamento, os autores inserem o processo de referenciação *dentro de um quadro sociocognitivo*, no qual as formas de apreensão dos objetos de discurso dependem diretamente dos diversos conhecimentos dos interlocutores, bem como das convenções estereotípicas construídas em sociedade por meio do trabalho linguístico. Retomando mais uma vez o último exemplo (figura 5), podemos perceber que a (re)construção do referente Brasil e das diversas recategorizações pelas quais ele passa no texto somente é possível a partir da mobilização de diversos conhecimentos que são solicitados ao interlocutor, os quais vão sendo adquiridos ao longo das experiências socio-históricas dos sujeitos em sociedade. Nesse meme, especificamente, exige-se do interlocutor o acionamento de diversas relações intertextuais, que dependem de informações acerca dos universos cinematográfico e dos quadrinhos e, sobretudo, acerca das principais características dos personagens que constituem o meme.

### 3.1.1 Estudos da referenciação na LT brasileira: primeiros passos

Os trabalhos sobre o tema da referenciação no Brasil, no campo da LT, podem ser apontados já nas importantes discussões de Ingedore Koch, durante a década de 1980, sobre a coesão textual, isto é, sobre as relações de sentido estabelecidas entre elementos do texto (nessa época, especificamente, os linguísticos), noção que tomava como pressuposto os postulados da Pragmática, a partir de Halliday e Hasan (1976). Koch (2010 [1989]) amplia e reorienta a discussão proposta pelos autores e passa a definir, como um tipo específico de coesão, a coesão referencial, correspondente às ligações correferenciais de sentido estabelecidas entre elementos linguísticos na superfície cotextual, a qual garantiria a progressão temática e sequenciação do texto.

A partir dessa definição, a autora passa a investigar os principais elementos de ordem linguístico-gramaticais que são responsáveis pelo estabelecimento da *coesão referencial* nos textos. Exemplifica, dentre muitos elementos, os pronomes, os artigos definidos e indefinidos, a elipse e os advérbios. Se observarmos o exemplo a seguir, podemos evidenciar alguns desses elementos referenciais coesivos apresentados por Koch (2010[1989]):

#### Exemplo 1 - o gato bilíngue

##### Em um mundo bilíngue até Gato sabe latir!

O **ratinho** estava na toca e do lado de fora o gato:

-MIAU, MIAU, MIAU...

O tempo passava e **ele** ouvia:

-MIAU, MIAU, MIAU...

Depois de várias horas e já com muita fome, **o rato** ouviu:

-AU! AU! AU!!!

Então **ele** deduziu: “Se tem cachorro lá fora, o gato foi embora”. Saiu disparado em busca de comida. [Ø] Nem bem saiu da toca, o gato CREU!...

Inconformado, já na boca do gato, [Ø] perguntou:

– Poxa gato!!! Que palhaçada é essa, você latindo???

E o gato respondeu:

– Meu filho. hoje nesse mundo “globalizado” quem não falar pelo menos dois idiomas MORRE

Fonte: *Autor desconhecido*. Disponível em: <https://timesidiomas.wordpress.com/2014/08/05/em-um-mundo-bilingue-ate-gato-sabe-latir/>. Acesso em: 17 dez. 2020.

Nessa fábula, podemos perceber que o referente *rato*, introduzido pela expressão referencial “ratinho” é retomado por diversos elementos posteriores no texto, os quais estão marcados em azul (o pronome *ele* e as elipses do pronome em algumas partes da fábula). Esses elementos se interligam e formam o que se chama de cadeia referencial, isto é, esse conjunto

de expressões que fazem com que um referente seja estabelecido e progressa no texto, sem que haja repetições não-funcionais que impliquem negativamente nas relações de sentido.

Além dos trabalhos sobre a coesão referencial, estudos posteriores embasados na perspectiva sociocognitiva de referenciação desenvolvida por Mondada e Dubois (2019[1995]) surgem inaugurando uma abordagem profícua nos estudos da LT brasileira. No final da década de 1990, esta perspectiva apresenta desdobramentos em diversos trabalhos de Ingedore Koch como também nos de Luiz Antônio Marcuschi. A defesa de um ponto de vista não referencialista/ontológico sob o processo de referenciação guia as discussões, assim como a ideia de que esse fenômeno não se restringe ao sistema linguístico ou aos limites da frase, mas se dá de modo muito mais complexo do que se poderia pensar em perspectivas mais formais (KOCH; MARCUSCHI, 1998).

Ao discutirem sobre a progressão referencial, isto é, sobre o modo como um referente é introduzido, identificado e retomado no universo textual, Koch e Marcuschi (1998, p. 174), com base em dados orais de linguagem, defendem e atestam que esse processo de progressão dos OD “não implica necessariamente correferência<sup>17</sup> (...) [Ele] pode dar-se com uma reconstrução fundada no contexto gerado no interior do próprio texto sem implicar retomada de referentes”. Quando afirmam isso, os autores querem dizer que o processo de progressão referencial não ocorre simplesmente quando uma palavra ou expressão de determinado texto (como o pronome “ele” em “João gostou do livro que seu amigo comprou para ele”) retoma um referente já mencionado contextualmente (no caso, “João”), mas pode ocorrer a partir de “uma variada gama de estratégias de designação” (p.182).

Vejamos um dos exemplos trazidos pelos autores:

**Exemplo 2 - progressão referencial sem correferência**

**– O casal discutia acaloradamente. Observando-o à distância, dir-se-ia que ele discordava.**

Fonte: Koch e Marcuschi (1998, p. 177).

A partir desse enunciado, os autores apontam que o pronome *ele*, apesar de estabelecer uma relação com o OD *o casal*, não remete a nenhum referente cotextualmente explicitado. Na verdade, liga-se a esse OD por uma relação de natureza cognitiva, que se estabelece a partir do que se sabe/infere sobre o referente *o casal*. Seria possível, dessa forma, a remissão ao OD *homem*, que estaria implicitamente englobado naquele referente com base nos conhecimentos

<sup>17</sup> A correferenciação diz respeito a um modo de relação anafórica na qual uma expressão referencial retoma diretamente outra cotextualmente marcada. (MARCUSCHI, 2001).

compartilhados sobre o que a palavra casual designa. Com isso, os autores apontam para uma *não linearidade* da manifestação textual dos processos de referenciação e para a necessidade de se questionar a autossuficiência das unidades léxico-gramaticais no processo de referenciação, caminhando, desse modo, para o destaque na relevância de se atentar para o *status* sociocognitivo da referenciação.

Seguindo nessa linha de pensamento, Marcuschi (2000, 2001), ao discutir sobre o processo de anáfora, ou seja, sobre o modo como se dá a evolução e continuidade dos referentes no texto, defende a necessidade de revisão e ampliação do conceito, negando a ideia de que o processo anafórico ocorre sempre por meio de uma relação direta entre expressões linguísticas do texto, bem como que haja necessidade de congruência morfosintática entre essas expressões para que o fenômeno seja validado. Marcuschi (2001), a partir disso, propõe uma bipartição entre a noção clássica de anáfora (a de que a anáfora ocorre nas relações de correferência entre os OD presentes no texto), a qual chama de *anáfora direta*, e um outro tipo de relação anafórica na qual um referente não retoma diretamente outro anteriormente marcado no cotexto, mas surge no texto ativando um novo referente que estabelece uma relação (indireta e de ordem cognitiva) com outros elementos dispersos no “universo textual precedente”. O autor, assim como Schwarz (2000), chama esse tipo de relação anafórica de *Anáfora Indireta (AI)* Marcuschi (2000, 2001).

Vejamos o exemplo:

**Exemplo 3** - Trecho de notícia sobre explosão no Líbano

## **Explosão em Beirute: o que se sabe até agora**

Da CNN

05 de agosto de 2020 às 11:15 | Atualizado 10 de agosto de 2020 às 13:09

**Uma grande explosão** em Beirute, **capital do Líbano**, nessa terça-feira (4), deixou ao menos 163 mortos e milhares de feridos, segundo as autoridades locais.

**O acontecimento** vem sendo relacionado a uma grande quantidade de material explosivo confiscado e potencialmente inseguro, armazenado em um depósito no porto da **cidade**, próximo a áreas populosas.

A força da explosão causou estragos em toda **a cidade**, virando **carros**, quebrando **vidros** e destruindo **casas**. Entre **os prédios danificados** estão a sede do ex-primeiro-ministro Saad Hariri e o escritório da CNN no centro da **capital libanesa**.

Fonte: CNN (adaptado/ grifos nossos). Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/08/05/explosao-em-beirute-o-que-se-sabe-ate-agora>.

Acesso em 06 de set. de 2020.

Nesse texto, que se reporta a uma explosão ocorrida em agosto de 2020, na capital libanesa (Beirute), podemos perceber que a expressão “o acontecimento”, grifada em verde, funciona como uma anáfora direta, retomando pontualmente o referente *explosão*, ao passo que também o recategoriza. O mesmo processo anafórico ocorre nos termos grifados em azul: *a cidade*, que retoma *capital do Líbano* e esta, que por sua vez, retoma o referente *Beirute*. Diferentemente, as palavras “carros”, “vidros” e “casas” e a expressão “os prédios danificados” ativam novos referentes que não mais retomam diretamente outros OD inseridos anteriormente no cotexto, mas estabelecem relação com as informações dispostas no texto acerca do evento e local da explosão. Tais palavras e expressões estreiam no texto sem estranhamento ao leitor por se referirem a um contexto referencial mais amplo no texto, nesse caso, o do acidente/explosão na cidade, espaço que é composto, sabe-se (ou se pode inferir), por casas, ruas e inclusive prédios. Essas informações e inferências interligam *indiretamente* o referente aos demais objetos de discurso e elementos do texto, construindo a *AI*.

Dentre os postulados importantes para o desenvolvimento inicial das pesquisas em referenciação no Brasil, apontamos anteriormente para a atenção especial dada pelos autores à *complexidade* constitutiva do fenômeno e ao *modo não linear* pelo qual se manifesta nos textos. Esses pontos são importantíssimos para a compreensão da referenciação enquanto um fenômeno sociocognitivo e vão guiar grande parte das reflexões futuras sobre o tema. Veremos isso, principalmente, ao observar os postulados defendidos na tese de Custódio Filho (2011), que explora e amplia essas ideias destacando a necessidade de se observar a referenciação desamarrada dos meios estritamente linguísticos de manifestação, bem como nos trabalhos de Cavalcante (2011) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), dos quais tratamos a seguir.

### 3.1.2 Tendências e avanços dos estudos da referenciação na LT brasileira

Em sua tese, Custódio Filho (2011), ao observar o tratamento dado pelas pesquisas brasileiras ao fenômeno da referenciação, defende que os estudos sobre o tema podem ser classificados em duas grandes tendências. Como componentes da primeira, o autor insere os trabalhos que buscam investigar “de que maneira os usos referenciais (= expressões referenciais) elucidam/confirmam os postulados assumidos pela referenciação.” (p. 126). Em outras palavras, essa primeira tendência se caracteriza por comportar os trabalhos que partem da observação da manifestação cotextual linguística dos referentes (expressões referenciais) para entender os aspectos sociocognitivos que constituem a referenciação.

Podemos alocar nessa tendência os trabalhos que seguem a linha dos postulados apresentados na subseção anterior, sobretudo os trabalhos de Koch (2010[1989]) sobre a coesão referencial, bem como os trabalhos iniciais sobre anáfora desenvolvidos por Marcuschi (2000). Nessa tendência, Custódio Filho também acomoda os estudos que propõem classificar as principais formas de manifestação do processo de referenciação nos textos, destacando o trabalho de Cavalcante (2003), que classifica as expressões referenciais em dois grupos: o das introduções referenciais (puras e dêiticas<sup>18</sup>), expressões responsáveis pela homologação de referentes, e o das expressões que propiciam a continuidade dos objetos de discurso no texto (anáforas). Importante mencionar que essa classificação passa a ser atualizada em estudos posteriores da autora, sobretudo no trabalho mais atual (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014).

Se retomarmos o Exemplo 3, podemos demonstrar o modo comum de análise dessa tendência de estudos quando buscamos evidenciar a cadeia referencial do referente Beirute, marcado em azul no texto. Sua continuidade (movimento anafórico) acontece através da expressão “capital do Líbano”, que retoma e recategoriza o referente principal, introduzido pelo termo “Beirute”. O OD progride também por meio dos anafóricos “a cidade” e “capital libanesa”. A análise, desse modo, centra-se nas expressões referenciais para analisar como o referente progride no texto. Questões que vislumbrem a possibilidade de uma evolução dos referentes que transcendam sua expressão no cotexto, isto é, explorando a complexidade cognitivo-discursiva do processo de referenciação, não encontram espaço nas análises empreendidas nos trabalhos dessa tendência, segundo Custódio Filho (2011).

Essa limitação passa a ser explorada na segunda tendência, que, como já dissemos, compartilha dos mesmos pressupostos. No entanto, essa segunda comporta os estudos que se preocupam, diferentemente, em investigar como os diversos elementos presentes no texto (entendido enquanto evento enunciativo complexo e multifacetado) são mobilizados para a construção dos referentes. Como salienta Custódio Filho (2011), para os trabalhos da segunda tendência, importa:

Além de entender como as relações entre as expressões referenciais podem ser tratadas sob o viés sociocognitivo-discursivo, importa saber como os referentes, construtos fundamentais para a produção dos sentidos, são elaborados, *levando-se em conta que tal construção é passível de ocorrer dentro de uma dinâmica muito mais ampla, que*

---

<sup>18</sup> Compreendemos que as introduções referenciais dêiticas, nesse trabalho, designariam o que hoje se entende, conforme Cavalcante (2011), pelo fenômeno da dêixis, outro tipo de processo referencial que ocorre quando um referente presente no texto depende de informações do entorno enunciativo para que seja homologado. A dêixis, portanto, se difere do processo de introdução referencial (que seria o que a autora chamou de introdução referencial pura), no entanto, pode ocorrer em sobreposição a esse.

*não se limita, exclusivamente, ao universo das expressões referenciais.* (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 139, grifos nossos.).

As pesquisas desenvolvidas nesse âmbito, sobretudo as realizadas pelo grupo Prottexto (UFC), têm trazido grandes contribuições para uma análise da referenciação considerada em sua complexidade. Dentre elas, podemos citar como principais: (i) a ideia de que os objetos de discurso podem ser (re)construídos, homologados e (re)categorizados por diversas semioses que não somente a linguística (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010; CUSTÓDIO FILHO, 2011); (ii) a tese de que os referentes podem ser (re)categorizados sem que haja marcação cotextual linguística (expressão referencial) ou de outra ordem semiótica no texto (o que reforça o *processo não linear* de progressão referencial) (CUSTÓDIO FILHO, 2011; CAVALCANTE, 2011) e (iii) a ideia de que os referentes se constroem em redes referenciais, isto é, em “entrelaçamentos de sentidos na construção dos referentes.” (MATOS, 2018 p. 169).

Esses três postulados, que apontam para os trabalhos percussores que apresentamos (pensando a questão da multilinearidade do texto e da referenciação apontadas por Marcuschi (2001) e Koch (2003)), demonstram um grande avanço aos estudos da referenciação no campo da LT, na medida em que se constituem em uma abordagem que passa a efetivar, metodologicamente, os pressupostos sociocognitivos já assumidos pela área há muito tempo, mas tomados de modo tímido, por assim dizer, no que tange aos procedimentos analíticos da disciplina. Esse avanço se faz pela atenção central dada à complexidade constitutiva e de manifestação do processo de referenciação, que ultrapassa os limites da forma linguístico-gramatical.

Nesta segunda tendência, observar a complexidade do fenômeno consiste em considerar os “vários elementos” que participam da construção textual/referencial, englobando também as visualidades. O destaque à necessidade de consideração dos elementos de outras ordens semióticas que não a linguística é defendida de modo contundente por Custódio Filho (2011), ao criticar o que chama de “verbocentrismo”, ou seja, um certo privilégio pelos textos verbais nos estudos em LT, que acabou por limitar, considera o autor, as análises dessa disciplina. Custódio Filho (2011) defende uma postura teórico-metodológica por parte da LT que compreenda o texto e suas categorias, assim como a referenciação, considerando toda a complexidade que possa constituir esses fenômenos.

Na figura abaixo, poderemos perceber que uma visão *verbocêntrica* de texto e, conseqüentemente, também de referenciação, deixa de lado muitos dos aspectos do processo referencial que é construído no texto.

**Figura 6 - Super heróis e seus pontos fracos**



Fonte: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIWayn0j0SQ/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

Nesse texto, constituído pelas semioses visual e verbal, é proposta pelo produtor uma comparação entre as imagens de super heróis conhecidos do universo dos quadrinhos e cinema (*Superman*, *Caçador de Marte* e *Leonardo*, um dos *tartarugas ninja*) e seus respectivos pontos fracos: a *criptonita*, pedra verde que enfraquece o Superman; o *fogo*, que enfraquece o Caçador de Marte e os *canudos plásticos* que, supostamente, enfraquecem o Leonardo. Se não concebermos, conforme Cavalcante (2011) e Custódio Filho (2011), que os referentes não precisam estar atrelados a expressões referenciais para que sejam homologados nem que elementos não-verbais podem homologar referentes nas tramas do texto (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010; CUSTÓDIO FILHO, 2011; LIMA, 2017), não poderíamos dizer o óbvio: que as porções visuais mobilizadas na construção desse meme, essenciais para a compreensão dos sentidos, instaurariam referentes no texto.

Não poderíamos dizer, também, que a figura que ilustra o canudo, na verdade é uma recategorização imagética (LIMA, 2017) do referente plástico, que somente é acionado a partir da mobilização dos diversos intertextos aludidos nesse meme (sobre os super heróis e suas respectivas fraquezas), sobretudo ao fato de que o plástico é um dos materiais que mais causam a morte de animais marinhos, incluindo as tartarugas, espécie de animais a qual pertence o último super herói representado. A partir da construção referencial multi/intersemiótica desse meme (e da recuperação das informações sobre esses personagens) que há uma crítica social ao

consumo de materiais plásticos e ao descarte inadequado, que prejudica os oceanos e afeta a vida marinha. Toda essa compreensão se efetiva, assim, a partir da conjunção desses diversos elementos multissemióticos presentes no texto.

Podemos dizer, portanto, que nosso trabalho se junta às demais pesquisas realizadas nessa segunda tendência, uma vez que buscamos entender como a (re)construção dos referentes atuam para a construção da dimensão argumentativa dos memes, levando em conta, para isso, os processos referenciais *em sua complexidade de constituição* e não somente observando as construções linguísticas pelas quais um referente pode ser homologado e retomado.

Além de tratar dessas questões concernentes às perspectivas que fundamentam os estudos da referenciação e os modos de tratamento que o fenômeno recebe no seio da LT, é importante que tratemos como essa disciplina analisa e concebe os processos de referenciação, isto é, o modo como o fenômeno se manifesta nos textos. Na obra de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), os autores postulam que são três os principais processos linguístico-textuais-discursivos por meio dos quais a referenciação se constrói nos textos. São eles: a *introdução referencial*, a *anáfora* e a *dêixis*. Sem deixar de reconhecer a importância de um ou outro processo para a construção da argumentatividade dos textos, discorreremos aqui somente acerca dos dois primeiros processos, tendo em vista que nossos objetivos recaem especificamente sobre a os modos de homologação (introdução referencial) e progressão dos referentes (anáfora).

Por introdução referencial entende-se a homologação primeira de um referente no texto. Em outras palavras, ocorre quando um objeto de discurso “‘estrela’ no texto de alguma maneira” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014, p. 54). Essa estrela pode se dar de forma mais explícita, quando ocorre por meio de uma expressão referencial (palavras e expressões linguísticas) (CUSTÓDIO FILHO, 2011), mas também por meio de outros recursos semióticos presentes no texto. Na figura a seguir, podemos ver a introdução de referentes diversos, tanto pela semiose verbal, quanto pela imagética:

**Figura 7 - Quebrando o Tabu neoliberal**



Fonte: *Intagram*. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CFxrNpFHa\\_y/](https://www.instagram.com/p/CFxrNpFHa_y/). Acesso em: 05 set. 2020.

Da porção imagética, que alude a uma cena da animação *Bob Esponja calça quadrada*, podemos dizer que emergem os referentes *Patrik*, *Bob Esponja* (personagens da animação) e *abóbora* como principais introduções referenciais, as quais são recategorizadas a partir das expressões verbais inseridas por recursos de edição em cada uma dessas representações. A partir daí são homologados os referentes *Quebrando o Tabu* (um perfil pertencente a um grupo de ativistas políticos), *Ideologia liberal*, e *Jovens*. Podemos considerá-los introduções referenciais porque aparecem pela primeira vez no texto e, nesse caso, por uma única vez.

Nesse meme, em específico, não percebemos uma ocorrência linear de progressão dos referentes, isto é, da sua evolução e continuidade dentro do texto, fenômeno que configura a *anáfora*. Mas, se voltarmos à figura 5, percebemos nitidamente esse outro processo referencial quando observamos as evoluções pelas quais passa o referente “Brasil” ao longo do curto texto. Na primeira parte, o referente é associado à figura do Superman e se configura enquanto um Brasil forte, robusto e justo. Já na parte final do meme, esse mesmo referente adquire um status muito mais pejorativo quando associado à porção visual que representa uma paródia tosca do super-herói.

Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) afirmam (assim como MARCUSCHI, 2001) que as anáforas podem ser diretas (quando uma expressão referencial retoma ou antecipa um referente marcado no texto) ou indiretas, quando há a “apresentação de um novo referente como se este já fosse conhecido” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 131). Como já vimos, a anáfora indireta é o tipo de relação anafórica que ocorre quando um referente retoma não outro objeto

de discurso pontual, mas uma série de informações que podem ser inferidas a partir do co(n)texto.

Outro processo importante que se dá através dos movimentos anafóricos é a *recategorização*. Se voltarmos à figura 5, podemos ilustrar bem esse processo ao observarmos, novamente, o modo como o referente Brasil evolui no texto. Esse OD, quando associado às diferentes porções imagéticas, vai mudando de *status*, pois passa de um país robusto e forte, quando visto por ele mesmo, até um país desengonçado, digno de risada. Quando um referente passa por essas mudanças de categoria ou enquadre ao longo do texto, marca-se a ocorrência do fenômeno da *recategorização*.

Em pesquisas mais recentes sobre a recategorização em textos multissemióticos, Lima (2017) chama de *recategorização imagética* esse tipo de recorrência, isto é, quando um referente passa a ser recategorizado em um texto a partir de recursos imagéticos. Essa forma de recategorização, muito comum nos memes, ilustra-se também na figura 7. Nela, o locutor lança mão de uma cena cômica da animação na qual um dos personagens (*Patrik*) tenta enfiar uma abóbora goela abaixo no outro personagem (*Bob Esponja*). A partir da semiose verbal, o produtor recategoriza a figura de *Patrik* como o objeto de discurso *Quebrando o Tabu*, ao mesmo tempo em que define a abóbora como *ideologia neoliberal* e o Bob Esponja como *Jovens*. No estabelecimento de uma relação metafórica e entre os referentes, constrói-se o efeito de sentido de que a página de ativismo político *Quebrando o Tabu* tenta fazer com que seus seguidores (os jovens) “engulam” seus materiais, os quais seguem um viés ideológico neoliberal.

Desse modo, já podemos perceber como a recategorização imagética contribui para a argumentatividade desse texto, que age sob forma de crítica/satírica ao suposto viés ideológico do *Quebrando o tabu*, bem como à natureza de seus conteúdos, os quais são avaliados de forma negativa pelo produtor da postagem.

Para além desses processos e pensando na constituição da progressão referencial dos textos, é importante que discutamos sobre a noção de *redes referenciais* (RR) (conceito que apontamos no início dessa subseção) postulada por Matos (2018a). A ideia das redes referenciais nasce como uma proposta de ampliação da noção de cadeia referencial, cujo entendimento sustenta-se sobretudo pela relação material entre a anáfora e o referente (anáfora direta). Dessa forma, a noção de rede possibilita uma análise alargada da progressão dos referentes para além das relações semântico-linguísticas entre termos e expressões linguísticas do texto ao explorar os elementos cognitivo-discursivos que constituem esse processo, salientando, assim, a complexidade da referenciação.

Para Matos, as RR “são formadas por nódulos referenciais, ativados pelo contexto, estabelecendo uma série de associações de várias naturezas, funcionando como links, ou modos de conexões entre os referentes.” (MATOS, 2018a, p. 170). Consideramos essa noção indispensável para nosso trabalho, uma vez que esse modo ampliado de ver a progressão consegue melhor explicar a dinâmica referencial dos memes que, geralmente, apresentam um plano de texto relativamente curto e com maior porção imagética, permitindo, assim, as ocorrências de relações coesivas e anafóricas mais complexas e não lineares (SILVA; CORTEZ, 2020).

Vejam, a seguir, uma das notas jornalísticas utilizadas por Matos (2018b) para ilustrar o funcionamento das redes referenciais. A cor vermelha de parte do texto foi inserida por nós, pois se tratam de descrições de movimentos retóricos do texto inseridos pela autora. Os grifos em amarelo também são por nós inseridos para marcar os referentes principais (Janaina Pascoal e Lindbergh) e outras porções textuais que integram a rede referencial desses OD. Os itálicos são originais de Matos (2018b).

#### Exemplo 4 - redes referenciais na nota jornalística

(1) Move 1: Identificar a nota - passo 2B: Identificar pontos mais salientes

*Janaina Pascoal se impõe contra Lindbergh*

*"Como petistas têm vassallos, e não orientandos, exigem que os outros se ajoelhem"*

Passo 1A: Ilustrar a nota com fotografia ou desenho ou gráfico

*Lindbergh x Janaina*

(Movimento 2: Sumarizar a nota – passo 2A: Citar o elemento desencadeador do fato) *Janaina Pascoal* (passo 1: citar o fato) *se impôs mais uma vez contra* (passo 2B: citar o elemento afetado pelo fato) *Lindbergh Farias (PT-RJ)* (passo 2C: Situar o fato) na comissão do impeachment. (passo 2D: Citar causa/motivo do fato) O senador petista havia dito que estranhou o fato de o juiz que decretou a prisão de Paulo Bernardo [grifo do autor] ser orientado em pesquisa na USP *pela coautora do pedido de impeachment contra Dilma Rousseff.*

(Movimento 3: agregar informações complementares - passo 1A: Apresentar o fato) Na sessão desta segunda-feira (27), *a advogada rebateu a insinuação de "Lindinho"* (passo 1L: Relatar posicionamento do opinante) alegando que o juiz toma suas decisões de acordo com a sua própria consciência.

(Passo 2A: Comentar posicionamento de opinante) Para arrematar tamanha obviedade e mostrar que o PT tenta medi-la com a régua do partido, Janaina saiu-se com uma frase memorável: (Passo 2B: apresentar argumento que sustenta a opinião) “Como os petistas têm *vassallos*, e não *orientandos*, eles exigem que os outros se ajoelhem diante deles”. Assista”

(Veja.com, por Felipe Moura Brasil, 27/06/2016)

Fonte: Matos (2018b, p. 8-9).

A autora mostra, a partir desse texto, os diversos elementos (não somente os linguísticos, mas os de ordem textual e cognitiva) construtores da teia de relações de sentido que estruturam a progressão e (re)categorização dos dois referentes principais: Janaina Pascoal e Lindbergh

Faria. Esses dois referentes são focalizados pelo autor do texto em uma relação de oposição, na qual Lindbergh é colocado como elemento afetado pelo fato (embate com Janaina) e Janaina Pascoal como desencadeadora desse ocorrido.

Matos (2018b) analisa que a expressão “Janaina x Lindenberg” e a construção “Janaina Pascoal se impôs mais uma vez contra Lindbergh Farias” contribuem para o estabelecimento de uma relação de rivalidade entre os referentes, ao mesmo tempo em que vai dando um *status* mais privilegiado à Janaina Pascoal no texto. O verbo *impor* (“se impõe”), assim como outros apresentados posteriormente na nota (“rebateu”/“arrematar”), contribuem para a recategorização desse referente como uma pessoa forte, destemida. Importante notar que esses atributos não aparecem no texto a partir de marcas explícitas pelo emprego de adjetivos avaliadores, por exemplo. Ainda que não apareçam na porção cotextual da nota, tais atributos podem ser inferidos pelas pistas deixadas por esses outros elementos marcados pela autora, assim como a relação entre eles e os referentes principais.

Por meio deste movimento analítico, Matos (2018b) mostra que a (re)construção dos referentes não ocorre simplesmente nas relações de correferência e que essas relações ocorrem de forma muito mais complexas, confirmando os postulados de Custódio Filho (2011) e Cavalcante (2011) sobre não linearidade na construção dos referentes. Além disso, evidencia que uma análise que desconsidere essa inter-relação entre os referentes e os elementos textuais, cognitivos e discursivos acaba sendo reducionista.

Sobre o funcionamento das redes em memes, Silva e Cortez (2020) compreendem que uma análise da progressão referencial que considere apenas os limites do sistema linguístico não consegue explicar o funcionamento referencial nesses textos. Em outras palavras, entendem que a noção de cadeia referencial não possibilita uma análise da dinâmica dos referentes em memes. Isso tem nos levado a defender a ideia de que o conceito de cadeia não dá conta da análise referencial de textos multissemióticos. Nosso trabalho, portanto, exige uma análise dos *referentes em rede* para que possamos compreender, de modo mais assertivo, como os processos referenciais relacionam-se à argumentatividade nos memes.

Trazer essa noção de RR às investigações deste trabalho, além de se fazer necessário para que possamos alcançar parte de nosso objetivo principal, isto é, *de compreender como se dá a construção da argumentatividade por meio dos processos de referenciação nos memes*, se faz muito pertinente ao avanço dos trabalhos que a LT vem desenvolvendo sobre o tema recentemente, pois nos permitirá, à reboque, evidenciar como ocorre o funcionamento das RR em textos de natureza multissemiótica, investigação ainda não contemplada nos estudos atuais sobre referenciação. Apesar de Matos (2018a) ter postulado, em sua tese, a noção de redes, sua

análise limitou-se a textos do gênero nota jornalística, compostos majoritariamente pela semiose verbal. Faz-se necessário, portanto, lançar luz sobre a construção das RR nos textos que mobilizam múltiplas semioses em sua composição, algo que faremos neste trabalho.

### **3.2 Da(s) intertextualidade(s)**

Assim como os processos referenciais, a intertextualidade entra nesta pesquisa como uma categoria textual de grande importância para a análise da construção argumentativa dos memes verbo-visuais. Neste estudo, entendemos a intertextualidade como um fenômeno textual que ocorre quando há relações entre textos específicos ou quando um texto remete a informações, marcas genéricas e de estilo dispostas em um compósito de textos (CARVALHO, 2018).

Esse postulado foi definido por Cavalcante, Faria e Carvalho (2017) e Carvalho (2018), a partir da análise dos modelos de autores clássicos que teorizaram a intertextualidade, sobretudo Genette (2010). As autoras propõem uma revisão e reorganização dos tipos de intertextualidade e seus modos de manifestação para melhor contemplar os interesses da Linguística de Texto e as demandas atuais dessa disciplina, principalmente a consideração e ampliação do funcionamento intertextual em textos multissemióticos.

Discutiremos mais acerca dessa perspectiva sobre a intertextualidade, mas, antes, é necessário que compreendamos os limites desse fenômeno textual-discursivo e os trabalhos que embasaram a posição das autoras.

#### **3.2.1 Postulados introdutórios sobre a intertextualidade**

Ainda que não tenha sua origem na Linguística de Texto, a intertextualidade, assim como a referenciação, é mais um tema importantíssimo aos estudos do texto. Em sua gênese conceitual, que remete aos trabalhos de Julia Kristeva (1974), no campo dos estudos literários, e descendente do pensamento dialógico de Bakhtin e do Círculo, a intertextualidade é concebida como uma relação constitutiva dos textos, segundo o pressuposto de que “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é a absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1974, p. 85). Posteriormente, essa noção passa a interessar a diversos estudiosos

de diferentes correntes de estudo (tanto da Linguística quanto da Literatura) e recebe diversas classificações quanto ao modo como se manifesta nos enunciados.

Um dos estudiosos que realiza essa tarefa é Gerard Genette (2010), que entende a intertextualidade de modo menos amplo que Kristeva e propõe um modelo de classificação que possibilite a operacionalização do conceito. Para o autor, diferentemente do que hoje se compreende em LT, a intertextualidade é apenas uma das diversas formas pelas quais um texto pode estabelecer relação com outros textos.

Em sua abordagem, o fenômeno é definido no quadro maior das *transtextualidades*, noção que tenta abarcar as mais diferentes formas pelas quais um texto pode dialogar, de modo mais ou menos explícito, com outros textos. Genette (2010) subdivide as transtextualidades em cinco tipos: (i) a *intertextualidade* (copresença efetiva de um texto em outro); (ii) *paratextualidade* (relação entre um texto e outro que o complementa; textos que estão “na margem” de um principal); (iii) *metatextualidade* (quando um texto toma outro para comentá-lo); (iv) *arquitextualidade* (relação que um texto faz com outros de mesma ordem taxonômica; de mesmo tipo ou gênero) e (v) *hipertextualidade* (toda relação que une um texto a outro sem necessariamente comentá-lo).

Não nos deteremos à explicitação mais aprofundada dessas categorias, pois não é esse o modelo que orienta nosso trabalho. Contudo, ao tratarmos das categorias propostas na tese de Carvalho (2018), que amplia e reorganiza os diversos tipos de intertextualidade, retomaremos muito do que é dito por Genette (2010), uma vez que a classificação da autora<sup>19</sup> toma como base a categorização do estudioso, considerada por Carvalho (2018) a mais completa dentre os estudos clássicos do fenômeno.

É importante mencionar que o quadro de definições de Genette (2010), assim como o de outros (SANT’ANA, 2007; PIÈGAY-GROS, 2010), fundamentou a reorganização e estruturação de outros quadros conceituais dentro do campo da LT, como se faz no importante trabalho de Koch, Bentes e Cavalcante (2007). Nessa obra, as autoras mobilizam diversos postulados sobre a intertextualidade vista pelas perspectivas formais e dos estudos literários e passam categorizar o fenômeno em intertextualidade *lato sensu* e *stricto sensu*. A essa primeira classificação, as autoras reservam a ideia mais geral e ampla de intertextualidade, segundo a qual todo texto se constituiria com base em outros e, desse modo, todo texto seria inerentemente

---

<sup>19</sup>Na proposta de Genette (2010), a intertextualidade corresponde apenas à relação de copresença de partes de um texto em outro, ou seja, é vista de modo mais estrito do que em Carvalho (2018), que, entende o fenômeno como um processo textual-discursivo mais amplo, englobante tanto de relações mais estritas (quando um texto relaciona-se a outro texto específico) quanto mais amplas (quando um texto relaciona-se a marcas de gênero ou estilo dispersas em uma rede de textos).

intertextual. A intertextualidade *lato sensu*, desse modo, comporta a noção de intertextualidade defendida por Kristeva (1974).

Já a intertextualidade *stricto sensu* “ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva [...] dos interlocutores.” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p. 17). Para que se efetive a intertextualidade *stricto sensu*, é necessário que o texto retome total ou parcialmente outros textos e evidenciem marcas dessa retomada na superfície cotextual. À essa classificação, as autoras ainda inserem, como subtipos, o que chamam de intertextualidade temática, estilística, implícita e explícita. Nos detendo a esses dois últimos tipos, as autoras postulam que há intertextualidade explícita quando há menção cotextual à autoria do texto-fonte, enquanto que, na intertextualidade implícita, a menção ao texto-fonte não acontece.

No modelo classificatório das autoras, ainda são descritos como outros tipos de intertextualidades as genéricas, as tipológicas, e o *détournement*.<sup>20</sup> Não nos aprofundaremos na descrição desse aparato, pois não é nele que fundamentamos nossa análise. O importante, por ora, é observar que nesse quadro os fenômenos são classificados a partir de critérios distintos: um de referência, quando se fala em intertextualidades explícitas e implícitas, e um formal/composicional, ao mesmo tempo, quando se fala em *stricto sensu* e *lato sensu*. Esse ponto é bem discutido por Nobre (2014), que descreve e analisa os princípios e parâmetros definidores dos tipos de intertextualidade em diversos autores. Apesar de não propor outro modelo de classificação, o autor critica os processos classificatórios definidos nos estudos de Koch (2008) e Koch, Bentes e Cavalcante (2007), que se estabelecem a partir de diferentes critérios.

### 3.2.2 As intertextualidades

No quadro atual de revisão e ampliação da noção de texto e seus critérios, tarefa engendrada principalmente pelos estudos do grupo Prottexto, a intertextualidade tem sido vista enquanto um fenômeno de ordem textual-discursiva que comporta as relações entre um texto ou compostos de textos, gêneros e estilos, (CARVALHO, 2018). Essa concepção é definida na

---

<sup>20</sup> A acepção que as autoras dão a esse conceito vem de Grésillon e Maingueneau (1984), que o descreve como um enunciado que apresenta marcas linguísticas de uma enunciação proverbial, Koch, Bentes e Cavalcante (2007), reconhecendo o aspecto intertextual dessa noção, a integram, de modo ampliado, em seu quando como um tipo específico de intertextualidade.

tese de Carvalho (2018) que busca estabelecer e reorganizar as categorias de intertextualidade dentro do campo da LT, com base, principalmente, no quadro das transtextualidade de Genette (2010), e defendendo que o fenômeno da intertextualidade ocorre não somente quando um texto retoma outro texto específico, mas também quando esse estabelece relações com um conjunto de textos dos quais não é possível localizar, especificamente, um único texto-fonte.

Nas palavras da autora:

Admitimos a relação intertextual: i) quando há diálogo entre textos específicos, dado pela inserção de partes de um texto em outro, ou pelas modificações operadas em um texto de modo que se transformou em outro, ou, ainda, quando um texto cumpre a função de comentar outro, casos a que chamamos intertextualidade estrita; e/ou ii) quando não há a retomada de um texto específico, mas se verifica a imitação entre gêneros do discurso ou entre estilos de autores ou quando um texto alude a conteúdos explicitados em textos diversos, situações a que chamamos intertextualidade ampla. (CARVALHO, 2018, p. 19).

Vemos, assim, que Carvalho (2018) toma o fenômeno sob uma perspectiva mais alargada, tentando abarcar as relações mais amplas que os textos podem estabelecer com outro(s) texto(s), buscando, assim, ampliar a noção de intertextualidade, com vistas a recobrir o maior número de textos e as mais diversas naturezas semióticas que os compõem. A autora define uma macroclassificação dos processos intertextuais em *intertextualidades estritas*, isto é, os tipos de intertextualidade nos quais um texto remete a outro texto específico, e as *intertextualidades amplas*, aquelas que não retomam especificamente outro texto, mas aspectos de gênero, estilo ou informações dispersas em uma série de textos. O esquema abaixo, elaborado pela autora, sintetiza sua proposta classificatória:

**Esquema 3 - Intertextualidades estritas e amplas**



Fonte: Carvalho (2018, p. 110).

### 3.2.2.1 Intertextualidades estritas

As *intertextualidades estritas*, de acordo com essa sistematização, comportam as relações intertextuais de copresença, isto é, que ocorrem pela inserção parcial de um texto em outro e se manifestam a partir de três fenômenos: *a citação*, *a alusão* e *a paráfrase*. Considerada a forma prototípica (GENETTE, 2010; CARVALHO, 2018) e mais conhecida de intertextualidade, a citação ocorre quando há retomada de partes de um texto-fonte de forma literal, sem alterações formais ou de conteúdo. Vejamos o texto abaixo:

**Figura 8** - Manchete de notícia na página do jornal O Globo



Fonte: *Instagram*: Disponível em:

[https://www.instagram.com/p/CPWdp7vL32v/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CPWdp7vL32v/?utm_medium=copy_link). Acesso em: 21 jun. 2021.

Nesta manchete, publicada na página do *Instagram* do jornal O Globo em maio de 2021, a notícia aborda uma fala do Papa Francisco direcionada a um padre brasileiro que, na ocasião, pediu ao pontífice orações pelo Brasil. Temos um exemplo de citação (bem marcada, nesse caso), que ocorre quando um texto específico tem uma de suas partes ou elementos retomados de forma literal, isto é, sem que haja alteração na forma e conteúdo do material referenciado. Nesse caso, portanto, no trecho “O Brasil não tem salvação, é muita cachaça e pouca oração”, ocorre a citação.

A *alusão estrita*, por sua vez, pode ser visualizada no texto abaixo, que alude intertextualmente a uma cena do clássico filme *Ghost*, produzido pelo diretor Jerry Zucker, em 1990. Nela, os personagens *Sam e Molly* são retomados, mas diferentemente da cena original, em que produziam juntos uma peça de argila. Nesse texto, são apresentados fazendo pamonhas.

**Figura 9** - Pamonha à la Ghost



Fonte: Acervo pessoal (recebida pelo aplicativo *WhatsApp*).

Segundo Carvalho (2018), a alusão estrita “se define por insinuações, menções indiretas” podendo se realizar por “remissão indireta, incorporando-se sutilmente; apresentar modificações formais no texto a que recorre; realizar-se por expressões referenciais ou, ainda, mencionar título, personagens, nome de autor etc.” (p. 87). Temos, portanto, nesse texto, uma alusão estrita marcada cotextualmente pela apresentação imagética dos dois personagens do filme. É importante perceber que, nesse texto, a alusão é importantíssima para o estabelecimento da relação humorística, que depende diretamente da ativação dos conhecimentos dos interlocutores sobre o filme em questão (texto-fonte).

Por conseguinte, a *paráfrase* é a relação intertextual por meio da qual um texto retoma partes de outro modificando sua forma (estrutura sintática, por exemplo), porém sem desvirtuar os sentidos “originais”/conteúdo. Essa é outra das formas mais conhecidas de intertextualidade e muito recorrente em textos acadêmicos, assim como a citação. No texto abaixo, um *print* feito de uma notícia do site *Imirante*, que aborda o mesmo fato tratado no exemplo da figura 8, podemos exemplificar esse tipo de relação intertextual.

**Figura 10** - Manchete de notícia do *site Imirante*



Fonte: *Site Imirante*. Disponível em: <https://imirante.com/mundo/noticias/2021/05/26/papa-francisco-faz-piada-e-diz-que-brasil-nao-tem-salvacao-muita-cachaca-e-pouca-oracao.shtml>. Acesso em: 07 jul. 2021.

Percebemos que, nessa manchete, diferente do que ocorre na figura 8, parte da fala do Papa Francisco deixa de ser apresentada assim como originalmente foi proferida. Ao escrever em discurso indireto que o Para Francisco “diz que Brasil não tem salvação”, o autor da notícia parafraseia o religioso, isto é, retoma o texto original (“o Brasil não tem salvação, é muita cachaça e pouca oração”) mantendo seu conteúdo, mas modificando sua forma.

As intertextualidades estritas podem se dar também sob forma de *paródias*, *transposições* ou *metatextualidades*, conjunto de noções que ocorrem por estratégias de derivação, quando um texto se constitui a partir de outro, o qual é transformado, de modo mais ou menos lúdico, em outro texto. A partir do tuíte abaixo e do seu texto-fonte, podemos exemplificar como a paródia ocorre:

**Figura 11** - Para ela, eu era como uma obra de arte

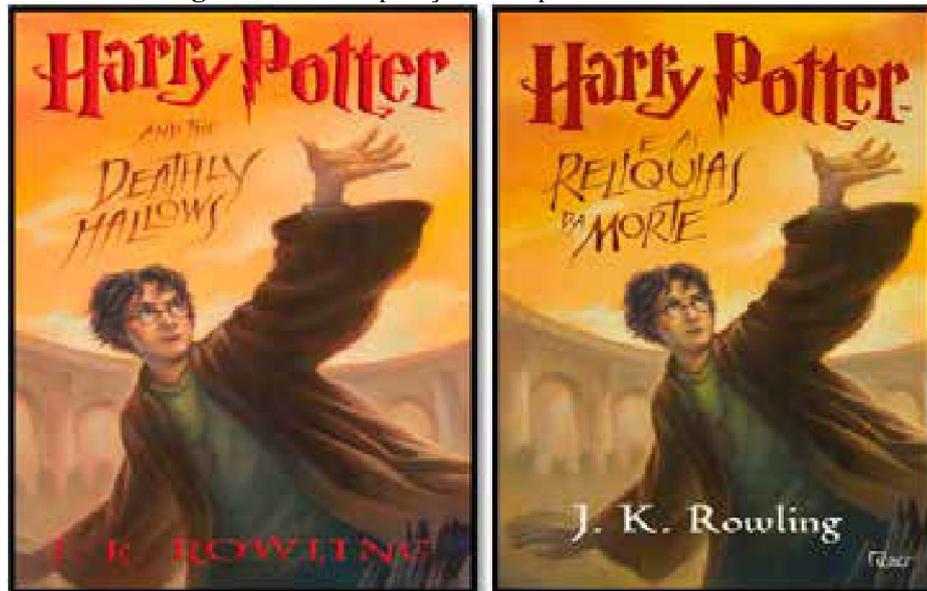


Fonte: *Pinterest*. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/680325087434448169/>. Acesso em: 01 set. 2020.

A paródia se configura enquanto uma relação intertextual que se constrói a partir da transformação formal e de conteúdo de outros textos. É justamente o que ocorre na porção imagética desse tuíte, que transforma, por meio de ferramentas de edição, a obra-prima de Leonardo Da Vinci, *A Mona Lisa*. Esse tipo de intertextualidade, que sempre ocorre desvirtuando sentido e forma do texto-fonte, sempre se apresenta com um tom humorístico e pode vir a ter um caráter crítico-satírico. A paródia, assim como a alusão, são recursos muito comuns na produção de memes, que, em sua maioria, tendem a buscar construir efeitos de humor/sátira sobre os conteúdos que abordam, direcionados aos interlocutores componentes dos ambientes digitais de interação.

O que difere a paródia da *transposição*, outra intertextualidade estrita por derivação apontada por Carvalho (2018), é o grau de transformação tanto da forma quanto, principalmente, do conteúdo: na transposição, a forma pode ser modificada, porém o conteúdo e os sentidos do texto são mantidos ao máximo próximos do texto-fonte. Para ilustrar, retomamos o exemplo utilizado por Cavalcante, Faria e Carvalho (2017) para exemplificar o fenômeno:

**Figura 12** - Transposição de capa de livro em filme



Fonte: Cavalcante, Faria e Carvalho (2017, p. 18).

Como se pode ver, a derivação por transposição se dá de modo muito mais sério, sem efeito satírico-humorístico, e incide principalmente na semiose verbal (nesse exemplo), que passa a ser traduzida do inglês para o português, assim como em algumas das cores que são modificadas, mas mantém o sentido geral desses textos, ou seja, a identificação de uma obra literária e de sua adaptação cinematográfica. Por seu caráter mais sério, acreditamos que a ocorrência das transposições em textos como os memes seja bem menor.

A última das intertextualidades escritas por derivação é a *metatextualidade*, que ocorre quando existe uma “relação de comentário/crítica/avaliação estabelecida entre textos” (CARVALHO, 2018, p. 98). Quando um texto completo nasce com a finalidade de comentar outro, tem-se uma relação de metatextualidade. Pode-se exemplificar esse tipo a partir do gênero comentário, muito comum em *sites* de redes sociais, os quais são direcionados, em sua maioria (mas não é regra, pois os usos são complexos), à avaliação/comentário/crítica do material que está sendo publicado.

É importante mencionar aqui que, assim como Cavalcante, Faria e Carvalho (2017) e Carvalho (2018), consideramos qualquer elemento, seja verbal ou não, como um potencial elemento demarcante de pistas que possibilitam a deflagração das relações intertextuais. Esse princípio é caro ao nosso trabalho, tendo em vista que nos propomos a investigar textos que mobilizam semioses diversas em sua construção, as quais são indispensáveis para a construção dos sentidos. Inclusive, esse é o principal motivo que justifica nossa opção pelo quadro de definições postuladas pelas autoras dentre os diversos modelos classificatórios existentes. Não somente por se tratar de considerações que emergem do mesmo espaço teórico de nosso

trabalho (a LT), admitimos o modelo operatório das autoras porque ele se constrói orientado por uma noção de texto mais ampla (que já apresentamos) e é sensível à complexidade constitutiva desse parâmetro de textualidade, crucial para a construção dos sentidos dos textos.

### 3.2.2.2 Intertextualidades amplas

Um passo importante e definidor desse modo de ver o fenômeno da intertextualidade é a consideração de que as relações intertextuais não se dão somente na remissão entre textos específicos, mas também na alusão a informações dispersas em um conjunto de textos não localizáveis pontualmente, a partir das marcas de imitação de gênero, estilo e tema. Essas relações intertextuais *amplas* comportam as *imitações de gênero, de estilo* e as *alusões amplas*. No texto abaixo, podemos visualizar a imitação de gênero, que se concebe justamente pela retomada de aspectos de gêneros outros.

**Figura 13** - Está com nome sujo?



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1118075145008865&set=pcb.1118077888341924&type=3&theater>. Acesso em: 04 out. 2021.

Na figura 13, publicado no ano de 2018, o autor se vale dos recursos de imitação do gênero anúncio publicitário<sup>21</sup> para satirizar a postura e propostas do então candidato à presidência, Ciro Gomes, que, em debate eleitoral televisivo, prometera “perdoar” as dívidas e retirar da inadimplência parte da população se viesse a ser presidente. O texto aborda de forma

<sup>21</sup> O gênero anúncio publicitário, apesar de não haver consenso teórico sobre seu estatuto genérico (SOUSA, 2005), pode ser caracterizado pela ação de tentar vender um produto ou ideia, utilizando-se de linguagem simples/acessível e recursos imagéticos/ilustrativos criativos com vistas à persuasão. Nesse texto, o autor se utiliza de elementos da estrutura composicional de uma propaganda de renegociação de dívidas do SERASA para estabelecer comparação com o discurso de Ciro Gomes nos debates eleitorais de 2018.

cômica a fala do candidato e recorre a elementos do gênero, os quais permitem a compreensão de que o autor considera o desempenho de Ciro durante o debate mais próximo de um agente bancário/vendedor do que a de um verdadeiro candidato à chefia de um Estado.

Podemos perceber, ainda, nesta figura (13), o estabelecimento de *alusões amplas*, que são formas de intertextualidade mais difíceis de serem apreendidas por apresentarem um grau de implicitude muito mais alto. Podemos dizer que os diversos elementos que compõem esse texto (a representação imagética do Ciro e o apelo às imitações de gênero, dentre outros) marcam uma relação de alusão ampla com as diversas notícias<sup>22</sup> que permearam o meio jornalístico e midiático sobre a proposta feita pelo candidato. Finalmente, a imitação de estilo diz respeito à retomada de elementos que identificam o estilo de autor. Vejamos o exemplo abaixo, usado por Carvalho (2018) para ilustrar o fenômeno:

**Figura 14 - Sebosinho Lispector**



Fonte: Carvalho (2018, p. 106).

Nessa imagem, o locutor lança mão do que julga ser a forma de escrever da escritora Clarice Lispector, sempre lembrada por ter uma escrita intimista, e tenta imitá-la ao escrever “vou mangar, mermo tando triste. Vou me alevantar, mermu depois da queda. Sempre fui assim, persistente, uma pessoa que se garante! [sic]”, que lembra o jogo sintático utilizado pela autora, mesmo que com diversos desvios gramaticais propositais usados para salientar o efeito de humor.

<sup>22</sup> Uma delas: Link: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2018/noticia/2018/08/26/ciro-gomes-batiza-de-nome-limpo-proposta-de-quitacao-de-debitos-de-consumidores-no-spc.ghtml>. Acesso em: 05 de set. de 2020.

Acreditamos que a partir desses exemplos, utilizados para apresentar os diversos modos pelos quais a intertextualidade pode se manifestar nos textos, pudemos ir percebendo como as reações intertextuais são importantes para a construção dos sentidos e a orientação argumentativa dos textos. Neste trabalho, tentaremos aprofundar essa questão, que já vem sendo estudada por alguns trabalhos no campo da Linguística Textual (FORTE, 2013; MACEDO, 2018; OLIVEIRA, 2020), com o intuito de visualizar como os tipos de intertextualidades estritas e amplas atuam na construção argumentativa dos memes. Antes de concretizarmos essa discussão, é necessário definir, na próxima seção, o que entendemos por meme.

#### 4 SOBRE OS MEMES E SEU CONTEXTO HIPERTEXTUAL/TECNODISCURSIVO DE PRODUÇÃO

Ao longo das duas seções anteriores, traçamos uma discussão acerca da argumentação e o lugar que ocupa a LT quando volta seu olhar para este fenômeno. Compreendemos, conforme Amossy (2018[2000]), que a argumentação não se refere simplesmente a uma característica dos discursos com visada argumentativa. Mais que isso, entendemos que se trata de uma dimensão constitutiva do próprio discurso e por isso inerente a ele. A partir de Cavalcante (2016) e Macedo (2018), pudemos perceber que esse modo de compreender a argumentação se mostra muito profícuo aos estudos da LT, que se interessa não necessariamente em incorporar o fenômeno ao seu escopo teórico, mas em investigar e descrever como ele se tece no texto, isto é, como se textualiza.

Conforme os postulados de Macedo (2018), vimos que os fenômenos ou categorias de análise da LT (composicionalidade, sequencialidade, gênero discursivo, referenciação e intertextualidade) podem servir como critérios para a análise de como a argumentação é textualizada. Dedicamos, assim, espaço maior de discussão a dois deles, que aqui nos interessam singularmente: a referenciação e as intertextualidades. O nosso interesse recai justamente, como já mencionamos, em investigar como esses critérios estão implicados na construção da dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais. Diante desse objetivo, faz-se necessário, portanto, que discorramos sobre o que entendemos por memes verbo-visuais e o ambiente do qual emergem.

Para atender a esse propósito, traçamos, nesta seção, um percurso pelas origens conceituais da noção de meme, ainda no campo de estudos biológicos. Partimos dos trabalhos de Dawkins (2007[1976]), quem primeiro utiliza o termo, definindo-o como *uma unidade de transmissão de informações socioculturais*. Depois disso, seguimos às discussões que deflagram esse fenômeno nos contextos digitais de interação (como feito por Lima-Neto (2014)), sobretudo aqueles que passam a definir meme como um gênero textual (BARROS, 2016; CASTRO, 2017) e os que defendem que se trata não de um gênero específico (LIMA-NETO, 2014), mas de uma *prática linguageira* (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2019; LIMA-NETO, 2020), noção essa que admitimos como a mais coerente e que tomamos como base para definir o que chamamos, neste trabalho, de memes verbo-visuais.

Antes disso, tendo em mente que os memes aqui analisados são construídos e veiculados em *sites* de redes sociais, especificamente do *Instagram*, julgamos necessário discutir sobre algumas características desse ambiente (o digital). Para isso, tratamos brevemente sobre a

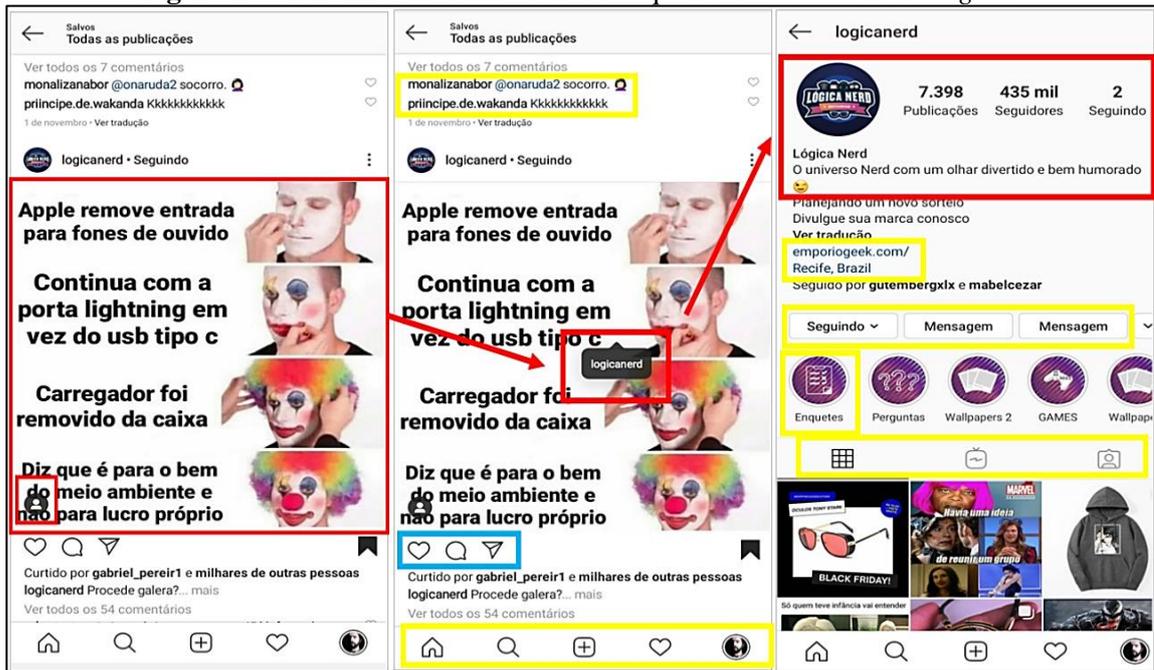
hipertextualidade e tecnodiscursividade, tomando como base o que postulam Marcuschi (1999), Koch (2003), Cavalcante e Elias (2017) e Paveau (2017), com o intuito de evidenciar melhor o contexto de interação do qual emergem os memes e as peculiaridades de sua construção (hiper/tecno)textual.

#### **4.1 Aspectos hipertextuais/tecnodiscursivos da produção de sentidos em rede**

Como bem pontuam Elias e Cavalcante (2017), a hipertextualidade passa a adentrar os estudos brasileiros da LT durante a década de 1990, a partir dos trabalhos de Ingedore Koch e Luiz Antônio Marcuschi. Nesse período, esses autores preocupavam-se em investigar e compreender as (novas) formas de construção da textualidade proporcionadas pelos ambientes digitais, emergentes desde a década de 1960, mas ainda pouco populares. Isso os tornava relativamente desafiadores aos estudiosos da linguagem.

De acordo com Marcuschi (1999), a noção de hipertexto nasce já no ano de 1964, cunhado por Theodor Holm Nelson, como referência ao modo não linear e não sequencial da tessitura do texto eletrônico. Nessa ótica, o hipertexto era entendido como “uma forma de estruturação textual que faz do leitor simultaneamente coautor do texto final. O hipertexto caracteriza-se, pois, como um processo de escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multisequencial e indeterminado. [sic]” (MARCUSCHI, 1999, p. 1). Esta multilinearização e multissequenciação muito diz respeito ao processo de “linkagem”, algo muito comum nos textos elaborados em ambientes digitais de interação. Por esse processo, a partir de um clique, é possível acessar outras informações, textos e gêneros que se inter-relacionam como em uma teia bastante complexa de leitura. Vejamos o exemplo abaixo:

**Figura 15** - Dinâmica multilinear/multissequencial dos *links* no *Instagram*



Fonte: *Instagram*. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CHEOSgJlnVR/?igshid=1umad5cm0kzyh>. Acesso em: 10 set. 2020.

Essa sequência estabilizada de capturas de tela de aparelho eletrônico é composta por três *prints* de um perfil do *site* de redes sociais *Instagram*. Nessa sequência, as caixas e setas em vermelho<sup>23</sup> ilustram o movimento que ocorre quando clicamos em alguns dos *links* inseridos pelo usuário do perfil (*@logicanerd*) em sua publicação. Juntamente com o meme publicado, que corresponde ao elemento verbo-visual cercado pelo quadro vermelho maior, na primeira imagem, está um pequeno ícone cinza, elemento indicativo da presença de *links* que remetem a perfis associados ao *post*, umas das potencialidades da ferramenta *Instagram*.

Ao clicarmos nesse ícone, outro elemento gráfico surge na tela, agora um ícone em formato de balão (marcado em vermelho na segunda imagem) com referência ao próprio perfil publicador do conteúdo. Clicando novamente, somos levados à página principal do *@logicanerd* (em vermelho; terceira imagem), no qual é possível visualizar a quantidade de publicações da página, quantos perfis ela segue e por quantos é seguida. Além disso, surgem diversas informações e *links* presentes em toda a tela, assim como os que estão marcados nos *prints* pelos quadros amarelos (comentários, *links* para ação de seguir ou deixar de seguir a página, visualização de outros *posts*) e azul (ícones para ações de curtir, comentar e enviar para algum outro perfil do *site*).

<sup>23</sup> As caixas e setas em vermelho, azul e amarelo foram inseridas por nós.

Temos, portanto, um processo de interação e leitura diferente do que tradicionalmente ocorre com a maioria dos textos impressos, os quais não permitem um movimento tão diverso de leitura. O abrir das páginas na leitura de um texto impresso mais predominantemente verbal, estático e estabilizado se torna um movimento mais simples, do ponto de vista interativo, comparado com essa dinâmica hipertextual do ambiente digital, como ilustrado. O processo de *hiperlinkagem* que ocorre no *Instagram*, por exemplo, é algo exclusivo dos meios digitais, impossível de ser inserido, do mesmo modo, no texto impresso.

Antes de dar prosseguimento à discussão sobre hipertextualidade, é importante mencionarmos que, quando falamos de redes sociais, estamos falando de um conjunto de sujeitos *ou atores* (pessoas, instituições, grupos) e das conexões entre eles estabelecidas, em concordância com Recuero (2006a). É importante dizer isso porque a terminologia, no senso comum, toma uma significação diferente: o termo rede social é utilizado para designar um grande conjunto de *sites* e ferramentas que permitem aos usuários do ambiente digital interagirem das mais variadas formas. O *Twitter*, o *Facebook* e o *Instagram* são exemplos. No entanto, pela ótica de Recuero (2006a), essas ferramentas não compõem a rede social de interação propriamente dita, mas as ferramentas que proporcionam a “formação, mediação e manutenção de redes sociais”. (PIMENTEL, 2014, p. 14). É por esse motivo que, assim como Pimentel (2014), temos utilizado a expressão “*site* de redes sociais” sempre que nos referimos às ferramentas mediadoras de interação digital.

Retomando a discussão, essa multilinearização caracterizada por Marcuschi (1999) e ilustrada através da figura 15, é retomada por Koch (2003), dentre outras características, ao tratar do tema. Para a autora, tomando como base a compreensão de que todo texto constitui uma proposta de sentidos múltiplos, nunca pré-determinados nem únicos, já seria possível dizer que todo texto constituiria um hipertexto, pois admitiria uma *plurilinearidade* de sentidos possíveis em sua construção, sempre interativa. As notas de rodapé, as referências e as citações, por exemplo, seriam marcas hipertextuais de textos impressos, uma vez que apontam para outros textos e propõem novos movimentos de leitura. Essa hipertextualidade é o que também ocorre no texto eletrônico, mas sob uma linearização ainda mais dinâmica e complexa, ou, melhor dizendo, em uma deslinearização proporcionada pelas potencialidades digitais.

Para Koch (2003, p.67), importa observar nessa realidade hipertextual “como os leitores operam com textos múltiplos” e essa seria a tarefa da LT ao colocar o tema em sua agenda teórico-analítica. Apesar de nossa pesquisa ter foco na problemática da textualização da argumentação em textos verbo-visuais de natureza hipertextual, ao observá-la nesses textos, também podemos visualizar como os sujeitos que navegam nos ambientes digitais e interagem

a partir desses artefatos mobilizam os diversos elementos disponíveis nesse *locus* para cumprirem seus projetos argumentativos. Nesse sentido, ainda que não possamos descrever especificamente como os sujeitos operam com textos múltiplos, podemos contemplar parte dessa tarefa, ao observarmos como esses sujeitos mobilizam estratégias textuais-argumentativas nos textos provenientes do ambiente digital.

Além da multilinearização, uma outra característica marcante do hipertexto, para Marcuschi (1999) e Koch (2003), é a multisssemiose. Conforme os autores, essa noção diz respeito à possibilidade de integração de diversas semioses (verbal, visual, sonora) pelos quais a textualidade pode se construir no ciberespaço. Se retomarmos os memes inseridas ao longo dessas últimas seções, perceberemos como os textos que nascem das ferramentas oriundas do meio digital podem ser configurados a partir de diferentes semioses. Em nossos exemplos – e também em nosso *corpus* – privilegiamos aqueles compostos pela conjunção da verbal e visual.

Essas diversas semioses, é importante dizer, não se estabelecem no texto em uma relação hierárquica. As imagens, por exemplo, nos memes, não servem de simples coadjuvantes das expressões verbais, no que diz respeito à construção de sentidos. Pensar dessa forma seria agir sob uma orientação *verbocêntrica* (CUSTÓDIO FILHO, 2012), que privilegia a semiose verbal em relação às outras. Como já pudemos ver ao longo deste trabalho e como veremos na seção seguinte, a partir das análises, os elementos visuais – no caso dos memes verbo-visuais – são imprescindíveis à construção dos sentidos e da argumentatividade.

Em discussões mais atuais sobre a hipertextualidade, Elias e Cavalcante (2017), dando continuidade ao que foi postulado em Koch (2003) e Marcuschi (1999), ampliam a noção de hipertexto tentando recobrir e evidenciar não somente as múltiplas conexões estabelecidas no texto (foco central das primeiras discussões sobre o tema), mas também essas ligações dentro de um contexto sociocognitivo de interação e negociação de sentidos. As autoras definem hipertexto como:

um construto que envolve, na forma de arranjos textuais em constante mutabilidade, uma multiplicidade de textos, gêneros textuais, linguagens e autores, resultante da efetiva produção de usuários em um processo de colaboração e interação on-line. (ELIAS; CAVALCANTE, 2017, p. 335).

Não destoando muito do que já vinha sendo discutido por Marcuschi (1999), Koch (2003) e outros autores (Elias (2000, 2005) e Xavier (2002)), Elias e Cavalcante (2017) evidenciam, nessa definição, o processo colaborativo entre os sujeitos do espaço digital. Tentam focalizar, assim, os elementos contextuais que permitem a multiplicidade de ligações no hipertexto e o modo como a interatividade contribui para a construção da coerência na realidade hipertextual.

Para evidenciar essa questão, as autoras trazem a discussão de um exemplo de postagem do jornal Folha de São Paulo, no *Facebook*, que publicara uma notícia narrando a ocasião na qual um ex-morador de rua teria pago a conta do cantor Justin Bieber, em uma lanchonete dos EUA, após o artista ter seu cartão recusado. Na análise, as autoras se deparam com um comentário em que o sujeito comentador publica uma receita de bolo de fubá, de modo a criticar a relevância do conteúdo publicado pelo jornal. Para Elias e Cavalcante (2017), o comentário em questão evidencia os modelos contextuais e de relevância construídos nesses ambientes e, assim, o contexto sociocognitivo que guia as possibilidades das conexões e constituição do hipertexto. Dessa análise, muito nos importa notar como o contexto de interação em rede estabelece contratos entre os usuários; sobre aquilo que é permitido/adequado e por quais caminhos eles podem caminhar na realidade digital. Em outras palavras, quais conexões são possíveis e quais modos de (des)linearização são pertinentes.

Para além dessa discussão efetivamente construída pela LT desde a década de 1990, atualmente, alguns estudiosos dessa área, especialmente os que compõem o Protexto, têm se debruçado criticamente sobre os trabalhos da chamada Análise do Discurso Digital (ADD). Esta abordagem é proveniente da analista de discurso Marie-Anne Paveu, que defende uma perspectiva ecológica, integradora e não dualista entre ser humano e ferramentas tecnológicas, com a finalidade de melhor explicar e compreender o funcionamento dos discursos nativos digitais, ou *tecnodiscursos*. Apesar de não adotarmos a proposta de análise de Paveu (2017) e, inclusive, manter distanciamento em alguns aspectos (como da noção de texto por ela adotada), muito nos interessa perceber o modo de ver a realidade virtual e qual seria o modo mais adequado para analisá-los/descrevê-los.

De acordo com Baronas *et al.* (2020), Marie-Anne Paveu (2017) descreve pelo menos seis traços ou características principais do que vai chamar de tecnodiscurso: i) *a composição*, que se apresenta sempre como híbrida e dotada de hiperligações; ii) *a deslinearização*, que diz respeito à não linearidade características dos tecnodiscursos, ao admitirem elementos clicáveis (*links*) que direcionam a outros textos/elementos digitais; iii) *o aumento enunciativo*, gerado pela alta interatividade, que permite um escrita/leitura coletiva de um mesmo enunciado (*post* e comentários subsequentes; compartilhamentos, por exemplo); iv) *a relacionalidade*, que diz respeito à relação constitutiva entre os discursos, sujeitos e o espaço digital que envolve a prática tecnodiscursiva; a v) *investigabilidade*: os tecnodiscursos estão envoltos em um ambiente que permite a pesquisa e recuperação dos conteúdos publicado; por fim, vi) *a imprevisibilidade*, que caracteriza a produção dos tecnodiscursos no espaço digital constituído

por programas e algoritmos que direcionam a dinâmica desses enunciados no espaço digital, tornando-os, de certo modo, imprevisíveis ao leitor/produtor.

O que diz Paveau (2017) sobre os aspectos das produções textuais/discursivas digitais não nos soa como algo muito novo. Isso porque algumas dessas questões apontadas pela autora refletem questões abordadas já no final da década de 1990 e início dos anos 2000 por autores brasileiros como Marcuschi (1999), Elias (2000), Xavier (2002) e Koch (2003), ao discutirem sobre a dinâmica hipertextual das práticas textuais/discursivas nos ambientes digitais. A noção de deslinearização (PAVEAU, 2017), por exemplo, como bem ressalta Giering *et al* (2020), associa-se à noção de multilinearização já discutida por Marcuschi (1999) e Koch (2003), conforme apresentamos anteriormente.

Dentre essas características das práticas tecnolinguageiras, além da deslinearização, nos interessa pensar a questão do aumento enunciativo (características dos tecnodiscursos em admitir uma extensão da autoria dos enunciados) para observar a dinâmica de produção dos memes. Esse interesse consiste no fato de que os memes, que se constroem muito a partir de temáticas sociais relevantes para usuários das mídias digitais, constituem-se em um processo de viralização alto, no qual são produzidos e compartilhados tão rapidamente que se torna difícil localizar, ao certo, quem produziu aquele enunciado; quem assina por ele. Na verdade, percebe-se uma produção que vai sendo construída em coletividade. Esse aspecto, inclusive, torna mais turva a ideia de que, sempre que alguém compartilha um meme estará assumindo responsabilidade sobre o conteúdo ali colocado. Essa característica nos parece salienta uma construção coletiva de autoria que é própria dos memes o que interfere nos modos pelos quais podem argumentar.

É importante mencionar que não é nossa pretensão, com essa discussão, explorar de forma exaustiva as características dos contextos digitais de interação que ora apresentamos. Buscamos, na verdade, situar brevemente todas essas particularidades ou potencialidades que envolvem a produção dos memes no ciberespaço, principalmente as descritas por Marcuschi (1999), Koch (2003) e Paveau (2017), e como isso implica/favorece/condiciona a produção e compartilhamento dos memes verbo-visuais nos *sites* de redes sociais.

Finalmente, se observarmos com mais atenção o meme abaixo (figura 16 contida na figura 15), poderemos ilustrar melhor como essas características condicionam a produção dos memes e se refletem neles.

Figura 16 - *Apple* nos fazendo de palhaço



Fonte: *Instagram*. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/cheosgjlrvr/?Ighid=1umad5cm0kzyh>. Acesso em: 14 dez. 2020.

Esse meme verbo-visual aborda o fato de a empresa estadunidense *Apple* ter removido de seus aparelhos vendidos o carregador, que passaria a ser vendido separadamente. Ele pode ser considerado *verbo-visual* por ser composto pelas semioses verbal e visual e é considerado meme pelo fato de retomar uma estrutura viralizada nas redes: as imagens do palhaço se maquiando. A justificativa da *Apple* para suprimir o carregador é a de que esta ação ajudaria na preservação do meio ambiente. Como o argumento não foi bem aceito, logo se iniciaram os trabalhos da “grande fábrica on-line” de memes sobre o assunto.

Em primeiro plano, podemos perceber o aspecto multilinear e multissemiótico nesse texto, que ocorre através de aplicativos de edição, disponíveis gratuitamente nas redes, por meio dos quais o usuário pode recuperar uma estrutura já conhecida/viralizada nas redes (no caso, a sequência de imagens do palhaço) e reestruturar, modificar, parodiar, recontextualizando o meme de acordo com seus propósitos argumentativos. Essa mobilização de múltiplos recursos semióticos na estruturação de textos como esse, de plano curto e rápido, é algo que evidencia as potencialidades tecno/hipertextuais dos ambientes digitais de interação.

Ao ser publicado no *Instagram*, esse texto recebe pelos usuários do perfil (autor do texto, que corrobora com a produção ou que assume autoria) um *hiperlink*, marcado pelo círculo<sup>24</sup> rosa no texto, que permite que a leitura desse meme tome direcionamentos diversos, caracterizando a multilinearidade ou deslinearização. Ao clicarmos nesse *hiperlink*, somos direcionados à página que publicou o texto, onde há todas as informações sobre ela, bem como

<sup>24</sup> O círculo em questão foi inserido por nós com o intuito de destacar o *hiperlink* presente no texto.

diversos outros memes postados. Após o clique, percebe-se que se trata de uma página de conteúdo *Nerd*, que aborda temas sobre tecnologia e assuntos do mundo do cinema e quadrinhos. Essas informações, dadas por meio desses outros textos, contribuem para melhor contextualização do meme e, de grande modo, para a construção de sentidos nesse espaço, sempre multilinear.

#### **4.2 Aspectos conceituais acerca dos memes e a constituição de memes verbo-visuais no contexto digital de interação**

Dentre os diversos artefatos produzidos em ambientes digitais nos interessam, especialmente, uma diversidade de textos verbo-visuais, sem *status* genérico bem definido/convencionado e comumente produzidos em *sites* de redes sociais, que muitos usuários dessas ferramentas costumam denominar *memes*.

Apesar de que, no senso comum, a noção de meme seja tomada de modo muito simples e aparentemente íntima àqueles que usam cotidianamente as redes sociais, conceituá-lo, no âmbito científico, se torna uma tarefa sinuosa. Alguns estudiosos o concebem enquanto uma *unidade replicadora de informações socioculturais* (DAWKINS, 2007[1976]; BLACKMORE, 1999), outros como um *gênero discursivo/textual* emergente dos ambientes digitais (BARROS, 2016; CASTRO, 2017) e outros, ainda, enquanto uma *prática linguageira* (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2019; LIMA-NETO, 2020).

Sem desmerecer nenhuma dessas noções, que apenas atestam a complexidade do fenômeno, consideramos mais consistente, do ponto de vista teórico da LT, considerar esses artefatos como fazem Cavalcante e Oliveira (2019), que definem meme como uma *prática linguageira* que pode recorrer em diversos gêneros discursivos, digitais ou não. Mas, para que possamos entender o que significa definir assim os memes, bem como os porquês e implicações teórico-metodológicas dessa conceituação, é preciso que tracemos um breve panorama passando pelos estudos fundadores do conceito e visualizando como esse fenômeno passa a interessar cientistas da linguagem para que depois possamos definir o que chamamos de memes verbo-visuais.

#### 4.2.1 Meme enquanto unidade replicadora de informações socioculturais

O conceito de meme surge originalmente no âmbito dos estudos biológicos, a partir das pesquisas do zoólogo britânico Richard Dawkins, em 1976, especificamente no livro *The selfish gene*. Seguindo a perspectiva dos estudos evolutivos de Charles Darwin, Dawkins defende que, além da unidade genética de transmissão e manutenção de informações das espécies (o gene), existiriam outras unidades, essas responsáveis não mais pela transmissão de informações genéticas, mas de dados de outras naturezas. Uma delas, seria a responsável pela manutenção de padrões comportamentais e socioculturais de uma comunidade. A essa unidade, o autor dá o nome de *meme*. O termo nasce, assim, como um rótulo para um novo tipo de unidade correlata ao gene, mas responsável pela transmissão de informações de natureza sociocultural.

Na analogia elaborada pelo autor, o termo origina-se como resultado de uma abreviação da palavra *mimeme*, que tem a mesma raiz grega da palavra *mimesis*, a qual remete à ideia de imitação. Para Dawkins (2007[1976], p. 122, grifos nossos), memes são uma “unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de *imitação*.”. Como forma de exemplo do que seriam esses memes, o autor explica que:

[...] memes são melodias, idéias, "slogans", modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Da mesma forma como os genes se propagam no "fundo" pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no "fundo" de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação [sic.]. (DAWKINS, 2007[1976], p. 122).

Desse modo, através das lentes de Dawkins, pode ser considerado meme tudo aquilo que resulta ou provoca um processo de repetição/imitação, seja uma prática sociocultural (maneiras de fazer potes ou de construir arcos); ideias admitidas e propagadas por uma comunidade e práticas comportamentais (modas, jeitos de vestir, falar). Temos, portanto, uma noção bem ampla sobre os memes, que não se reduz a uma determinada estrutura formal, mas implica um *fenômeno de ordem sociocultural* que recobre uma grande diversidade de práticas e costumes de uma determinada comunidade.

Em uma tentativa de classificar e caracterizar melhor esse fenômeno; essa nova unidade de informação, o autor postula três principais características que configuram um meme e seu “tempo de vida”. Seriam elas: (i) *longevidade*; (ii) *fecundidade* e (iii) *fidelidade*. A *longevidade* diz respeito à capacidade de um meme em permanecer ativo durante um longo período de tempo (DAWKINS, 2007[1976]). Se pensarmos, assim como Dawkins, que maneiras de vestir configuram um tipo de meme, podemos dizer que, no Brasil e em outras culturas, o uso de calça

*jeans*, por exemplo, configura um meme com alto grau de longevidade, já que esse tipo de vestimenta vem sendo utilizada por grande parte das pessoas há várias décadas e permanecendo na moda entre a população.

A *fecundidade*, por sua vez, diz respeito à capacidade de propagação e geração de cópias desse meme. Ainda a partir do exemplo da calça *jeans*, podemos dizer que a infinidade de modelos, formas e cortes demarcam a fecundidade desse elemento que, além de estar na moda, gera diversas cópias similares. Finalmente, a *fidelidade* se trata do grau de semelhança entre um meme original e aqueles que resultaram deste. Quanto mais próximos do original, mais alto será o grau de fidelidade desses memes ao “meme-fonte”. Os modelos de calça mais semelhantes ao que seria um protótipo da vestimenta (azul, com bolsos, etc.) teria um grau de fidelidade maior.

A partir dessas características postuladas por Dawkins, outros estudiosos desenvolveram taxonomias para classificar a diversidade de memes, como Recuero (2006b), mas discorrer sobre essa classificação é algo que não nos interessa neste trabalho. Por ora, é mais importante pensarmos que, sendo o meme algo que permeia a cultura das sociedades, como postula Dawkins, não seria estranho que, com o advento da internet e das ferramentas digitais, esse fenômeno se manifestasse também nesse novo espaço de interação. E assim se fez.

As mídias sociais, com suas diversas ferramentas – ou potencialidades, como já discutimos – permitem que conteúdos das mais diversas naturezas e tipos sejam publicados, republicados, curtidos e compartilhados muito rapidamente, possibilitando que esses conteúdos “viralizem”, isto é, se propagem repetidamente e de forma muito veloz nas redes.

Um exemplo que nos parece interessante para ilustrar esse efeito de viralização e a ocorrência de memes no meio digital é uma reportagem<sup>25</sup> produzida pela TV Record, em 2017, na qual uma jornalista tenta entrevistar um indivíduo nitidamente embriagado que havia sido detido pela polícia sob a acusação de ter agredido sua esposa. Ao ser questionado sobre o crime cometido, o homem respondia a todas as perguntas da repórter com as seguintes frases: “Nunca nem ví!”, “que dia foi isso?”. Tão logo foi publicada no perfil do *Facebook* gerenciado pela emissora, a reportagem viralizou, dado o caráter extremamente humorístico decorrente da situação inusitada narrada na reportagem. O exemplo abaixo ilustra, para além da viralização do *post* publicado pela emissora de TV, os diversos outros textos gerados via ferramentas digitais de edição a partir daquele conteúdo viralizado:

---

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xieg1D077Fs>. Acesso em: 10 jun. 2020.

Figura 17: Sequência de memes “que dia foi isso?”



Fonte: Silva e Cortez (2020, p. 390).

Como pode ser visto, esses textos, apesar de abordarem temáticas diferentes (uso de anabolizantes, corrupção e multas de trânsito), se utilizam daquele evento viralizado para compor e produzir efeitos de humor. Isso fica bem marcado pela presença das frases ditas pelo criminoso durante a entrevista (“nunca nem vi”; “nunca nem vi, que dia foi isso?”; “que dia foi isso? Nunca nem vi”) bem como sua imagem que compõe os três exemplos. Dizemos, portanto, que se tratam de memes, porque foram construídos a partir da mobilização intertextual de um conteúdo viralizado de amplo conhecimento dos usuários das redes.

Ademais, é importante mencionar que o que Dawkins (2007[1976]) concebe como meme se difere daquilo que aqui vamos chamar de memes verbo-visuais, do mesmo modo que não se confunde com a ideia de meme enquanto um gênero textual (BARROS, 2016) ou prática linguageira (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2019). Na visão do zoólogo, como percebemos, o meme diz respeito a qualquer elemento sociocultural que indique repetição. Estaria presente, portanto, em todo o contexto cultural existente. Diferentemente, veremos (de modo detalhado a posteriori) que conceber o meme enquanto gênero é tratar de um conjunto de enunciados verbo-visuais e humorísticos produzidos e emergentes nos *sites* de redes sociais, ao passo que definir meme enquanto prática linguageira é entender que seu *status* genérico é questionável (do ponto de vista da LT) e que melhor se configura enquanto uma prática linguageira de repetição realizada por usuário dos ambientes digitais (mas não só) na produção de diversos gêneros.

A seguir, discutiremos esses diferentes modos de ver o objeto meme, com a finalidade de entendermos como o conceito é por nós apreendido neste trabalho.

#### 4.2.2 Meme: gênero textual ou prática linguageira?

No âmbito dos estudos linguísticos, os memes passam a interessar os pesquisadores a partir do momento em que os ambientes digitais começam integrar a agenda dos linguistas de diferentes segmentos (destacamos os linguistas do texto e do gênero), ora preocupados em desvendar as novas formas de produção textual e a construção de sentidos emergentes no contexto virtual de interação. No Brasil, os trabalhos de Marcuschi (2004; 2008), Elias (2000; 2005) e Marcuschi e Xavier (2004), sem dúvida, são estudos que muito direcionaram diversos outros trabalhos interessados em compreender as peculiaridades das práticas discursivas/textuais ocorridas e emergentes nesses espaços, assim como os *memes*, mais atualmente.

Nesse âmbito, os memes aparecem em alguns estudos descritos como um novo gênero digital. Barros (2016), ao tratar sobre compreensão de textos no ciberespaço, parte de uma perspectiva sociocognitiva para defender o *status* genérico do meme, definindo-o como “um dos muitos gêneros que transitam cotidianamente, a partir de uma natureza múltipla, no enlace a outros modos, semioses coocorrentes - imagens, tipografias, etc.” (p.37). A autora toma como base o trabalho de Lima-Neto (2014), que realizou uma pesquisa sobre a emergência de gêneros em *sites* de redes sociais e sintetizou algumas características que comumente eram atribuídas aos textos considerados memes pelos usuários. O quadro 3, abaixo, feito por Barros (2014), sintetiza essas características.

**Quadro 1** - Configurações dos memes<sup>26</sup>

GÊNERO	TRAÇOS/CARACTERÍSTICAS
MEME(S)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Falta de consenso para a nomeação;</li> <li>-Uso de editores de imagem;</li> <li>-Disseminação/propagação por meio de links;</li> <li>-Saturação em curto tempo;</li> <li>-Despreocupação na arte final do enunciado;</li> <li>-<i>Remix</i>: mesclas de gêneros casualmente ocorrentes;</li> <li>-Conteúdo temático do cotidiano voltados para públicos bem definidos;</li> <li>-Utilização de recursos intertextuais;</li> <li>-Misturas de elementos do mundo real com o fictício.</li> </ul>

Fonte: Barros (2016, p. 37).

<sup>26</sup> Quadro elaborado com base nos dados apresentados por Lima-Neto (2014).

As características apresentadas nesse quadro dizem respeito tanto à conceituação e à nomeação atribuída aos memes, quanto a sua estrutura e materialidades constitutivas. Para retomar e exemplificar tais características apresentadas, tentaremos ilustrar esses aspectos a partir do meme abaixo, publicado no ano de 2018, em contexto pré-eleitoral no Brasil.

**Figura 18** - Exemplo de meme



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1118075231675523&set=pcb.1118077888341924&type=3&theater>. Acesso em: 04 out. 2020.

O meme em questão é formado por recursos semióticos visuais e verbais construídos a partir do *uso de editores de imagem*, algo muito característico desses textos, como aponta Barros (2016) no quadro 3. Há, ao fundo, uma imagem de um rapaz de mãos dadas com uma garota, a qual apresenta uma expressão facial de desaprovação. Depreende-se isso pelo fato de que o rapaz, representando supostamente o namorado da garota, está olhando na direção de outra com uma fisionomia comum de quem prepara um assobio. Essa imagem compõe a materialidade de uma forma de meme muito comum nas redes sociais, aqueles que se constroem a partir da inter-relação imagem-verbo.

Os personagens apresentados na imagem são recategorizados por expressões linguísticas: o rapaz é rotulado como “eleitor de Bolsonaro”, a mulher com quem ele está de mão dadas de “Bolsonaro” e a terceira personagem de “Cabo Daciolo”. Essas associações feitas pelo produtor do meme, a partir de inferências, geram o efeito de sentido de que, no cenário político vigente e, especificamente, no contexto do debate eleitoral ocorrido naquela ocasião, os eleitores do candidato Jair Bolsonaro estariam se identificando mais com o candidato Daciolo. Além disso, sabendo que o contexto de produção do meme em análise se deu em torno desse debate, pode-se depreender um *público alvo específico* desse texto: os telespectadores de tal evento político e usuários dos *sites* de redes sociais.

Como pode ser visto, o meme é formado por meio de uma “montagem” que conjuga palavras e sequências linguísticas sobre a semiose visual. Por meio desses recursos de edição, é possível recuperar textos que tenham sido compartilhados anteriormente e editá-los de modo a contemplar os propósitos comunicativos<sup>27</sup> da nova interação. Nesse caso, é o que acontece com a parte imagética do meme. Essa recuperação gera uma repetição perceptível na rede, o que caracteriza o “efeito memético” do texto, e assim propicia sua replicação/disseminação nas redes sociais, como já discutimos. Esse processo se dá por meio de compartilhamentos, principalmente quando associados a *hashtags*, que são tipos de *links* clicáveis que funcionam como uma palavra catalizadora, interligando publicações que apresentem a mesma *hashtag*.

Embora essa disseminação ocorra, sabe-se que tem duração relativamente curta, uma vez que a maioria dos memes nascem a partir de *temáticas do cotidiano*, tendo, assim, uma curta temporalidade, no que diz respeito ao tempo de circulação no ciberespaço. E em um ambiente que exige de seus usuários maior rapidez, os memes *saturam-se rapidamente*, sendo “substituídos” por outros que emergem de outras situações sociais de discussão relevante naquele momento histórico.

Mas vale salientar que essa saturação não acontece em totalidade. Muitos memes podem “ressurgir” a partir de novos temas, tendo em vista a facilidade de produção (basta um editor de imagem e criatividade) sob os quais são recontextualizados mediante as novas intenções do novo produtor. Essa relação muito tem a ver com o que Dawkins (2007 [1976]) fala sobre a fecundidade dos memes, em sua perspectiva.

Essas características apresentadas por Barros (2016) que ora ilustramos servem como base de configuração do que a autora defende como gênero meme. A partir da composição multissemiótica, do viés satírico-humorístico comumente marcado, pelas temáticas sociais de relevância amplamente discutidas e pela suscetibilidade à viralização é que seria possível, na visão da autora, caracterizar o gênero.

No entanto, é preciso dizer que o próprio Lima-Neto (2014), referenciado por Barros (2016), traz algumas ponderações sobre o real *status* genérico dos memes. Em seu trabalho, o autor coletou diversos textos com características sociorretóricas variadas publicados no *Facebook* e, em uma das etapas de sua pesquisa, elaborou questionários direcionados a usuários

---

<sup>27</sup> Aferir quais seriam esses propósitos, de um modo amplo, é difícil, tendo em vista a grande e complexa construção composicional e replicação dos textos dessa natureza (memes), bem como o fato de que a autoria passa a ser “estendida”, na medida em que o texto passa a ser editado ou simplesmente repostado/compartilhado. Apesar disso, no que diz respeito ao exemplo em questão, retoma-se a estrutura memética (porção imagética), que aparenta ser retirada de algum ensaio fotográfico para campanhas publicitárias, e passa-se a recategorizar os elementos visuais presentes, de modo a servir como uma forma bem humorada de manifestar o posicionamento do internauta sobre o fato histórico do debate presidencial em 2018.

desse *site*, indagando, dentre as perguntas, qual seria o nome que eles dariam aos textos apresentados. O autor concluiu que o termo *meme* apareceu como sendo pertinente a grande parte dos textos presentes no questionário, ainda que esses artefatos possuíssem características variadas em suas composições.

A partir disso, o autor afirma que:

Em geral, ele [o termo *meme*] tem sido utilizado para nomear *os mais variados tipos de artefatos verbo-visuais que se replicam na web por um determinado tempo*, mas os usuários tendem a utilizá-lo sem exatamente saber do que se trata e, por falta de nomes próprios para o que acontece no Facebook, acabam rotulando tudo o que veem sob o nome de *meme*. Ao que parece, o fato de determinado elemento se replicar indiscriminadamente na rede (por meio de ferramentas do Facebook como “compartilhar”) já é garantia de tal elemento ser nomeado como *meme*. *A tese defendida aqui é a de que é comum haver essa rotulação para, na verdade, variados gêneros em emergência que têm seu berço no Facebook.* (LIMA-NETO, 2014, p. 107, grifos nossos).

Dessa forma, na linha de pensamento do autor, os aspectos da repetição e replicação se acentuam como traços identificadores de muitos memes, mas não são o bastante para definir a constituição de um (único) gênero. Na verdade, essas características demarcam elementos que podem aparecer *em uma diversidade de gêneros em situação de emergência no ambiente digital*, os quais recebem o rótulo de *meme* pela comunidade leiga (linguisticamente falando) que interage nesses espaços.

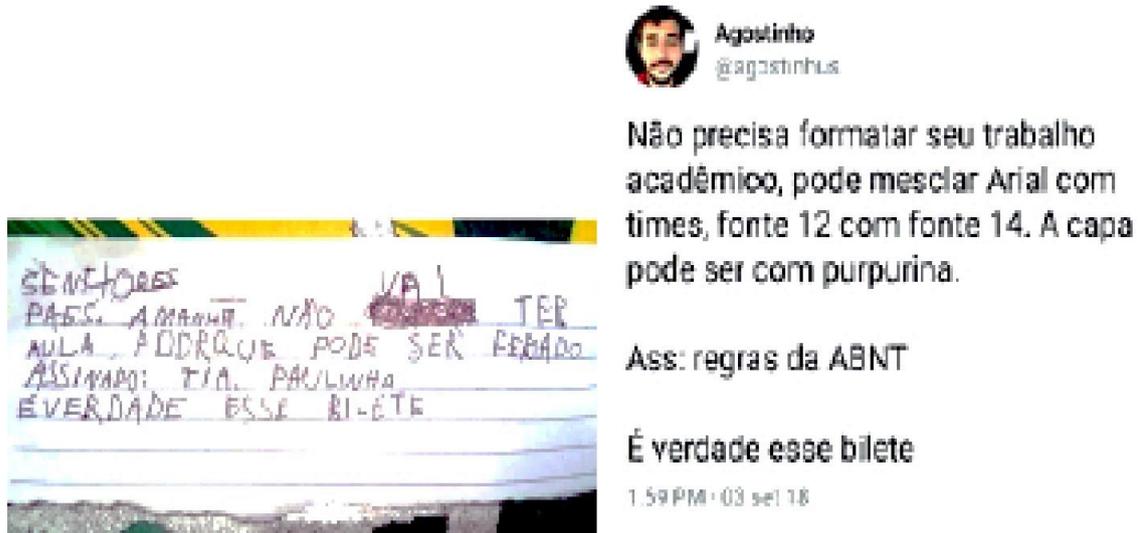
Cavalcante e Oliveira (2019), ampliando a discussão sobre o conceito de *meme* e tomando como filtro teórico os estudos da LT, muito acrescentam ao apresentarem algumas ponderações sobre a consideração do *meme* como um gênero textual. Os autores defendem que:

Tendo em vista a diversidade não só de temáticas, mas também de recursos linguísticos (correspondentes à noção de estilo bakhtiniano) e de formas de composições textuais, cremos que, quando falamos em memes, estamos, na verdade, *nos reportando a uma rica e multifacetada prática linguageira digital*, que, por meio da viralização e da intertextualidade, assume proporções gigantescas e imprevisíveis na construção de sentidos. (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2019, p. 21, grifos nossos).

Para Cavalcante e Oliveira (2019), é possível falar do *meme* enquanto um gênero emergente, como se faz no trabalho de Barros (2016), mas consideram mais coerente dizer que compõem uma *prática linguageira*, noção que os autores julgam mais adequada ao fenômeno. Ao tratarem de prática linguageira, os pesquisadores recorrem aos estudos de Charaudeau e Maingueneau (2016), que definem esse conceito muito atrelado ao processo dos usos da linguagem, relativo às produções verbais/enunciativas e, melhor dizendo, às *performances linguageiras* exercidas pelos sujeitos na sociedade, a qual as condiciona e é por elas condicionada.

Se retomarmos dois exemplos apresentados por Cavalcante e Oliveira (2019), poderemos visualizar melhor o que significa definir assim o meme e no que se diferencia de uma definição do meme como um gênero textual. Vejamos:

**Figura 19** - Meme “é verdade esse bilhete”



Fonte: Cavalcante e Oliveira (2019, p. 18).

Na imagem da esquerda, ilustra-se um bilhete escrito por uma criança de cinco anos que tentou enganar sua mãe atribuindo a autoria do bilhete a sua professora, que o “liberara” da aula em um dia específico. O texto escrito pela criança diz o seguinte: “Senhores paes. Amanhã não vai ter aula, porque pode ser feriado. Assinado: Tia. Paulinha. É verdade esse bilhete (sic)”. Após uma foto do bilhete de veracidade duvidosa ser postado no *Facebook*, o conteúdo viralizou, sendo postado e repostado por diversos internautas devido ao tom inusitado e humorístico da situação ocorrida.

A partir desse processo de viralização, que é definido por Cavalcante e Oliveira (2019) como uma característica fundamental dos memes e do qual já tratamos, o meme em questão passa a ser replicado e a constituir novos textos. É o caso do que se apresenta na imagem da direita. Não mais se trata de um bilhete, gênero que se aplica ao texto anterior, mas de uma postagem ou *post* de redes sociais, que envolve outras práticas discursivas, propósitos e características estilísticas e composicionais diferentes das do bilhete. No *post*, o usuário “@agostinhus” (marcado pela imagem na parte superior e seu nome, ao lado) alude intertextualmente àquela situação do falso bilhete para ironizar a necessidade de adequação de trabalhos acadêmicos às normas pré-estabelecidas. Ao final do *post*, o autor insere a frase viralizada “é verdade esse bilhete”.

Como podemos ver, os dois textos não se constroem sob o mesmo gênero. Possuem traços sociorretóricos diferentes, propósitos também distintos (o bilhete dá pequenas informações; o *post*, em específico, gera humor), mas compartilham de um traço que é o que de fato Cavalcante e Oliveira (2019) chamam de meme: a expressão “é verdade esse bilhete”. A partir desse exemplo, os autores atestam que, quando falamos de memes, na verdade, estamos falando *não de um artefato multissemiótico específico*, como o que se apresenta na caracterização de Barros (2016), *mas de uma prática languageira que consiste na mobilização intertextual de elementos específicos altamente viralizados para a produção de outros textos, que podem ser de gêneros distintos*. Por essa ótica, portanto, os memes não configurariam um gênero, mas decorreriam de elementos languageiros que podem aparecer em gêneros diversos.

Lima-Neto (2020), em estudo mais atual, retoma essa discussão e passa a defender explicitamente que meme, dentro dessa visão, não configura um gênero. O autor mobiliza a noção de gênero pautada nos estudos sociorretóricos, sobretudo os de Miller (2009) e Bazerman (2005), que entendem gênero enquanto uma ação retórica tipificada decorrente de situações retóricas recorrentes (MILLER, 2009). A partir da análise de sete enunciados, o autor demonstra que textos denominados de memes, na verdade, se tratam de gêneros diversos, como o anúncio publicitário, a tira cômica seriada, o lembrete, dentre outros, e não de um suposto gênero meme.

A partir desses trabalhos, podemos dizer que, as perspectivas que concebem o meme enquanto uma unidade de repetição ou uma prática languageira, lançam sua lupa para elementos de repetição diversos decorrentes de práticas e conteúdos viralizados em rede, os quais podem se manifestar, ou melhor dizendo, serem *atualizados em diversos gêneros textuais*, não somente em textos verbo-visuais comumente publicados nas redes sociais. Por essa ótica, em congruência com Cavalcante e Oliveira (2019), seria mais coerente falar em *elemento memético* e, desse modo, *texto com meme* ou *gênero que atualiza meme*.

Por outro lado, aqueles que preferem definir o meme como um gênero focalizam seu olhar não em um elemento viralizado que passa a ser atualizado em um determinado texto, mas em um conjunto de textos produzidos e veiculados em ambientes digitais, quase sempre verbo-visuais, de comum propósito satírico-humorístico nesses ambientes e começam a apresentar traços sociorretóricos aparentemente reconhecíveis pelos usuários apresentem eles um elemento memético ou não. Seria, desse modo, um gênero veiculado nos ambientes digitais.

Nesse espaço não consensual acerca do conceito, importa dizer, nos colocamos consoante à proposta de Lima-Neto (2014; 2020) e Cavalcante e Oliveira (2019), isto é, do

meme enquanto uma prática languageira, pois achamos mais abrangente, produtiva e que se alinha melhor tanto aos postulados originais do fenômeno, quanto aos da LT

Cumprir dizer, a partir disso, que o *meme enquanto prática languageira* entra, em um primeiro momento deste trabalho, *como um recurso metodológico para a seleção dos textos que compõem o corpus dessa pesquisa*. Dentre os milhares de textos multissemióticos, em especial os de estrutura composicional verbo-visual, produzidos, veiculados e compartilhados em *sites* de redes sociais, nos interessamos por aqueles que, apesar de construídos segundo essas características, atualizam em sua estrutura elementos viralizados, ou o que chamamos de *elementos meméticos*. *É esse tipo de texto multissemiótico que chamaremos neste trabalho de memes verbo-visuais*.

Com base nisso, a partir de agora, sempre que nos referirmos a meme ou memes verbo-visuais, estaremos falando de textos compostos pela semiose verbal e visual, produzidos e veiculados em sites de redes sociais e que carregam algum elemento (verbal ou visual) que caracteriza uma repetição, ou seja, um elemento memético. Não queremos – e nem podemos – com isso, postular uma nova conceituação para meme. Essa definição que ora fizemos se restringe a este trabalho; é um modo de melhor definir o conjunto de textos que estamos nos dispondo a investigar, tarefa metodologicamente necessária diante da complexidade que envolve o fenômeno (ou prática) dos memes e sua conceituação no espaço científico. Na subseção 5.1 desta pesquisa, especificaremos melhor como utilizamos essa definição para identificar e selecionar nosso *corpus*.

A partir do que foi defendido nesta seção, podemos dizer, de modo resumido, que os ambientes digitais proporcionaram (e continuam proporcionando) novos meios de interação, bem como uma diversidade de ferramentas que propiciam a produção de textos diversos, de natureza linguístico-semiótica multifacetada (como os memes verbo-visuais) e, por esse motivo, permitem que os usuários manifestem seus pontos de vistas e tentem agir, assim, sob os valores e crenças de seus interlocutores, sob diferentes formas, pois, como já vimos em Amossy (2018[2000]), os modos de interação interferem diretamente nos modos de argumentar.

Além disso, pudemos perceber que definir meme é uma tarefa sinuosa e que, entre compreendê-lo enquanto gênero ou como prática languageira que pode ocorrer nos gêneros, optamos pela última asserção, concebendo esse fenômeno das interações digitais em nossa pesquisa como um recurso para a seleção dos textos que serão aqui analisados; isto é, uma marca do efeito de viralização e repetição – ou elemento memético – que definimos como essencial para que um texto verbo-visual digital comumente humorístico possa, de fato, ser denominado como meme verbo-visual. Esses textos meméticos muito nos interessam

justamente por representarem modos de argumentar muito peculiares, que não lançam mão de um projeto argumentativo em torno da defesa de uma tese – em outras palavras, que não apresentam uma argumentação prototipicamente retórica (PAVEAU, 2020) – mas que cumprem essa tarefa de argumentar recorrendo a outros meios.

Defendemos, neste trabalho que esses “outros meios” de argumentar dos memes podem ser visualizados pela maneira como os locutores (re)constroem no texto os objetos de discurso (estratégias de referência) e pelas formas como as relações entre seus textos e outros (relações intertextuais) são por eles mobilizadas.

Tendo explicitado melhor como definimos nosso *corpus* de pesquisa e o espaço de produção do qual ele emerge, reservamos, na seção seguinte, espaço à descrição metodológica da pesquisa e às análises de como a referência e as intertextualidades estritas e amplas podem demarcar essa argumentatividade dos memes.

## **5 A REFERENCIAÇÃO E AS INTERTEXTUALIDADES NA CONSTRUÇÃO DA DIMENSÃO ARGUMENTATIVA DOS MEMES VERBO-VISUAIS**

Até aqui, discutimos sobre os fundamentos que sustentam a tese de que todo texto comporta, de modo mais ou menos explícito, uma dimensão argumentativa. Vimos, conforme Amossy (2018), que a argumentação ocorre sob modalidades diversas e, conforme Cavalcante (2016) e Macedo (2018), que as categorias do texto podem ser importantes instrumentos para a compreensão de como esse fenômeno é textualizado. Embasados no que dizem as autoras, dedicamos espaço, em seguida, à discussão dos processos referenciais e das intertextualidades, categorias textuais que julgamos serem meios importantes para o desvencilhar do fazer argumentativo dos memes verbo-visuais, textos provenientes dos ambientes digitais cuja natureza e caracterização discorreremos na seção anterior.

Nesta seção, depois de termos apresentado todo o aparato teórico que fundamenta este trabalho, reservamos espaço para a descrição dos procedimentos metodológicos da pesquisa e a análise do *corpus*.

### **5.1 Procedimentos metodológicos de pesquisa e análises**

Conforme dito na introdução deste trabalho, nossa pesquisa busca investigar como a referenciação e as intertextualidades atuam para a construção da argumentação em memes verbo-visuais. Para contemplar esse objetivo, realizamos uma pesquisa de natureza indutiva (LAKATOS; MARCONI, 2001), na medida em que partimos da observação de textos específicos para que, a partir disso, possamos estabelecer asserções/generalizações teóricas sobre a textualização da argumentação nos memes verbo-visuais.

Podemos definir, ainda, conforme Gil (1999), que nossa investigação é explicativa com traços descritivos, na medida em que buscamos demonstrar/esmiuçar como se dá a relação entre as categorias textuais da referenciação e da intertextualidade e a construção argumentativa dos memes verbo-visuais. Naturalmente, faz parte desse esmiuçamento explicativo o processo de descrição, necessária para a compreensão de como os processos analisados se apresentam nos dados coletados.

Ademais, no que diz respeito ao tratamento analítico dos dados, nossa pesquisa exige uma investigação de ordem qualitativa, mas que não deixa de apresentar traços quantitativos.

Isso porque, em um primeiro momento da análise, verificamos como os fenômenos da referenciação e da intertextualidade ocorrem nos textos coletados. Ao analisar a ocorrência desse último fenômeno em especial, verificaremos quais os tipos de intertextualidade dentre os definidos por Carvalho (2018) são mais ou menos recorrentes no *corpus*. Essa parte quantitativa da análise, ainda que não ocupe um lugar central diante de nossos objetivos, faz-se necessária para que cheguemos à observação qualitativa do fenômeno, isto é, a investigação de como a mobilização dessas intertextualidades amplas e estritas ocorrentes (bem como os modos de (re)construção e (re)categorização dos referentes) atuam para a construção da dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais.

Delimitamos como *corpus* deste trabalho o que chamamos de *memes verbo-visuais*, textos provenientes do ambiente digital que acabamos de descrever na seção anterior. A escolha pelos memes verbo-visuais se deu principalmente pelo fato de que a inserção de textos multissemióticos nos trabalhos realizados no campo da LT é uma solicitação há muito feita, principalmente por Custódio Filho (2011), ao criticar o viés verbocêntrico que por muito tempo guiou os estudos dessa disciplina. Apesar dessa inserção já vir sendo feita ao longo da última década, consideramos ser ainda necessário investigar a construção textual-argumentativa desses textos compostos por múltiplas semioses à luz das duas grandes categorias textuais aqui mobilizadas, a referenciação e as intertextualidades.

Como espaço de coleta dos dados, delimitamos o *site* de redes sociais *Instagram*, pela sua grande popularidade entre os usuários da internet no mundo e por ser um aplicativo de compartilhamento de textos majoritariamente visuais e verbo-visuais. Para a coleta dos textos, definimos um interstício temporal de um ano: entre os meses de novembro de 2019 e novembro de 2020. Coletamos memes cotidianamente publicadas por diversos perfis seguidos pelo perfil do autor deste trabalho no *site* em questão.

A coleta nos memes nesses espaços se deu a partir do método de seleção indireta, por meio da qual coletamos textos já produzidos e disponibilizados publicamente no *Instagram* para analisá-los posteriormente. Tendo em vista a diversidade de memes produzidos nesses ambientes, utilizamos, para a coleta, dois critérios principais de ordem composicional: (i) a porção cotextual dos textos deveria ser composta pelas semioses verbal e visual e (ii) deveria haver a presença de algum elemento memético (seja na porção verbal ou visual). Após a coleta, obtivemos um *corpus* amplo composto por 324 exemplares de memes que corresponderam aos critérios elencados.

Após a coleta inicial, percebemos uma grande diversidade de temáticas presentes nos textos (personagens de quadrinhos, cultura *geek*<sup>28</sup>, homofobia, carnaval, coronavírus, fascismo, bolsonarismo, dentre outros). Nesse momento da pesquisa, fizemos um recorte, com o intuito de delimitar melhor o *corpus* a ser analisado, optando, desse modo, pela seleção dos memes que abordassem temáticas relacionadas à conjuntura política brasileira atual (2019-2020). Assim, temas como bolsonarismo, gestão governamental da pandemia no Brasil, conservadorismo político e corrupção; temáticas de relativa importância sociopolítica na atualidade, apresentaram-se na maioria dos memes obtidos na coleta. Delimitamos, ao final, um *corpus* de pesquisa<sup>29</sup> constituído por 78 memes verbo-visuais que discutem sobre a conjuntura política do Brasil à época em que foram produzidos (novembro de 2019 a novembro de 2020).

É importante dizer que a escolha metodológica por um recorte temático do *corpus*, para além da maior delimitação do objeto de análise, se faz pelo fato de que acreditamos ser algo que tornará mais clara a investigação de como a (re)construção dos referentes e as relações intertextuais são mobilizadas para a orientação argumentativa dos memes. Nesse caso, acreditamos que é mais plausível buscar perceber como esses recursos textuais são mobilizados pelos locutores para a construção de seus pontos de vista acerca de uma temática em específico, ou temáticas de um mesmo campo social/político; se valoram de modo positivo ou negativo; sobre quais valores e crenças buscam agir para guiar a compreensão acerca do tema, enfim, como os interlocutores lançam mão das estratégias textuais destacadas para manifestar seus modos de ver, pensar e sentir através dos memes verbo-visuais.

Depois disso, em um primeiro momento, verificamos quais os principais referentes apresentam-se em cada texto e demais elementos (linguísticos ou não) que configuram suas redes referenciais. Verificamos também, com base em Carvalho (2018), os tipos de intertextualidade (tanto estritas quanto amplas) que ocorrem nos memes para depois passarmos à discussão interpretativa de como os processos de referenciação e as intertextualidades podem evidenciar a construção argumentativa dos memes verbo-visuais, trazendo à baila alguns dos exemplares analisados para ilustrar os principais resultados obtidos nesse processo analítico.

Tendo apresentado brevemente os aspectos metodológicos desta pesquisa, passamos agora às análises do *corpus*.

---

<sup>28</sup> Pode-se dizer que cultura geek enquadra uma série de comportamentos e afinidades ligadas ao mundo dos jogos, videogames, HQs, do cosplay e tecnologia digital de modo geral. Uma “pessoa geek” seria aquela que conhece a fundo alguma ou todas essas temáticas e que admite um estilo de vida cercado de atividades relativas a elas.

<sup>29</sup> O *corpus* final pode ser acessado através do link:

<https://drive.google.com/drive/folders/1SNxgdsWIL6xUrhA9MPPqQQTPOS7sJJ71?usp=sharing>.

## 5.2 A referenciação na construção da dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais

Conforme vimos na seção 3 desta pesquisa, os estudos sobre a referenciação que vêm sendo desenvolvidos no Brasil, sobretudo aqueles realizados no âmbito da segunda tendência (CUSTÓDIO FILHO, 2011), têm advogado que a construção referencial ocorre de modo muito mais ampliado e complexo. Nessa tendência, entende-se que a construção referencial não se restringe à retomada do referente apenas por meio de formas referenciais dispostas na materialidade cotextual linguística.

Compreender e assumir esse postulado se faz indispensável neste trabalho, uma vez que lidamos com textos que conjugam as semioses verbal e visual em sua composição. Nesse sentido, sem uma visão ampliada da referenciação, que considere os diversos elementos (linguísticos ou não) pelos quais a referenciação ocorre nos textos, seria impossível realizar uma análise consistente de como a referenciação se dá nos memes verbo-visuais e, conseqüentemente, como atuam em sua dimensão argumentativa.

De acordo com Silva e Cortez (2020, p. 402), a construção referencial nos memes se dá de forma não linear, “na qual um referente se constrói e é reconstruído em diálogo com outros, apresentando pistas que implicam a homologação dos demais e dependendo de informações engatilhadas por eles para ser efetivamente construído”. Segundo os autores, esse modo de (re)construção relaciona-se ao plano de texto relativamente curto e com poucos recursos linguísticos como é o caso dos memes verbo-visuais. Essa (re)construção permite uma interação bem mais dinâmica e difusa com o texto, dispensando o modo convencional de leitura, da direita para a esquerda e de cima para baixo, que se faz na maioria dos textos verbais (como esta dissertação).

A partir disso, os autores observam que, tanto o processo de introdução referencial quanto a anáfora ocorrem como que sincronicamente, em uma relação que demanda do leitor/interlocutor o estabelecimento de inferências e relações sobre/entre os elementos entrelaçados no texto (rede referencial). Compreendem, com isso, que “esse modo de disposição composicional propicia uma relação de interação mais fluida e dinâmica entre texto e leitor, bem como *torna complexa a tarefa de definir a partir de que elemento, especificamente, um referente é homologado e quando, exatamente, passa a ser retomado.*” (SILVA; CORTEZ, 2020, p. 403, grifos nossos).

Ao dizer isso, Silva e Cortez (2020) não estão questionando a validade teórica dos processos de introdução referencial e anáfora, mas afirmando que a (re)construção dos referentes, que engloba os modos como estreiam no texto (introdução referencial) e como

progridem (anáfora) ocorre de modo bem mais complexo, não linear e difuso nos memes verbo-visuais. Reiterando o que defendem os autores, é na consideração dessa dinâmica difusa e complexa por meio da qual a referenciação ocorre nos memes que consideraremos os fenômenos de introdução referencial e anáfora em nossas análises.

Direcionados pela hipótese de que os modos de (re)construção dos referentes e a constituição de redes referenciais podem evidenciar a dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais, realizamos a análise qualitativa dos memes que compõem nosso *corpus* buscando observar a dinâmica referencial nesses textos, isto é, como os referentes são introduzidos e como evoluem no texto integrados às suas redes referenciais.

Para demonstrar como essa relação acontece, selecionamos apenas 06 dos memes componentes do *corpus*, tendo em vista as limitações deste trabalho, para ilustrarmos a ocorrência dos processos de introdução referencial (subseção 5.2.1) e da anáfora (subseção 5.2.2) nos memes verbo-visuais, focando sempre a (re)construção dos referentes em rede, com o objetivo de evidenciar como esses processos textuais contribuem para a orientação dos modos de ver e pensar dos interlocutores nos memes.

### 5.2.1 Introdução referencial e a dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais

Conforme vimos na seção 3, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) concebem a introdução referencial como um dos grandes processos por meio dos quais a referenciação ocorre no texto, dizendo respeito às formas como os objetos de discurso emergem no universo textual. No meme a seguir, podemos ilustrar esse processo por meio da porção imagética:

**Figura 20** - Com licença STF



Fonte: *Instagram*. Disponível em:

[https://www.instagram.com/p/B8bVhxHHkCi/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B8bVhxHHkCi/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 20 jul. 2021.

Nesse meme, publicado em fevereiro de 2020, o referente Flávio Bolsonaro é introduzido no texto através da semiose visual. Sobre a imagem, insere-se a frase em caixa alta “com licença STF[...] vocês poderiam parar a investigação do meu amigo Queiroz?”. Essa frase atualiza o fato de o senador ter solicitado ao Supremo Tribunal Federal (STF), em janeiro de 2020, o arquivamento dos processos de investigação movidos pelo Ministério Público do Rio de Janeiro conta seu ex-assessor de gabinete, Fabrício Queiroz, suspeito de operar um esquema de *rachadinha* no gabinete de Flávio que desviou ao menos R\$2 milhões de reais para o senador.

Logo após o Juiz Luiz Fux acatar o pedido de Flávio Bolsonaro, diversos memes sobre o caso foram produzidos, assim como esse. No meme em questão, Flávio é introduzido no texto associado à figura do adolescente Lucky Luciano, que teve uma de suas imagens<sup>30</sup> postadas no *Twitter* viralizada nas redes. Nessa imagem, o jovem aparece com uma postura elegante, vestido com roupas claras, um relógio clássico no pulso e com um estilo casual. Bastou isso para que os usuários das redes se utilizassem da imagem para ilustrar o estereótipo do “playboyzinho”, jovem que geralmente pertence à classe média alta e costuma conseguir aquilo que deseja sem relativo esforço.

Nesse texto, a imagem viralizada é recuperada pelo locutor para caracterizar o modo como ele vê o pedido de Flávio Bolsonaro ao STF para que seu amigo (e, conseqüentemente, o próprio senador) seja isentado da investigação. A opção de introduzir o referente Flávio Bolsonaro a partir dessa semiose visual constrói o efeito de sentido de que o senador se aproveita de seu *status* social, isto é, de ser filho do presidente da república, para conseguir, com o “jeitinho” tipicamente associado à figura do *playboy*, o arquivamento do processo. Compreendemos, portanto, que o modo como o referente é introduzido no texto viabiliza a construção da crítica social realizada pelo locutor quanto ao arquivamento do processo e seu posicionamento negativo, construído de modo satírico, acerca do pedido feito pelo senador ao STF.

Isso também pode ser visto no meme a seguir, produzido em novembro de 2019, que aborda o contexto catastrófico<sup>31</sup> pelo qual passara o país nesse período sob a gestão do presidente Jair Bolsonaro.

<sup>30</sup> Acesso à imagem: <https://blog.tnh1.com.br/planetatera/wp-content/uploads/2019/01/post-original-riquinho.jpg>. Acesso em: 21 ago. 2021.

<sup>31</sup> Para melhor contextualização: <https://www.cartacapital.com.br/sustentabilidade/lama-fogo-e-oleo-as-cries-ambientais-que-assolaram-o-brasil-em-2019/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

**Figura 21** - Capitão catástrofe



Fonte: Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B4f-8islvjP/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B4f-8islvjP/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 21 ago. 2021.

Esse meme estabelece uma relação de alusão estrita com a série de animação *Capitão Planeta*, que narra a história de cinco jovens que ganharam de Gaia (divindade da mitologia grega que simboliza a natureza) cinco anéis, os quais, quando juntos, tinham o poder de invocar o super-herói, formado pela junção dos cinco jovens. O Capitão Planeta tinha a função de livrar o mundo das forças que ameaçavam a natureza. A animação, transmitida durante a década de 1990, buscava conscientizar as pessoas sobre os cuidados com o meio ambiente.

Se observarmos o contexto pelo qual passava o Brasil no momento em que esse meme foi publicado, não seria estranho a recuperação desse texto-fonte. Isso porque, durante o ano de 2019, ocorreram diversos desastres ambientais em todo o país, desde um incêndio florestal na Amazônia, ao rompimento de uma barragem de rejeitos de minério na região Sul, bem como o aparecimento de toneladas de óleo no litoral nordestino. Essa série de calamidades, assim como as políticas armamentistas e pró-agrotóxicos produzidas pelo governo, é referenciada no texto a partir das expressões “fogo”, “óleo”, “armas”, “lama” e “agrotóxicos”. Importa lembrar que, na animação, cada um desses anéis dá aos jovens poderes sobre elementos específicos (terra, fogo, ar e água).

No texto, o referente Bolsonaro é homologado ao ser associado à figura do Capitão Planeta. Pela associação desse referente com os demais acima descritos, constrói-se o efeito de sentido de que Bolsonaro se forma como resultado de todo esse contexto calamitoso e, assim como o Capitão Planeta, tem poderes sobre os elementos naturais. Bolsonaro, então, tem as

habilidades de “mobilizar” o fogo, a lama, os agrotóxicos, as armas e o óleo, que simbolizam os desastres ambientais ocorrentes no Brasil durante seu governo.

A partir disso, podemos concluir que esse modo de introduzir o referente imagetivamente, que acaba sendo recategorizado pela figura do Capitão Planeta, evidencia que, para o locutor, Bolsonaro é resultado da junção de todos esses desastres. Esse modo de apresentar o referente orienta o leitor para o sentido de que Bolsonaro é responsável pelo que está acontecendo, uma vez que “faz parte” dessa junção de calamidades. Com isso, evidencia-se o ponto de vista negativo do locutor sobre a gestão que o presidente tem feito dos trágicos acontecimentos.

É importante ressaltarmos que esses dois textos não realizam a defesa de uma tese. Tanto na figura 20 quanto na figura 21, os locutores não articulam um projeto argumentativo explícito por meio do qual irão defender que Flávio Bolsonaro é corrupto e criminoso ou que o presidente é responsável pela realidade desastrosa pela qual passava o Brasil em 2019. Na verdade, os locutores mobilizam conhecimentos dóxicos e estereotípicos aceitos pelo seu público (interlocutores) para situar seus posicionamentos ideológicos. Na figura 20, a *doxa* de que jovens ricos conseguem tudo sem esforço é acionada quando o produtor recategoriza imagetivamente o Flávio como Lucky Luciano, imagem estereotípica do jovem rico “playboy”. O referente então é inserido nesse quadro e sua ação ao solicitar arquivamento dos processos investigativos movidos contra ele é associada ao comportamento estereotípico do *playboy*.

Em outras palavras, ainda que não seja construída e defendida uma tese quanto a isso, edificam-se, por meio da referenciação, a construção dos modos de ver do locutor sobre a figura de Flávio, permitindo que aquele seja situado em uma formação discursiva de esquerda que acredita ser, o senador, culpado dos crimes sob os quais é investigado.

Ademais, após mostrar como a introdução referencial contribui para homologar o referente no texto revelando sua dimensão argumentativa, passemos à subseção seguinte, em que veremos como ocorre a (re)construção do referente em rede, observando o processo de retomada anafórica, bem como as recategorizações ocorrentes, a partir da análise de quatro dos memes que compõem nosso *corpus*.

### 5.2.2 Anáfora, recategorização e redes referenciais na dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais

A anáfora, segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), compreende o processo referencial que comporta os modos como um referente progride ou evolui no texto. Como mencionamos anteriormente, quando analisamos esse processo em textos como os meme verbo-visuais, é necessário que consideremos sempre a não linearidade sob a qual se constroem os processos anafóricos, bem como as diversas semioses sob as quais se evidenciam.

No meme a seguir, visualizamos esse processo a partir da figura do Homer Simpson, personagem de uma famosa série estadunidense (*The Simpsons*) que narra de modo cômico o cotidiano de uma família. No meme, é estabelecida a alusão estrita com o 16º episódio da 5ª temporada, recuperando-se uma cena (elemento memético desse texto) na qual o personagem tenta se esconder de seus vizinhos no arbusto de sua casa. Essa cena é recontextualizada e ilustra não mais o movimento de entrada do personagem no arbusto, apenas, mas sua saída, agora com algumas mudanças.

**Figura 22** - Não tenho culpa, votei no Amoedo



Fonte: *Instagram*. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B\\_7\\_vnpBUmWuQW\\_6HOxPeyjx3-ksLdc9u3Psm00/](https://www.instagram.com/p/B_7_vnpBUmWuQW_6HOxPeyjx3-ksLdc9u3Psm00/). Acesso em: 21 ago. 2021.

No primeiro quadro da imagem, a figura de *Homer* passa por um processo de mixagem por meio do qual modifica-se sua camisa, originalmente laranja (no seriado), que agora aparece preta com a ilustração do rosto de Jair Bolsonaro e, abaixo, a frase “Bolsonaro presidente”.

Com base nisso e considerando o contexto no qual essa camisa foi popularizada (período eleitoral de 2018), infere-se que Homer, na verdade, recategoriza imagetivamente o referente *eleitor de Bolsonaro*. Esse referente é retomado imagetivamente nos quadrinhos segundo e terceiro da imagem, que indicam o movimento de esconder-se atrás do arbusto. Finalmente, no quarto quadro o referente aparece fora dos arbustos, mas agora com a camiseta trocada. Essa nova camisa de cor laranja traz a frase “não tenho culpa, votei no Amoêdo”, demarcando assim, mais uma vez, o que podemos chamar de retomada anafórica imagética por repetição.

Por meio dessas retomadas por que passa o referente, seu *status* no texto muda e é a partir disso que compreendemos que aquele eleitor de Bolsonaro, recategorizado pela imagem do *Homer* na primeira porção do meme, está arrependido de ter votado no atual presidente e, agora, se “esconde” da opinião pública, se esquivando sob o argumento de que votou, na verdade, em outro candidato, o Amoedo (outro representante da direita nas eleições). É a partir desse movimento anafórico, portanto, que se torna visível o ponto de vista do locutor sobre o comportamento dos apoiadores de Bolsonaro depois de tê-lo eleito, ao referir-se a eles como arrependidos que tentam livrar-se da responsabilidade que têm sobre as ações do atual presidente.

É importante lembrar que esse processo de retomada anafórica nem sempre ocorre nos memes verbo-visuais, ainda que o referente tenha seu *status* modificado com base em informações do contexto sociocognitivo-discursivo no qual se situa o texto. Na figura 21, que analisamos no subtópico anterior, o referente Bolsonaro aparece uma única vez, sem que seja retomado em algum momento. Apesar disso, a partir da relação que estabelece com os demais elementos verbais e imagéticos do texto, o referente sofre mudanças por acréscimo (cf. CUSTÓDIO FILHO, 2011) em um processo não linear, comportando agora as características de mau gestor e responsável pelos desastres naturais ocorridos no Brasil. É por esse motivo que não restringimos nossa análise ao processo de anáfora e nem utilizamos as categorias de anáfora direta e indireta, pois o caráter difuso da dinâmica referencial ocorrente em nosso *corpus* se dá de modo muito mais ampliado e complexo.

Compreendendo isso, passamos a discutir, sobre o processo de recategorização referencial (que já pudemos perceber como se apresenta nos memes) e sobre as relações estabelecidas entre referentes no texto (ou seja, a constituição de redes referencias). Acreditamos que essa observação pode ampliar a compreensão de como a referenciação atua na construção da dimensão argumentativa dos memes.

Em tempo, é importante mencionarmos que, apesar de inserirmos a discussão sobre a recategorização neste subtópico sobre anáfora, nem sempre o processo de recategorização

ocorrerá por meio de retomada anafórica. Como veremos a seguir, o referente *militares*, apesar de ser retomado nas duas partes da figura 23, já aparece recategorizado imageticamente no texto, não dependendo de retomada anafórica para que assim se faça.

Nesse meme (apresentado a seguir), publicado em novembro de 2019, temos uma semiose visual na qual se apresentam dois enfoques diferentes de uma criança: um deles mais restrito ao rosto do garoto e um segundo mais ampliado. Na porção visual da esquerda, vemos que a criança aparece debruçada sobre o chão com uma bota acima de sua cabeça, como se fosse pressionada por ela em direção ao solo. A partir de um processo de *remix*, a criança é recategorizada como “militares” e a bota, por sua vez, como “ameaça comunista”.

**Figura 23** - Ameaça comunista que nada!



Fonte: Instagram. Disponível em:

[https://www.instagram.com/p/B40ixwNn3Rv/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B40ixwNn3Rv/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 20 jul.

2021.

Ao observar essa recategorização referencial somente no lado esquerdo do meme, é possível reconstruir o efeito de sentido de que a classe militar está sendo oprimida pelo comunismo. A expressão facial desolada da criança e o modo como está deitada ao chão contribuem para essa construção. Porém, ao considerarmos a porção imagética da direita, na qual se “descobre” que a suposta bota que pressiona a cabeça da criança é, na verdade, seu próprio braço, outros efeitos são construídos. Agora, compreende-se que a ameaça comunista opressora dos militares era, na verdade, uma criação deles próprios.

Esses efeitos de sentido gerados pelas recategorizações atuam diretamente para a dimensão argumentativa dos meme em questão. Ao recategorizar os militares como uma criança que forja sua própria opressão, o locutor permite vislumbrar o ponto de vista que tem sobre o caráter desse grupo, que poderia ser designado, mediante o texto, como mentiroso e farsante. Para além disso, a recategorização de “ameaça comunista” como o falso pé que machuca a criança, permite visualizar o posicionamento do locutor sobre essa temática. Em

outras palavras, faz ver que, para o locutor, a narrativa de uma constante ameaça comunista é, na verdade, uma farsa orquestrada pelos próprios sujeitos que alegam estar ameaçados (os militares).

As recategorizações referenciais nesse meme, portanto, contribuem para que o locutor acione o discurso da ameaça comunista para questioná-lo e aplicar sobre ele um juízo de valor e então contradizê-lo. Dessa forma, a partir dessa retomada verbo-visual por recategorização referencial, é possível situar o sujeito produtor do meme em uma formação discursiva contrária àquela que defende a existência de uma ameaça comunista iminente.

Do mesmo modo que ocorre nesse texto, é possível notar a relação estabelecida entre a (re)categorização dos referentes e a dimensão argumentativa do meme seguinte.

**Figura 24** - Selecione todos os milicianos



Fonte: Instagram. Disponível em:

[https://www.instagram.com/p/B5QOCP5nmKT/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B5QOCP5nmKT/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 19 jul. 2021.

Nesse texto, que tem como elemento memético a estrutura que alude aos testes de prevenção contra vírus cibernéticos, a porção imagética se compõe por uma série de pequenos quadros que intercalam imagens de uma rodovia e fotos de Jair Bolsonaro e seus filhos. Na parte superior da semiose visual, está inscrita a frase “selecione todos os quadros com milicianos”.

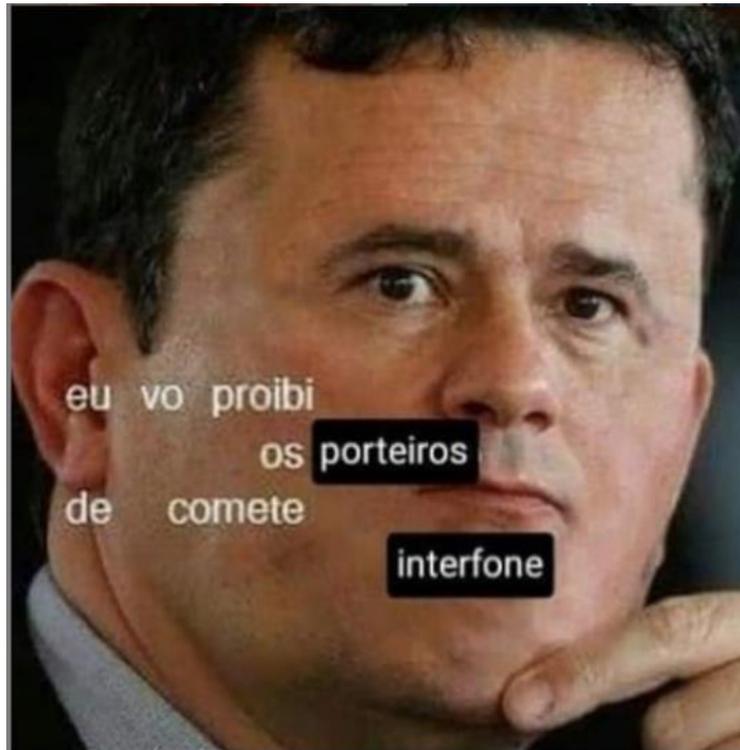
Ao estabelecer estrategicamente essa relação, o autor recategoriza (e encapsula, ao mesmo tempo) os referentes presentes na semiose visual (Jair, Flávio, Eduardo e Carlos

Bolsonaro) sob o enquadre de milicianos, isto é, sujeitos que integram grupos criminosos que agem sem amparo da lei visando benefícios próprios. Esse meme é construído no momento em que são descobertas diversas relações entre os referidos filhos do presidente e integrantes de milícias que haviam praticado crimes no estado do Rio de Janeiro. Sob um viés satírico/humorístico, ergue-se então a opinião do locutor sobre a conduta dos sujeitos representados no texto, considerada como criminosa.

Ademais, mesmo destacando os modos de introdução referencial e posteriormente a (re)categorização dos referentes, bem como o modo como fazem ver a construção argumentativa dos memes, percebemos que esses processos não ocorrem de modo isolado. Na figura 21, por exemplo, a homologação e (re)categorização do referente Bolsonaro ocorre somente a partir das relações que o referente estabelece com os demais apresentados no texto. Do mesmo modo, na figura 23, a construção do efeito de sentido de que a ameaça comunista (referente recategorizado imageticamente) é uma farsa criada pelos militares (também recategorizado imageticamente) se torna possível apenas quando se relaciona os modos como a semiose imagética aparece nos dois momentos do texto (esquerda e direita) e a semiose verbal inserida.

Essa relação que os referentes estabelecem entre si, a qual foi evidenciada nos exemplos analisados, demonstra a constituição de redes referenciais, isto é, os “entrelaçamentos de sentidos na construção dos referentes” (MATOS, 2018a, p. 170). Neste trabalho, como já mencionado, buscamos evidenciar como a constituição dessas redes atua na construção da dimensão argumentativa dos memes. Com o intuito ilustrar o que foi verificado sobre isso, apresentamos o meme a seguir:

**Figura 25 - Moro vai proibir**

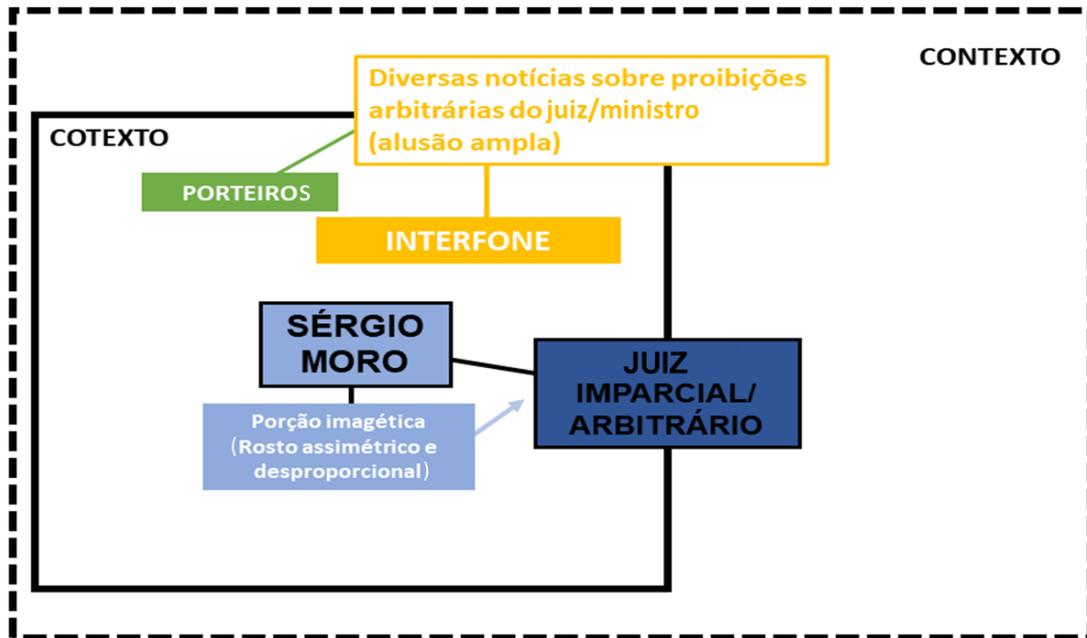


Fonte: Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CFbGPNfni0v/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CFbGPNfni0v/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 29 jul. 2021.

Nesse meme, publicado no início de 2020, representa-se imageticamente o rosto do ex-juiz e ex-ministro Sérgio Moro “deformado” por processos de edição gráfica. Essa imagem deformada do rosto de Moro representa o elemento memético desse texto, que foi reproduzido diversas vezes em diferentes contextos. Sobre a porção imagética, responsável pela introdução do referente, apresenta-se a frase “eu vo proibi os porteiros de comete interfone [sic]”. Tanto “porteiros” quanto “interfone” aparecem inseridos a partir de uma estratégia de remix, na qual se manteve a estrutura imagética e verbal, sendo alteradas apenas essas duas palavras.

Para que possamos visualizar melhor como esses elementos integram a rede referencial construída a partir do referente principal (Sérgio Moro), elaboramos o seguinte esquema:

Esquema 4 - Rede referencial da figura 25



Fonte: Elaboração própria

No esquema, o traçado vazado preto na parte externa representa o espaço contextual no qual o texto emerge e a forma com bordas pretas lineares representa o espaço cotextual. No âmbito do contexto, representamos em uma caixa azul mais clara o referente principal (Sergio Moro) e a descrição de sua imagem deformada. Acima, em amarelo e verde, representamos os dois outros referentes que aparecem no texto “porteiro” e “interfone” que se ligam, por sua vez, a elementos que margeiam a superfície (co)ntextual: relações intertextuais que se estabelecem a partir desses referentes. Finalmente, no quadro azul mais escuro, inserimos a recategorização ocorrida no referente a partir da conjugação dessas diversas informações disposta no texto.

No que diz respeito à construção argumentativa, podemos perceber principalmente que o rosto desfigurado do Sergio Moro já indicia uma valoração negativa ao referente, uma vez que se homologa de modo desvirtuado de sua imagem empírica. Contribui para isso, também, a expressão de dúvida, marcada pela mão colocada no queixo. Mas o aspecto que melhor desvela a construção argumentativa desse meme são os outros dois referentes (em verde e amarelo no esquema), pois é a partir deles que esse *status* de ignorância/dúvida sugerido por meio da semiose visual ganha força.

Esses dois referentes estabelecem uma relação intertextual ampla com diversos textos que circularam na época da produção do meme sobre a interferência de Moro em uma investigação sobre a morte da vereadora Marielle Franco. Na ocasião, depois de muito tempo de investigações, um porteiro do prédio no qual morava um dos suspeitos do crime relatou à

Polícia Federal que esse suspeito compareceu à portaria do prédio e recebeu autorização do então presidente (Jair Bolsonaro), que possui apartamento no mesmo prédio, para subir até sua residência.

Assim que a informação foi noticiada, memes como esse foram produzidos, associando a conduta já arbitrária do juiz (que se tornou ministro após julgar o ex-presidente Lula, principal adversário político de seu chefe) a suas constantes tentativas de livrar Bolsonaro de qualquer suspeita, ainda que por vias duvidosas. Esses referentes associam-se, também, a decisões antiéticas tomadas no passado (proibição de uso de áudios e arquivos pela defesa do ex-presidente Lula), quando ainda era juiz, e na ocasião atual, enquanto Ministro da Justiça. Há, desse modo, o estabelecimento de relações intertextuais amplas com as várias notícias sobre as decisões imparciais tomadas não só no caso Marielle, mas também no caso Lula.

Desse modo, quando atribui ao ex-ministro a fala de que ele vai proibir os porteiros de “cometer” interfone, o locutor satiriza a atuação de Moro, permitindo o estabelecimento do efeito de sentido de que esse profissional da magistratura tenta interferir fora de sua alçada e sob formas que não seguem os princípios éticos, como deve ser o processo jurídico. O uso do verbo “cometer” associado a um termo que sintaticamente não poderia estabelecer uma relação de complemento (interfone) salienta essa confusão imputada à conduta do ex-juiz.

Com base nisso, entendemos que toda essa construção da dimensão argumentativa somente se faz a partir da orquestração estratégica que o locutor realiza dos elementos diversos (referenciais, imagéticos e intertextuais) apresentados no texto. Esses, estabelecendo relações de interdependência, orientam a construção referencial de um Sérgio Moro que é parcial, ignorante, confuso e que age de forma antiética, desvirtuando o modo adequado pelo qual suas ações deveriam seguir, tendo o intuito de defender interesses próprios. O modo como o locutor orchestra a construção dessa rede referencial, portanto, constrói o ponto de vista que ele tem sobre o ex-ministro e sua atuação.

### **5.3 As intertextualidades na construção da dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais**

Conforme discorreremos na seção 3 deste trabalho, entendemos a intertextualidade conforme Carvalho (2018), que a define como um fenômeno textual que ocorre quando um texto retoma (partes de) outros textos específicos (intertextualidade estrita) ou quando são

retomadas marcas de gênero, estilo e informações dispostas em um compósito de textos dentre os quais não é possível localizar exatamente um só texto-fonte (intertextualidade ampla). Esse modo mais ampliado de conceber o fenômeno da intertextualidade, que passa a contemplar as relações mais difusas entre textos, é de extrema importância para esse trabalho, na medida em que consegue apreender de modo mais efetivo, em termos analíticos, as relações intertextuais estabelecidas em textos verbo-visuais.

Com o intuito de investigar o comportamento das intertextualidades na construção argumentativa dos memes, levantamos a hipótese de que a mobilização de intertextualidades, tanto estritas (por copresença e derivação) quanto amplas (por imitação e alusão ampla), pode contribuir para a textualização dos modos de ver, pensar e sentir do locutor nos memes verbo-visuais.

Direcionados por essa hipótese, procedemos à análise do *corpus* em dois momentos. No primeiro, quantificamos os tipos de intertextualidade ocorrentes nos textos, dentre aqueles definidos por Carvalho (2018) para, em seguida, relacioná-los ao fazer argumentativo dos memes. No quadro a seguir, sintetizamos o que foi verificado nessa primeira etapa:

**Quadro 2** - Ocorrência das intertextualidades nos memes verbo-visuais coletados

			Número de ocorrências	
<b>TIPOS DE INTERTEXTUALIDADE</b>	<b>ESTRITAS</b>	<b>Copresença</b>	Citação	-
			Alusão estrita	<b>32</b>
			Paráfrase	-
		<b>Derivação</b>	Paródia	<b>4</b>
			Transposição	-
			Metatextualidade	-
	<b>AMPLAS</b>	<b>Imitação</b>	Estilo de Gênero	<b>3</b>
			Estilo de autor	-
			Alusão ampla	<b>78</b>

Fonte: Elaboração própria.

Conforme o quadro, os memes analisados demonstraram maior presença da alusão ampla (ocorrente em todos os textos), da alusão estrita (ocorrente em 32 textos), da paródia (ocorrente em 4 textos) e da imitação de estilo de gênero (também ocorrente em 3 dos textos). Apesar de não ter centralidade em nossa investigação, a verificação da quantidade e de quais tipo(s) de intertextualidade foram mais ou menos recorrentes nos memes faz-se importante para a compreensão de como o fenômeno se apresenta nos textos, parte necessária do percurso da

pesquisa para que se possa chegar à principal: as análises qualitativas, por meio das quais relacionamos os tipos de intertextualidades e a construção da dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais.

Já era esperado que a alusão ampla ocorresse em todos os textos, pois o elemento memético (um dos critérios de seleção) presente em todo o *corpus* garante que haja relação intertextual com o conjunto de memes do qual deriva ou ao qual remete, no mínimo. Além disso, é comum que em memes verbo-visuais o apelo ao humor seja recorrente e que a recuperação dos intertextos seja considerada de fácil inferência, na medida em que os usuários de páginas produtoras de memes (de onde coletamos a maior parte do *corpus*) têm: a) uma imagem bem definida de seus leitores (aqueles que os seguem, geralmente, compartilham de muitas afinidades) e b) clareza quanto aos elementos que possivelmente serão facilmente recuperados por eles.

Acreditamos que o grande número de ocorrência de alusões amplas também esteja relacionado ao contexto de produção e às temáticas dos memes: em sua maioria, abordam temas do contexto atual, sendo de fácil acesso e compreensão. Esses temas envolvem questões sociais, políticas e ideológicas em evidência no espaço público, as quais são sempre cotejadas com forte apelo ao humor. Por isso, entendemos que esse apelo humorístico é um mecanismo que pode explicar a alta presença de alusões amplas.

Tal apelo humorístico explicaria, também, a não ocorrência da transposição. Como assinala Carvalho (2018), esse processo intertextual ocorre quando um texto deriva de outro, tendo sua forma transformada, porém sem que haja deturpação do conteúdo. Poderíamos dizer, então, que o fato de ser um processo de caráter mais sério (o que o diferencia da paródia) tende a ocorrer menos nos memes verbo-visuais dessa natureza. Apesar disso, não é um impeditivo para a ocorrência em outros memes, dada a sua diversidade de ocorrência e características no meio digital.

No que diz respeito à ausência da citação, da paráfrase e da metatextualidade, acreditamos que pode estar relacionada também a esse apelo comum ao humorístico/satírico. Isso porque, geralmente, o efeito de humor é engatilhado pela surpresa, pela associação de elementos ou inferências. Em outras palavras, ocorre na relação com aquilo que está mais implícito, que é mais propiciado pelas relações de alusão (estritas e amplas). Os processos de citação, paráfrase e metatextualidade, portanto, ao atuarem na retomada de partes de outros textos de modo mais explícito e preciso do que as alusões estritas e amplas (que retomam informações mais difíceis de serem percebidas), tenderiam a ocorrer menos em textos como os memes verbo-visuais.

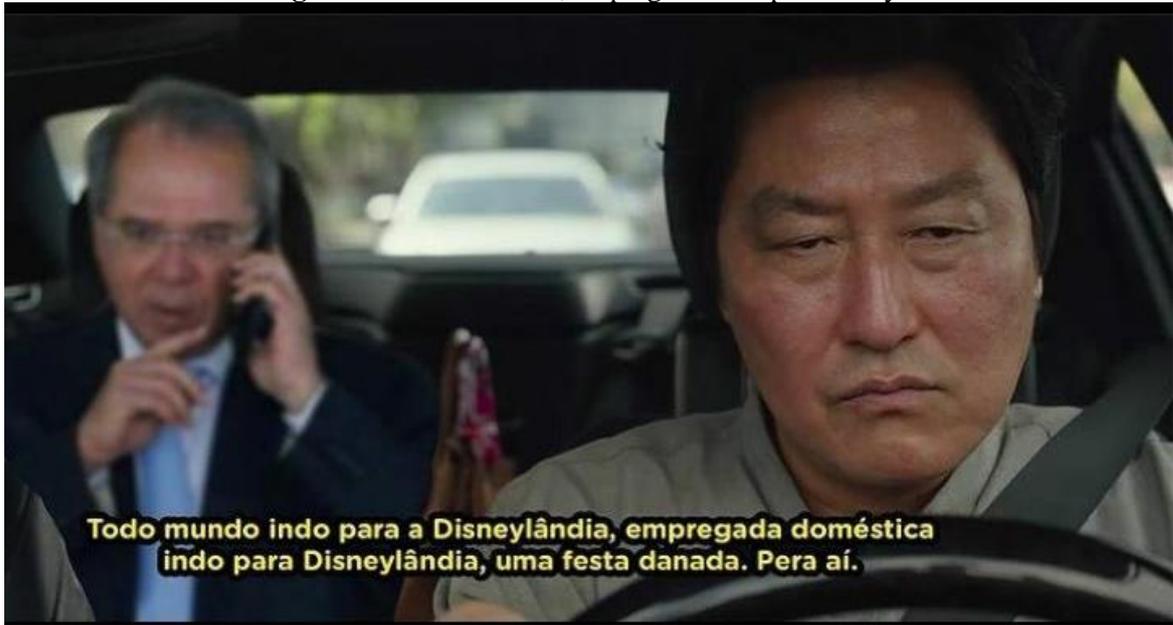
Por fim, sobre a ocorrência de imitação de estilo de gênero, acreditamos que se relaciona ao *remix*, elemento apontado por Lima-Neto (2014; 2020) como característico dos memes veiculados em *sites* de redes sociais.

Apesar de ser uma discussão interessante para a compreensão das diferentes formas de ocorrência da intertextualidade nos memes, não nos cabe aprofundamentos sobre os porquês de determinados tipos intertextuais ocorrem e outros deixam de ocorrer, tendo em vista a objetivação desta pesquisa (que se centra na relação entre a intertextualidade a dimensão argumentativa dos memes). Por ora, tendo contemplado essa discussão de modo geral, passamos à segunda etapa de nossa análise. Neste momento, discutiremos sobre os tipos de intertextualidades estritas (alusão estrita e paródia, na subseção 5.3.1) e as amplas (alusão ampla e imitação de estilo de gênero, na subseção 5.3.2) ocorrentes no *corpus*, com o intuito de descrever como esses fenômenos atuam na construção argumentativa dos memes verbo-visuais. Faremos isso a partir da análise de nove memes.

### 5.3.1 Intertextualidades estritas e a dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais

A alusão estrita e a paródia são consideradas processos intertextuais estritos por Carvalho (2018) porque ocorrem no estabelecimento de relação entre textos específicos. A primeira ocorre quando há marcas ou “insinuações, menções indiretas” (CARVALHO, 2018, p. 86) ao texto-fonte retomado. No meme a seguir, há alusão estrita com o filme *Parasita*, produzido em 2019 sob direção do sul-coreano *Bong Joon Ho*. Enquadrado em uma mistura dos gêneros *thriller*, drama e comédia, o filme aborda a desigualdade socioeconômica da Coreia do Sul a partir do personagem *Ki-taek*, representado na imagem (motorista), e sua família, residentes de um bairro muito pobre desse país, que passam a trabalhar para uma família de classe alta da cidade.

**Figura 26** - Como assim, empregada indo pra Disney?



Fonte: Instagram. Disponível em:

[https://www.instagram.com/p/B8hAlvqHLxt/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B8hAlvqHLxt/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 20 ago. 2021.

Na cena original retomada para compor esse meme, estão o motorista *Ki-taek*, ilustrado com uma expressão facial de raiva e, no banco de trás, sua patroa, *Yeon-Kyo*, que conversa ao telefone com seu marido. Na cena, ela diz: “Hoje o céu está tão azul e sem poluição... Sim, graças à chuva de ontem! Aquela chuva foi uma verdadeira bênção”. A fala da personagem justifica a expressão de raiva de *Ki-taek*, que teve sua casa alagada e perdeu quase tudo o que havia nela na noite anterior, em decorrência dessa mesma chuva descrita como bênção por sua patroa.

Esse diálogo é mobilizado e, por meio de recursos de edição, a figura de *Yeon-Kyo* é apagada. Sobre ela, insere-se a imagem do ministro da economia Paulo Guedes ao telefone, assim como estava a personagem na cena original. Além disso, modifica-se a frase dita por *Yeon-Kyo* para “Todo mundo indo pra Disneylândia, empregada doméstica indo para a Disneylândia, uma festa danada. Pera aí”, frase que remete ao conteúdo de uma fala infeliz do então ministro durante um discurso sobre a alta do dólar (alusão estrita). Para ele, a cotação baixa da moeda em períodos anteriores estava permitindo que a população de classe média, referida no discurso pela figura da empregada, viajasse ao exterior (Disneylândia). Seu discurso gerou grande indignação, a qual foi expressa nos *sites* de redes sociais por meio de memes como esse.

Ao retomar a cena do filme, na qual o empregado se indigna com a fala de sua patroa, o locutor do texto compara tal situação à fala de Paulo Guedes, associando a total indiferença

da personagem *Yeon-Kyo* sobre a situação da população mais empobrecida daquele local diante das chuvas ao discurso elitista do ministro, que tenta demarcar os locais que podem ou não ser acessados pelas pessoas de classes sociais menos abastadas. A mobilização dessa alusão estrita, portanto, age diretamente para que seja colocado em texto o posicionamento negativo do locutor sobre o discurso de Guedes, concebido como elitista e indiferente às pluralidades socioeconômicas das pessoas.

Assim como nesse texto, a alusão estrita é fundamental para a construção argumentativa do meme a seguir, que retoma o discurso neoliberal de “economia acima de todos” para contestá-lo.

**Figura 27** - E a economia?



Fonte: *Instagram*. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B-aBo\\_eFvgM/](https://www.instagram.com/p/B-aBo_eFvgM/). Acesso em: 20 ago. 2021.

No texto, a alusão estrita caracteriza-se pela retomada de uma das cenas mais famosas do filme *Titanic*, produzido por James Cameron em 1997. O filme narra a história de amor entre Rose e Jack (ambos representados imagetivamente no meme) interrompida quando o navio no qual viajam (*Titanic*) naufraga após colidir com um *iceberg*. A cena retomada se trata de uma das últimas do filme, na qual Rose e Jack se apoia sobre uma parte dos destroços do navio já naufragado na tentativa de sobreviverem.

Por meio de recursos de edição, atribui-se a frase “no que vc ta pensano jeq[sic]” à Rose, como se direcionasse a pergunta para Jack, o qual responde “e a economia?”. É importante dizer que esse meme foi publicado em um contexto no qual a pandemia do coronavírus ainda vigorava (março de 2020) e tinha causado milhares de mortes diariamente no Brasil. Ao mesmo tempo, porém, havia uma pressão por parte do Governo Federal e do presidente, principalmente, para negar os efeitos incontestes da pandemia sobre a população e assim minar as políticas sanitárias de isolamento social. Além de seu negacionismo, o que guia sua argumentação é o

discurso de que a economia sofrerá diante dessas medidas de isolamento. Dessa forma, é retirada a importância da preservação da vida de milhões de brasileiros em detrimento da economia do país.

A partir disso, constrói-se a ideia de que, assim como na cena referenciada do filme, a população brasileira (representada por Rose) encontra-se no meio de uma catástrofe que ameaça a própria vida das pessoas. No entanto, mesmo diante desse contexto, importa mais ao governo (representado por Jack) a situação econômica do país. Esse efeito de sentido só é possível a partir da consideração dos diversos conhecimentos sobre o contexto pandêmico brasileiro e, principalmente, da retomada do texto aludido pelo meme, elemento crucial para que o interlocutor possa reconstruir a relação feita pelo locutor entre a gestão da pandemia pelo governo brasileiro ao contexto catastrófico narrado no filme.

Portanto, temos que a alusão estrita mobilizada pelo locutor permite que vislumbremos o modo como este vê a situação por qual passa o Brasil, a qual considera calamitosa assim como o naufrágio do Titanic. Além disso, permite ao locutor contestar, de forma satírica, o discurso neoliberal tomado pelo governo, que coloca o capital acima da saúde e da vida da população.

No meme seguinte, a alusão estrita também desempenha um importante papel na construção argumentativa do texto. Vejamos:

**Figura 28** - Hetero, cristão e conservador... Só que não.



Fonte: Instagram. Disponível em:

[https://www.instagram.com/p/CDKLIudBIX\\_RnbXJsjom25aH9wDU6Aog-yO3T80/](https://www.instagram.com/p/CDKLIudBIX_RnbXJsjom25aH9wDU6Aog-yO3T80/). Acesso em: 20 ago. 2021.

O meme é composto por duas imagens (elemento memético) retomadas do seriado estadunidense *The Simpsons*, que narra, de forma cômica, a vida de uma inusitada família de

*Springfield*. Na imagem, *Homer*, personagem de péssimos hábitos alimentares, aparece com um corpo magro recategorizando o homem heterossexual, cristão e conservador (semiose verbal). Ao seu lado está sua esposa, *Marge*, que recategoriza imagetivamente a Igreja evangélica (semiose verbal). Essa construção viabiliza o efeito de sentido de que a Igreja tem como modelo a figura do homem hétero, cristão e conservador.

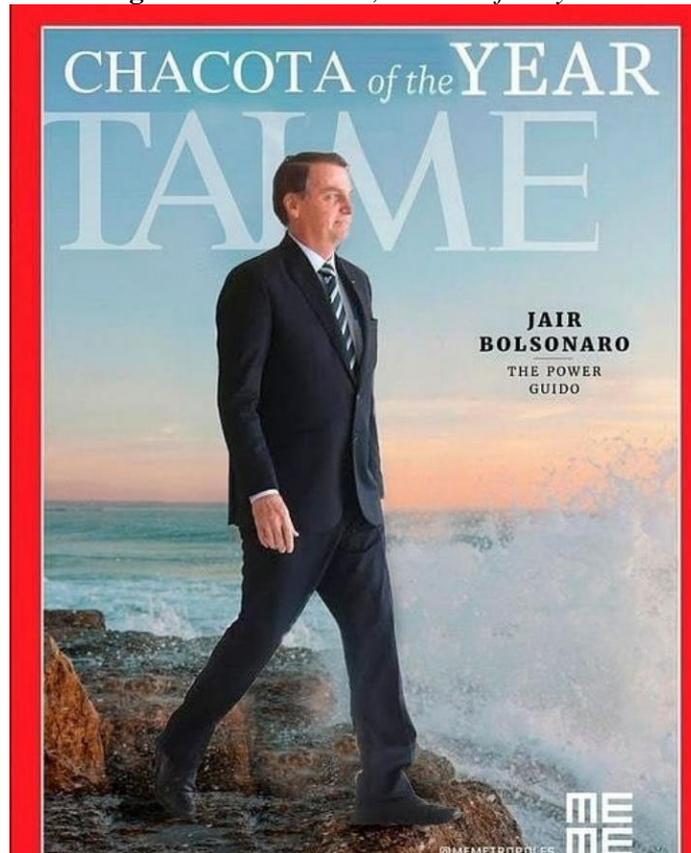
No entanto, na porção imagética inferior, um outro ângulo da cena é mostrado, na qual percebe-se que o corpo esbelto do Homer admirado por Marge é na verdade uma farsa. Trata-se apenas da pele repuxada, presa e amarrada em suas costas, de forma a torná-lo visivelmente mais magro. A essa pele amarrada em suas costas, local invisível ao olhar de Marge, atribuem-se os termos “Duas amantes”, “B.O. Maria da Penha” e “terceiro casamento”. Esse modo de construção permite a inferência de que o locutor do texto tenta associar o comportamento leviano de Homer quanto ao seu corpo à figura masculina conservadora, heteronormativa e cristã, admirada pela religião evangélica, definida por ele como uma mera farsa.

Por meio da alusão estrita (porção imagética; cenas do seriado), portanto, o locutor exprime seus pontos de vista sobre esse modelo de homem conservador, o qual considera falso; apenas uma imagem ou papel assumido por homens que, na verdade, escondem uma conduta dogmática/moral contraditória (duas amantes; terceiro casamento) e a postura criminosa/violenta para com as mulheres (B.O. Maria da Penha), do mesmo modo que Homer ao esconder a sua gordura.

Assim como a alusão estrita, vimos, de acordo com o quadro 2, que houve ocorrência da paródia, tipo de intertextualidade que se define – convém lembrar – como uma “transformação que opera desvios de forma e/ou conteúdo, bem como dos propósitos de um texto-fonte”. (CARVALHO, 2018. p. 93). Essa intertextualidade ocorre no meme a seguir, que foi construído a partir de uma transformação da capa de uma edição da revista *Time*<sup>32</sup> publicada em dezembro de 2019.

<sup>32</sup> Texto-fonte: [https://s2.glbimg.com/fEIAZaTP1cuio-L7L4zeCA6yEVs=/0x0:2363x3150/984x0/smart/filters:strip\\_icc\(\)/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH\\_59edd422c0c84a879bd37670ae4f538a/internal\\_photos/bs/2019/U/g/d1RVZXQVONRzQybYqJhg/2019-12-11t134623z-134875368-rc21td9ddi48-rtrmadp-3-time-person-gretathunberg.jpg](https://s2.glbimg.com/fEIAZaTP1cuio-L7L4zeCA6yEVs=/0x0:2363x3150/984x0/smart/filters:strip_icc()/i.s3.glbimg.com/v1/AUTH_59edd422c0c84a879bd37670ae4f538a/internal_photos/bs/2019/U/g/d1RVZXQVONRzQybYqJhg/2019-12-11t134623z-134875368-rc21td9ddi48-rtrmadp-3-time-person-gretathunberg.jpg). Acesso em 21 ago. de 2021.

**Figura 29** - Bolsonaro, *chacota of the year*



Fonte: Instagram. Disponível em:

[https://www.instagram.com/p/B58N0TlhsvZ/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B58N0TlhsvZ/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em 12 ago. 2021.

Na ocasião, a *Time* publicou uma edição com homenagem à personalidade do ano, direcionada à ativista sueca Greta Thunberg. Alguns dias antes essa revista havia divulgado uma lista com possíveis personalidades do ano, que eram pessoas destacadas através de suas boas ou antiéticas ações. Uma delas foi o então presidente Bolsonaro.

Um dia antes dessa divulgação, Bolsonaro referiu-se à Greta como “pirralha” após a ativista ter cobrado respostas, em discurso, sobre a morte de indígenas no Brasil. Nesse momento, diversas *fake news* foram produzidas por simpatizantes do presidente, inclusive uma que afirmava ser Bolsonaro o eleito pela *Time* como personalidade do ano. No dia seguinte, ao lançar a revista oficial, a *Time* trouxe Greta como personalidade do ano. Esse fato inusitado gerou diversos memes como esse, que retomam a estrutura da capa da revista para criticar a postura do presidente diante dessa situação.

No meme, o nome original é transformado em “Taimé” enquanto que o termo “person of the year” transforma-se em “chacota do ano”. A partir desses elementos e, principalmente, a partir da paródia estabelecida, constrói-se de forma humorístico-satírica um posicionamento

do locutor sobre a imagem do presidente diante dessa situação, algo que é salientado pela recategorização do referente como “chacota”.

Por meio dessas análises, buscamos demonstrar como as intertextualidades estritas ocorrentes no *corpus* podem atuar na construção argumentativa dos memes. A partir das figuras analisadas, verificamos que tanto as alusões estritas quanto a paródia (nos textos em que aparecem) são fundamentais para que o ponto de vista do locutor seja expresso. Agora, na subseção seguinte, analisaremos os tipos de intertextualidade ampla, verificando, do mesmo modo, como atuam para a construção argumentativa dos memes verbo-visuais.

### 5.3.2 Intertextualidades amplas e a dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais

A alusão ampla se difere da alusão estrita porque, em sua constituição, não é possível localizar ao certo qual texto-fonte está sendo acionado. Nesse caso, o texto não aponta para outro específico, mas para informações dispersas em um conjunto de textos.

Vejamos o meme a seguir:



Fonte: *Instagram*. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B-TGG1OHrge/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B-TGG1OHrge/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 20 ago. 2021.

Esse texto foi publicado em março de 2020, período em que os números de contágio por coronavírus aumentavam exponencialmente, apesar de ainda estar em um grau considerado estável pelos órgãos de saúde. Nessa época conturbada, era comum que se falasse na “curva do coronavírus”, que era um modo de esclarecer melhor o limite numérico de casos que, caso fosse ultrapassado, geraria uma superlotação dos hospitais e facilitaria um maior número de óbitos decorrentes da doença. Diante dessa preocupação, era comum que, diariamente, os meios de comunicação noticiassem os números de infectados e como se apresentavam graficamente nessa curva-limite de casos. Duas dessas curvas são ilustradas no meme: a azul exprime um limite aceitável de casos ao representar uma curva baixa que não ultrapassa a linha pontilhada, já a vermelha representa uma curva alta, na qual os casos ultrapassaram o limite de capacidade de lotação dos hospitais.

Nesse meme, que tem como elemento memético a semiose visual (imagem do casal e outra mulher), a figura do Brasil (representada pela bandeira) é recategorizada imagetivamente pelo homem de camisa xadrez, que ignora sua companheira com quem está de mãos dadas para olhar em direção à mulher de laranja. As duas mulheres, assim como o rapaz, são recategorizadas imagetivamente uma pelo gráfico azul (número aceitável de infectados) e o vermelho (número de mortes que ultrapassam a capacidade dos hospitais), representando algo que “interessa” ao “Brasil” que no meme se apresenta.

Por meio dessas duas tabelas representadas imagetivamente no meme, portanto, é possível estabelecer uma alusão ampla ao conjunto de textos que noticiaram a possível alta nos números de contágios no Brasil durante o período em que foi publicado esse texto. Ao mesmo tempo, ilustra, através da postura do rapaz a cortejar a outra mulher que não sua companheira, que o Brasil tem se inclinado a resultados que o levarão a uma realidade perigosa (o aumento dos casos de Covid-19).

Como podemos ver, essa alusão ampla mobilizada no texto atua para a construção do ponto de vista do locutor sobre a o modo como o Brasil tem respondido ao contexto pandêmico, isto é, de forma inadequada ao “flertar” – como o rapaz da imagem – com uma realidade ainda pior do que aquela pela qual estava rodeado.

A seguir, na figura 30, ocorre esse mesmo de tipo de intertextualidade, que está marcada, nesse caso, pela semiose visual. Nesse texto temos uma alusão ampla que se estabelece entre esse meme e os outros formados com base nessa mesma semiose visual (elemento memético desse texto).

**Figura 31** - Família brasileira na pandemia

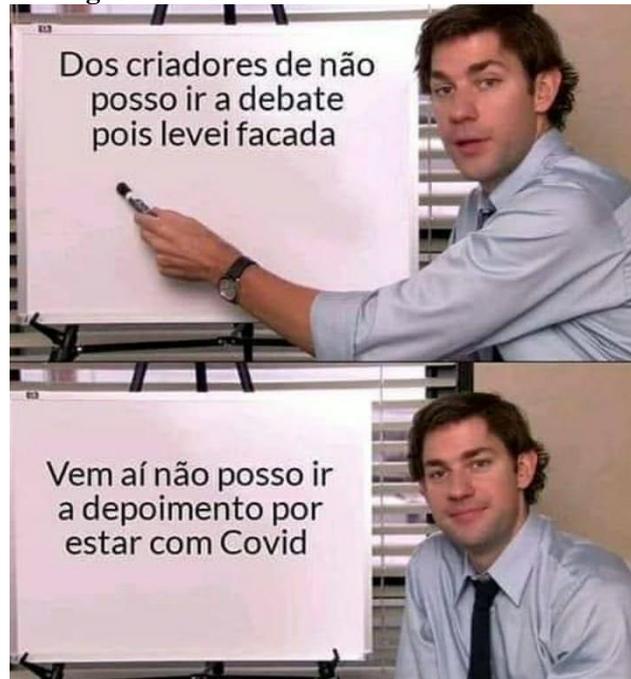
Fonte: Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B-FNTy-DvrV/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B-FNTy-DvrV/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 20 ago. 2021.

No meme, representa-se um homem sentado na beira de um penhasco que recategoriza imagetivamente o referente “família brasileira na pandemia”. Atrás dele, há outro homem prestes a chutá-lo penhasco abaixo. Sobre ele, insere-se a frase “Governo brasileiro autoriza a suspensão do contrato de trabalho por quatro meses”, que se refere a notícias repercutidas na mídia sobre medidas trabalhistas arbitrárias tomadas pelo Governo durante a pandemia.

A partir dessa relação que o locutor estabelece com os demais memes, que sempre ilustram um homem prestes a derrubar outro de um penhasco, é possível construir o efeito de sentido de que a decisão do governo referenciada no meme simboliza um golpe na família brasileira em plena pandemia. Nesse sentido, ao mobilizar essa relação intertextual, o locutor deixa claro seu ponto de vista contrário às medidas tomadas pelo governo e sobre como vê o impacto dessas na vida dos brasileiros (ou seja, um golpe fatal).

No meme seguinte, a alusão ampla também é de grande importância para a construção da argumentatividade desse texto. Ela ocorre a partir das duas frases inseridas nas lousas representadas: “Dos criadores de não posso ir a debate pois levei uma facada” e “Vem ai não posso ir ao depoimento por estar com Covid”.

**Figura 32** - Dos mesmos criadores da facada



Fonte: Instagram. Disponível em:

[https://www.instagram.com/p/CCYfbAfhwai/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CCYfbAfhwai/?utm_medium=copy_link). Acesso em: 12 ago. 2021.

A frase do primeiro quadro estabelece alusão ampla com o conjunto de textos que noticiaram o atentado sofrido por Bolsonaro no período eleitoral, em 2018. Na ocasião, enquanto caminhava com apoiadores, recebeu um golpe de faca de uma das pessoas que ali estava e teve que ser hospitalizado. Sua ausência nos debates passou então a ter mais uma justificativa. A frase do segundo quadro, por sua vez, estabelece alusão ampla com um conjunto de textos que divulgaram a recusa do presidente em depor em um inquérito instaurado pelo Supremo Tribunal Federal, que investigava sua suposta interferência nas decisões da Polícia Federal para livrar seu filho, Flávio Bolsonaro, de processos de lavagem de dinheiro nos quais era investigado. Ocorre alusão ampla uma vez que se retoma não um texto específico, mas uma informação dispersa em um conjunto de textos que noticiaram o fato, em novembro de 2020. Importa lembrar que, nessa ocasião, depois de se recusar várias vezes a depor e ser impedido de proceder pela modalidade escrita, Bolsonaro apresentou um atestado positivo de Covid para justificar sua necessidade de ausência.

A partir dessa conjunção de relações intertextuais, compreende-se que o locutor estabelece uma comparação entre o episódio da facada e o uso da contaminação por Covid para justificar a ausência em depoimento. Tal comparação fica evidente até por meio de certo paralelismo sintático na estrutura das frases: “não posso ir a (adv. de lugar) pois/por (oração desenvolvida ou reduzida de infinitivo)”. Através dessa comparação, o locutor, de modo satírico, questiona a postura do presidente diante desses eventos e o enquadra no espaço da

covardia, ao apresentar dois momentos que, sob seu ponto de vista, o presidente utilizou de sua condição de saúde para se esquivar de responsabilidades (os debates eleitorais e os depoimentos).

Assim como a alusão ampla, a imitação de estilo de gênero foi outro processo ocorrente nos memes analisados. Discorreremos, agora, sobre esse tipo de intertextualidade a partir da figura 32. Nesse texto, podemos ver a mobilização de imitação de estilo de gênero, além da copresença por alusão estrita que estabelece com o seriado *Pica-Pau*.

**Figura 33** - Novo "ministro" da Saúde



Fonte: Instagram. Disponível em:

[https://www.instagram.com/p/CAWj\\_SHnenz/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CAWj_SHnenz/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 12 ago. 2021.

Esse meme estabelece relação intertextual ampla com os diversos textos<sup>33</sup> que noticiavam a absurda ausência de um ministro na pasta da Saúde durante um período de duas semanas (quando o meme foi publicado, maio de 2020). Vale lembrar que essa ausência perdurou por quase dois meses depois da publicação do meme.

Na construção desse texto, o locutor mobiliza elementos que remetem ao gênero pronunciamento público televisivo: mostram-se o palanque, a tarja ao fim da tela como o nome e função da pessoa que fala, um logotipo na parte superior, dentre outros. Nessa mobilização,

<sup>33</sup> Textos da esfera jornalística como este: <https://www.cut.org.br/noticias/ha-82-dias-sem-ministro-da-saude-brasil-passa-de-97-mil-vidas-perdidas-por-covid-192c>. Acesso em: 21 ago. de 2021.

alguns dos elementos que imitam a estrutura do gênero sofrem modificações. O slogan do governo, por exemplo, é modificado para “pátria mal amada, Brasil”. Do mesmo modo, a faixa na qual se apresenta o nome do ministro da saúde ganha o nome do personagem Dr. Hans Chucrute, que estabelece relação com a série animada *O Pica-Pau*.

Ao retomar a figura do Pica-Pau, por meio da qual ocorre uma alusão estrita, o locutor satiriza a ausência de ministro da Saúde e permite a inferência de que até um falso doutor, como o Hans Chucrute, que simboliza apenas um disfarce do Pica-Pau, poderia ser escalado para ocupar o espaço vazio da pasta. Do mesmo modo, permite a inferência de que até mesmo ele, um falso médico, conseguiria gerir melhor o Ministério da Saúde do governo vigente.

A partir dessa representação, o locutor mobiliza a estrutura de uma transmissão televisiva, marcando assim a imitação de estilo de gênero, para “anunciar” esse novo ministro da Saúde. Temos, dessa forma, que a imitação de gênero contribui para que o locutor efetive sua crítica sobre o fato de não haver um ministro da Saúde em um período de colapso da saúde pública. A imitação de gênero contribui, assim, ajudando a compor a ilustração desse evento (o anúncio de um novo ministro), que permite vislumbrar o posicionamento do locutor sobre as outras escolhas ministeriais passadas e a atual ausência de ministro na pasta.

Tentamos até agora demonstrar como os tipos intertextuais amplos e estritos ocorrentes no *corpus* podem atuar na construção argumentativa dos memes. Para isso, fomos selecionando um a um e observando de maneira isolada como cada um deles se manifestavam e implicavam a argumentatividade. Apesar disso, como afirma Carvalho (2018), os processos intertextuais podem se sobrepor nos textos, pois não são excludentes entre si. A modificação do slogan do governo federal, por exemplo, configura uma paródia, na medida em que um texto por completo é transformado em outro, tendo seu conteúdo desvirtuado. Teríamos, assim, uma paródia incorporada ao texto em análise (o meme), que comporta também a relação intertextual de imitação de estilo de gênero e alusão ampla (CARVALHO, 2018).

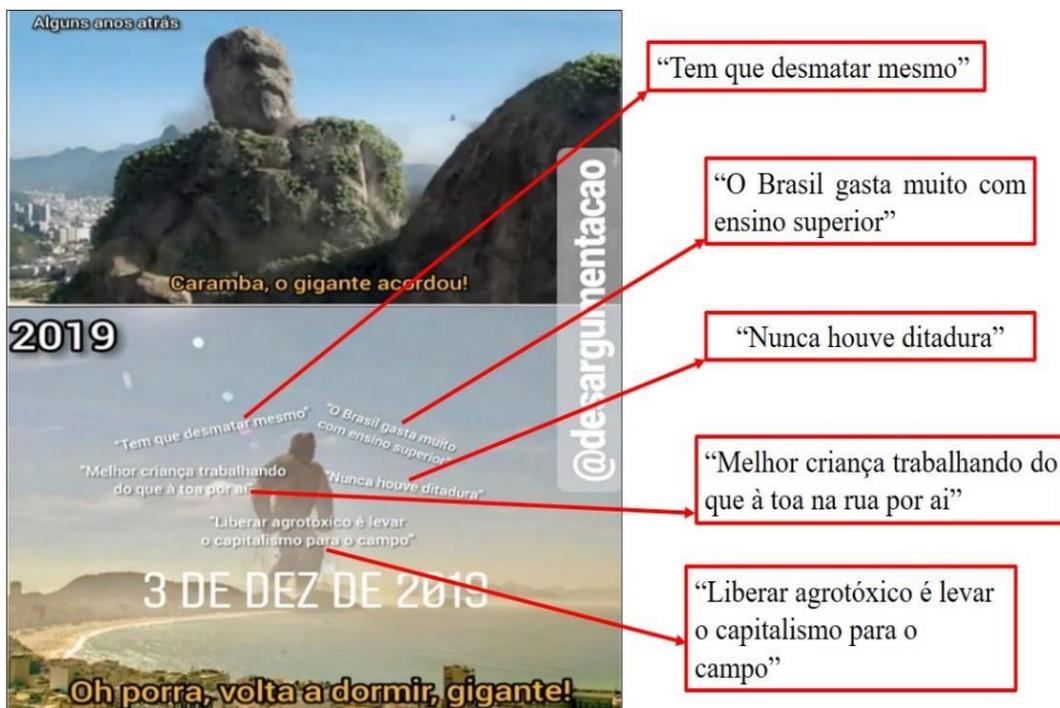
Dito isso, na subseção seguinte, trataremos de uma questão que muito nos chamou atenção durante a análise: a intrínseca relação entre as intertextualidades e a referenciação. Mais especificamente, o importante papel que desempenham os processos intertextuais para a (re)construção de alguns referentes em rede, e, conseqüentemente, para a construção da dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais.

### 5.3.3 Relações intertextuais na estabilização de referentes em rede: evidenciando a dimensão argumentativa dos memes verbo-visuais

Estudos recentes sobre a intertextualidade têm discutido/atestado a intrínseca relação entre esse fenômeno e a referenciação na construção textual. Em uma de suas análises, Cavalcante (2019) demonstra que um dos referentes é responsável por marcar a relação intertextual estabelecida no texto e destaca sua importância para a construção de sentidos. Na mesma linha, ao investigar a construção do *pathos* por meio de processos referenciais e intertextuais, Oliveira (2020) percebe que a intertextualidade pode atuar no processo de recategorização de referentes cumprindo a função de atribuir maior carga emocional a eles.

Na mesma direção dos autores, verificamos essa relação entre essas duas categorias textuais na medida em que investigávamos as intertextualidades no fazer argumentativo dos memes. Nas análises, percebemos que as relações intertextuais desempenham um importante papel no processo de estabilização do referente em sua rede e sob um determinado ponto de vista. No meme abaixo, discorreremos sobre essa questão, afim de comprovar a constatação. Vejamos:

**Figura 34 - O gigante acordou<sup>34</sup>**



Fonte: Instagram (adaptado). Disponível em:

[https://www.instagram.com/p/B5sM36RFO36/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B5sM36RFO36/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 22 jul. 2021.

<sup>34</sup> Os quadros e setas vermelhas foram inseridos por nós para tornar mais legível a porção verbal do meme.

Nesse texto, produzido em dezembro de 2019, percebemos a figura de um ser humanoide formado por pedra a erguer-se em uma cidade próximo de uma praia (elemento memético). Essa porção visual estabelece uma relação de alusão estrita com um comercial<sup>35</sup> de bebidas da empresa *Johnnie Walker*, produzido e veiculado nas mídias em 2013, no qual um gigante de pedra ergue-se e caminha pela cidade do Rio de Janeiro. A frase de efeito “o gigante não está mais adormecido” encerra o vídeo.

No mesmo ano de sua publicação, aconteciam, em São Paulo, diversos protestos contra o aumento das tarifas de transporte público, manifestações que serviram como meio para que diversos grupos de direita iniciassem um processo de apelo popular ao impeachment da então presidenta Dilma Rousseff. Nesse momento, o comercial de cerveja passou a ser parodiado por esses grupos políticos, os quais associavam a figura do gigante à população paulista que “se levantava” para reivindicar suas demandas socioeconômicas.

Alguns anos mais tarde, em 2018, depois do golpe que tirou do poder a presidenta eleita, em 2016, o vídeo novamente foi retomado, agora a serviço de grupos apoiadores do então candidato à presidência Jair Bolsonaro, principal representante da extrema direita nas eleições. No novo vídeo<sup>36</sup>, o gigante é utilizado como uma forma de representar a ascensão do “mito” na corrida eleitoral, bem como para designar a população conservadora que “acordava”, assim como o gigante, orientada pelo discurso extremista do candidato.

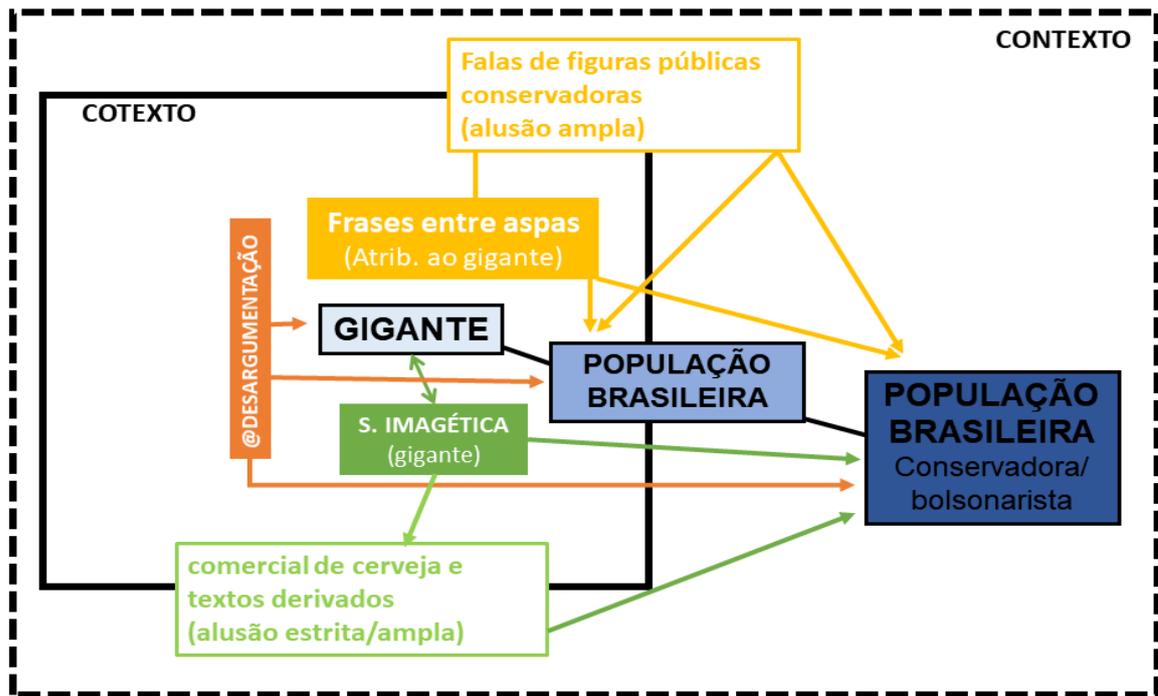
O meme em questão, portanto, apesar de estabelecer uma alusão estrita com o comercial de bebidas, também estabelece alusão ampla com os textos diversos que derivaram desse primeiro e que foram produzidos/publicados posteriormente. Essas alusões estabelecidas nos textos desempenham um importante papel no processo de construção referencial do meme em questão. Para que isso fique mais claro, esquematizamos a rede referencial da figura 34:

---

<sup>35</sup> Texto-fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Ja2CP0W3E6c>. Acesso em: 13 ago. 2021.

<sup>36</sup> Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=85DcZfCnYOc>. Acesso em: 13 ago. 2021.

Esquema 5 - Rede referencial da figura 34



Fonte: Elaboração própria

Nesse esquema ilustramos a dinâmica referencial do meme anterior (“O gigante acordou” (figura 33), destacando o referente gigante e as recategorizações pelas quais passa (quadros em tons de azul). Verificando esse referente principal do meme, demarcamos os diversos elementos que contribuem, de algum modo, para a (re)construção desse objeto de discurso no texto: o *hiperlink* do perfil no qual o texto foi publicado (quadro laranja); a própria semiose visual (a figura do gigante), que estabelece alusão estrita com o comercial de cerveja e ampla com textos dele derivados e, por fim, as frases inseridas ao redor da figura do gigante (quadro amarelo), que estabelecem alusão ampla com falas de políticos amplamente divulgadas no meio jornalístico.

Se observarmos de onde saem e para onde vão as setas, podemos entender quais desses elementos, imagéticos ou não, contribuem para a homologação do referente gigante e suas recategorizações como *população brasileira* e *população brasileira conservadora*. Essa última depende fundamentalmente das informações trazidas pelas porções verbais colocadas em volta do gigante: “tem que desmatar mesmo”, “o Brasil gasta muito com ensino superior”, “nunca houve ditadura”, “melhor criança trabalhando do que à toa por aí” e “Liberar agrotóxicos é levar o capitalismo para o campo”. É na conjugação dessas frases e no acionamento de conhecimentos sobre o perfil dos políticos e eleitores que as têm assumido, que o objeto de discurso *população brasileira* é recategorizado sob um enquadre do conservadorismo e

permite, assim, que se faça ver o ponto de vista negativo edificado sobre a população representada pelo gigante.

Constata-se, portanto, que as intertextualidades (especificamente, nesse meme, as alusões amplas e estritas), como elementos conjugados à rede referencial, atuam na construção argumentativa do meme na medida em que atribuem informações a um referente, as quais são inferidas pelas relações com outros textos. Essas informações mobilizadas no e através do texto contribuem para o processo de estabilização desse objeto de discurso sob um enquadre específico (do conservadorismo), de forma a construir um determinado ponto de vista sobre aquilo do que se fala – o de que o gigante que se levantou passou a solicitar demandas políticas desumanas e antiéticas, e por isso deveria voltar a dormir.

Finalmente, com base nas análises que realizamos nesta seção, passamos às considerações finais sobre o que até então foi discutido.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo geral com esta pesquisa esteve centrado em investigar como os critérios textuais da referenciação e da intertextualidade contribuem para a textualização da argumentação em memes verbo-visuais. Esse objetivo nasce do questionamento sobre como textos dessa natureza, produzidos e veiculados em ambientes digitais, edificam seu fazer argumentativo. Enquanto linguistas do texto, nos cabe responder a esta questão embasados nos pressupostos da Linguística Textual, observando a problemática da argumentação a partir dos modos pelos quais é colocada em texto. Este trabalho, assim, se junta a uma diversidade de outros estudos contemporâneos dessa disciplina que têm se preocupado em desvendar as tramas textuais pelas quais a argumentação se constrói.

Para contemplar esse objetivo, recorremos a uma articulação entre os estudos contemporâneos da LT brasileira, em especial os que têm sido feitos no âmbito do grupo Prottexto e a Abordagem da Argumentação no Discurso, de Ruth Amossy (2018[2000]). Partimos de uma concepção de texto enquanto uma unidade singular de sentidos em contexto que ocorre enquanto evento enunciativo e que comporta sempre, de modo mais ou menos explícito, uma dimensão argumentativa (CAVALCANTE *et al.*, 2019). Esta noção, que encontra raízes em Adam (2019) e Beaugrand (1997) e foi reverberada na LT brasileira por Marcuschi (2008), se faz ampliada dentro dos estudos atuais da disciplina, buscando abranger, de forma efetiva, a grande diversidade de textos, sobretudo os de natureza multissemiótica.

Quanto à argumentação, assumimos, conforme Amossy (2018[2000]), que se trata de uma dimensão dos discursos – e por isso inerente a eles – que ocorre não como uma característica dos discursos nos quais se edifica um explícito projeto argumentativo em defesa de uma tese com vistas à persuasão (discurso de visada argumentativa), mas como uma dimensão que perpassa todo e qualquer discurso, mesmo aqueles em que se busca apenas agir sobre as crenças de seu público (interlocutores) para questionar, problematizar ou orientar seus modos de ver, pensar e sentir (discursos de dimensão argumentativa).

Com base nessa noção de argumentação, recorremos a Cavalcante (2016) e Macedo (2018), que defendem que a Linguística Textual pode muito contribuir para a explicação de como essa argumentatividade é edificada nas tramas do texto. Propõem, assim, que as categorias da LT (sequencialidade, plano de texto, gênero, tópico discursivo, hipertextualidade, heterogeneidades enunciativas, referenciação e intertextualidade) podem servir como instrumentos para uma análise da argumentação no nível do texto.

Admitindo essa proposição, selecionamos duas das categorias: a referenciação e as intertextualidades, que entendemos, respectivamente, enquanto: (a) um processo dinâmico e complexo de (re)construção interativa e negociada de objetos de discurso no âmbito cognitivo-discursivo (MONDADA, 1994; CUSTÓDIO FILHO, 2011; CAVALCANTE, 2011) e (b) um processo textual-discursivo que comporta as relações entre textos, gêneros e estilos, de modo mais ou menos explícito (CARVALHO, 2018), podendo ocorrer quando um texto retoma outro texto específico (intertextualidade estrita) ou informações e marcas dispersas e um conjunto de textos (intertextualidade ampla).

Assim orientados, procedemos às análises do *corpus* formado por memes verbo-visuais coletados no período de um ano (2019-2020) no *site* de redes sociais *Instagram*. Após uma análise qualitativa – com alguns traços quantitativos – chegamos aos resultados que agora pontuamos. Trataremos, primeiro, dos resultados relativos ao processo de referenciação e, em seguida, aos que dizem respeito à intertextualidade.

Quanto à referenciação, lançamos a hipótese de que os modos de (re)construção dos referentes e a constituição de redes referenciais nas quais eles se englobam poderiam evidenciar a orientação dos modos de ver, pensar e sentir construída nos memes verbo-visuais. Com base nas análises, confirmamos que as formas como o referente é introduzido e como progride no texto implica diretamente na construção da dimensão argumentativa desses textos. Isso pode ser visto nos exemplos da figura 20 (subtópico 5.2.1) e figura 23 (subtópico 5.2.2). No primeiro, especialmente, percebemos que a escolha que o locutor faz em introduzir o referente Flávio Bolsonaro no texto através da imagem de Lucky Luciano faz com que *doxas* e estereótipos sejam conjugadas para que o locutor expresse sua visão e posicionamento quanto à conduta do senador, evidenciando, assim, que ele se trata apenas de um *playboy* que tenta se utilizar de sua posição política para se livrar de sanções judiciais.

Constatamos, portanto, que a introdução referencial pode contribuir para a construção da dimensão argumentativa dos memes na medida em que permite o acionamento de informações *dóxicas* e estereotípicas, as quais são mobilizadas de forma a valorar e enquadrar o referente em uma categoria específica sob o ponto de vista do locutor. Não se pode deixar de notar, ainda, que a semiose visual é fundamental para que todo esse processo seja efetivado.

Ademais, podemos constatar, também, que a retomada anafórica associada à recategorização é uma importante estratégia para a construção da opinião do locutor nos memes verbo-visuais. Na figura 23, por exemplo, o modo como o referente é imageticamente representado na primeira e na segunda parte do texto, é crucial para que se compreenda que os militares na verdade não são oprimidos pela “ameaça comunista”, mas são os próprios criadores

dessa ameaça que, na verdade, não existe. Do mesmo modo, a recategorização referencial, e, nesse meme, sobretudo a recategorização imagética (LIMA, 2017), permite construir os sentidos pelos quais se faz entender que os militares, assim como aquela criança da imagem que os recategoriza, são farsantes; criadores de uma falsa narrativa do que julgam ser uma ameaça real.

Concluimos, assim, que o processo de anáfora por meio da recategorização referencial contribui para a construção da dimensão argumentativa dos memes ao permitir a estabilização e desestabilização estratégica do referente, edificando, a partir disso, sua opinião sobre o que se coloca no texto de forma satírica.

No que diz respeito às redes referenciais, antes de tudo, concluimos que são indispensáveis para a análise da dinâmica referencial dos memes, uma vez que esses textos são compostos por outras semioses que não as linguísticas, os quais só conseguimos descrever efetivamente a partir de uma noção ampliada como a de redes referenciais. Sobre sua relação com a dimensão argumentativa, constatamos que é de extrema importância, pois é na conjugação entre elementos e informações dispostas nos textos que os referentes podem alterar e acrescentar informações a outros, permitindo que mudem de *status* ou que sejam inseridos em enquadres específicos, que fazem ver, por sua vez, os pontos de vista do locutor.

Na figura 25 (subtópico 5.2.2), por exemplo, é somente a partir da conjugação de informações visuais sobre o modo como o referente Moro é introduzido, além dos diversos conhecimentos acionados por relações intertextuais, que se compreende um posicionamento negativo do locutor para com o ex-juiz, visto como corrupto, ignorante e arbitrário. Concluimos, portanto, que as redes referenciais, indispensáveis para a análise referencial dos memes verbo-visuais, estão implicadas na construção da dimensão argumentativa nesses textos ao passo que congregam informações diversas de outros referentes, de elementos multissemióticos e de informações contextuais que permitem vislumbrar os posicionamentos e modos de ver do locutor.

Quanto à intertextualidade, lançamos a hipótese de que as relações intertextuais podem ser mobilizadas estrategicamente na construção da dimensão argumentativa dos memes e que a análise de como isso ocorre pode lançar mais luz sobre como essa categoria pode atuar na textualização da argumentação nesses textos.

Na primeira etapa de nossas análises, verificamos que, dentre os tipos de intertextualidades definidas por Carvalho (2018), ocorreram, nos memes, alusão estrita (32 ocorrências), paródia (4 ocorrências), imitação de estilo de gênero (3 ocorrências) e alusão ampla (78 ocorrências). Sobre a ocorrência desses tipos de intertextualidades, acreditamos que

se relaciona ao próprio plano de texto relativamente curto e verbo-visual, bem como ao fato de recorrerem em sua maioria ao humor, que geralmente se vale de recursos intertextuais mais implícitos, como as alusões amplas e estritas. Por esse mesmo motivo, entendemos que a presença da paródia e da marca de estilo de gênero no texto muito se relacionam à prática de remix, apontada por Lima-Neto (2014) como uma característica muito presente em textos como os memes verbo-visuais.

Ao analisar a relação entre os processos intertextuais e a construção da dimensão argumentativa dos memes, confirmamos a hipótese de que sua mobilização age diretamente para a construção dos modos de ver e pensar dos interlocutores. Atestamos isso a partir da figura 26 (subtópico 5.3.1), quando a alusão estrita estabelecida com o filme *Parasita* permite ao locutor construir um efeito de comparação entre o discurso elitista do Paulo Guedes e o drama da desigualdade socioeconômica narrada no filme. É a partir dessa relação intertextual que a opinião negativa do locutor sobre a postura do ministro se edifica, sob tons de ironia.

Do mesmo modo, tanto a paródia quanto a imitação de estilo de gênero contribuem, respectivamente, para a construção da sátira à figura do presidente, representado como a chacota do ano na figura 29 (subtópico 5.3.1) e para a evidência do posicionamento crítico negativo sobre como o governo Bolsonaro conduziu a gestão da pandemia, na figura 33 (subtópico 5.3.2).

Constatamos, também, que há uma intrínseca relação entre a intertextualidade e o processo de referenciação, especificamente no que diz respeito à constituição de redes referenciais, assim como já apontaram Cavalcante (2016) e Oliveira (2020). Evidenciamos essa relação a partir da figura 34 (subtópico 5.3.3), na qual é somente a partir de informações acionadas por recursos intertextuais que o referente *população brasileira* pode ser recategorizado como *população brasileira conservadora*.

Essa relação se faz extremamente relevante para a construção da dimensão argumentativa do meme, na medida em que contribui para a recategorização do referente sob um enquadre do conservadorismo. O referente, a partir das alusões amplas presentes, deixa de ser simplesmente a população brasileira ilustrada pela figura do gigante e passa, em um processo não linear, a ser compreendido como população conservadora brasileira; aquela segundo a qual as frases inseridas ao redor da imagem do gigante são convenientes ou próximas de seu perfil ideológico.

Assim, na mesma linha que Oliveira (2020), podemos dizer que as relações intertextuais podem atuar para a construção argumentativa dos memes verbo-visuais, na medida em que

contribuem para a recategorização e estabilização de um referente sobre um enquadre específico, o que aponta para pontos de vista sobre esse referente.

Com base nisso, podemos concluir que tanto a referenciação quanto as intertextualidades são ferramentas importantes para uma análise argumentativa dos memes verbo-visuais. Através dessas duas categorias, pudemos evidenciar como os locutores tentam agir sobre as crenças e valores de seus interlocutores, como problematizam e satirizam questões sociais relevantes, demonstrando suas avaliações sobre o real e seus pontos de vista.

No entanto, o estudo sobre a textualização da argumentação está longe de ser esgotado. A partir do que vimos ao longo dessa pesquisa, acreditamos que muito ainda se tem por dizer, de modo mais aprofundado, sobre o modo como diversos outros textos argumentam. Nos memes, por exemplo, é difícil definir, dentro do modelo de classificação de Amossy (2018[2000]), a que modalidade esses textos pertencem. Acreditamos que estudos nessa direção, que investiguem as modalidades argumentativas em gêneros diversos, sobretudo os nativos digitais, podem trazer muitos esclarecimentos sobre o fazer argumentativo dos textos.

Ademais, pudemos atestar a importância da noção de redes referenciais (MATOS, 2018a) para a análise da dinâmica referencial dos memes verbo-visuais, que se dá de forma muito complexa e difusa. Acreditamos, portanto, que estudos que busquem analisar a progressão referencial em textos multissemióticos, sobretudo os verbo-visuais, podem ser muito importantes para a compreensão dos processos referenciais em textos dessa natureza.

## REFERÊNCIAS

- ADAM, J-M. **Textos**: tipos e protótipos. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante [et al]. São Paulo: Contexto, 2019.
- AMOSSY, R. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, Gláucia; MACHADO, Ida; EMEDIATO, Wander (Orgs.). **Análises do discurso hoje**, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 231-254.
- AMOSSY, R. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. In: **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 1, nov. 2011, p. 129-144.
- AMOSSY, R. É possível integrar a argumentação na análise do discurso? Problemas e desafios. Trad. Rosalice Pinto, Mariza Angélica Paiva Brito e Meire Virgínia Cabral Gondim. **ReVEL**, edição especial, vol. 14, n. 12, 2016, p. 165-190.
- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Trad. Eduardo Lopes Piris et al. São Paulo: Contexto, 2018[2000].
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. de Manuel Alexandre Júniot, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2. ed, 2005.
- BARONAS, M. M. *et al.* 1 vídeo (2h 14min 10s). **Análise do Discurso Digital proposta por Marie-Anne Paveau**: dos pré-discursos aos tecnodiscursos. Conferência apresentada por Roberto L. Baronas, Ana Carolina Vilela-Ardenghi e Júlia L. Costa sob moderação de Mariana Luz P. de Barros, 2020. Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nt4vQChkW-g>. Acesso em: 20 set. 2020.
- BARROS, A. C. **A compreensão dos memes através dos comentários do Facebook**. 2016. 175f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2016.
- BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. Trad.: Milton Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BASSO, R. Semântica Formal. In: FERRAREZI JÚNIOR, C.; BASSO, R. **Semântica, semânticas**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 135-152.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Trad.: Ângela Dionísio e Judith C. Hoffnagel. São Paulo: Cortez. 2005.
- BEAUGRAND, R. A. **New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of access to Knowledge and Society**. Nortwood: Ablex. 1997.
- BLACKMORE, S. **The Meme Machine**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- CARVALHO, A. P. L. 2018. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 2018. 134f. Tese. (Doutorado) – Universidade federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2018.

- CASTRO, L. G. F.; MECENAS, D; SILVA, D. C. P. Ethos forjado em memes digitais da @barbiefacionista: sentidos sobre raça e sexualidade. **Revista Interfaces**. v. 10, n. 4. 2019. p. 38-52.
- CASTRO, L. G. M. **O meme digital**: construção de objetos de discurso em textos multimodais. 2017. 78 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017.
- CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais – uma proposta de classificação. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, n. 44: p. 105-118, jan./jul. 2003.
- CAVALCANTE, M. M. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC. 2011.
- CAVALCANTE, M. M. Abordagens da argumentação na Linguística Textual. **ReVEL**, edição especial vol. 14, n. 12, 2016. p. 106- 124.
- CAVALCANTE, M. M. Por uma análise argumentativa na Linguística Textual. *In*: VITALE, M. A. et al (org.). **Estudios sobre discurso y argumentación**. Grácio Editor. Coimbra. 2019. p. 319-338.
- CAVALCANTE, M. M. *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. *Rev. (Con)Textos Linguísticos*, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019.
- CAVALCANTE, M. M. *et al.* 1 vídeo (2h 27min 05s). **Argumentação e interação em Linguística Textual**. Conferência proferida por Mônica M. Cavalcante, Ana Lúcia T. Cabral e Maria Eduarda Giering sob moderação de Mariza Angélica P. Brito. 2020. Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística. Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/argumentacao-e-interacao-em-linguistica-textual/>. Acesso em: 10 set. 2020.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do GELNE**. Piauí, v. 12, n. 2, p. 56-71, 2010.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.
- CAVALCANTE, M.; FARIA, M.G.; CARVALHO, A. P. L. Sobre intertextualidades estritas e amplas. **Revista de Letras**. Fortaleza, v. 2, n. 36, p. 7-22, 2017.
- CAVALCANTE, M. M.; OLIVEIRA, R. O recurso aos memes em diferentes padrões de gêneros à luz da Linguística Textual. **Desenredo**, v. 15, n. 1. 2019. p. 8-23.
- CHAGAS, C. et al. A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 38, p. 173-196, jan./abr. 2017.
- CHARAUDEAU. P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2016.

CIULLA, A.; MATOS, J. G. Os processos de recategorização na construção avaliativo-argumentativa do texto. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**, edição especial vol. 14, n. 12, p. 258-277. 2016.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 2011. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [1976].

DUCROT, O. Argumentação retórica e argumentação linguística. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 20-25, jan./mar. 2009.

ELIAS, V. M. **Do hipertexto ao texto**: uma metodologia para o ensino de Língua Portuguesa a distância. 2000. 203 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2000.

ELIAS, V. M. Hipertexto, leitura e sentido. **Revista Calidoscópio**. São Paulo. v. 3, n.1.2005. p. 13-19.

ELIAS, V. M.; CAVALCANTE, M. M. Linguística Textual e estudos do hipertexto: focalizando o contexto e a coerência. *In*: CAPISTRANO JÚNIOR, R.; LINS, M. P. P.; ELIAS, V. M. (Orgs.). **Linguística Textual**: diálogos interdisciplinares. São Paulo: Labrador, 2017. p. 317-338.

FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

FORTE, J. S. M. **Funções textual-discursivas de processos intertextuais**. 129f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

FREGE, G. Sobre sentido e referência. **FUNDAMENTO – Rev. de Pesquisa em Filosofia**, v. 1, n. 3, maio – ago. 2011. p. 21-44.

GENETTE, G. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas. 1999.

GIERING, M. E. *et al.* 1 vídeo (2h 27min 05s). **Argumentação e interação em Linguística Textual**. Conferência proferida por Mônica M. Cavalcante, Ana Lúcia T. Cabral e Maria Eduarda Giering sob moderação de Mariza Angélica P. Brito. 2020b. Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística. Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/argumentacao-e-interacao-em-linguistica-textual/>. Acesso em: 10 set. 2020.

GRÉSILLON, A. MAINGUENEAU, D. *Poliphonie, proverbe et détournement*. **Langages**, n. 73, p. 112-25, 1984.

GRICE, P. H. Lógica da Conversação. (Trad. João W. Geraldi). *In*: DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos metodológicos da Linguística (vol. IV)**: Pragmática – Problemas, críticas, perspectivas da Linguística. Campinas: UNICAMP. 1982.

- HALLIDAY, M.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.
- KOCH, I. V. G. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez. 2003.
- KOCH, I. V. G. **Argumentação e linguagem**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006 [1984].
- KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. 22.ed. São Paulo: Cortez. 2010 [1989].
- KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- KOCH, I. V. G.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **D.E.L.T.A.**, v. 14, n. Especial, 1998. p. 168-190.
- KRESS, G; LEEUWEN, T. V. **Reading images: the grammar of visual design**. 2. ed. Londres, Nova York: Routledge, 2006.
- KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6. ed. São Paulo: Atlas. 2001.
- LIMA, S. C. Referenciação e multimodalidade: revisitando os processos de recategorização e encapsulamento. **Revista das Letras**, Fortaleza, v. 2, n. 36, 2017, p. 101-114.
- LIMA-NETO, V. **Um estudo da emergência de gêneros no Facebook**. 2014. 312 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- LIMA-NETO, V. Meme é um gênero? Questionamentos sobre o estatuto genérico dos memes. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 59, 2020. p. 2246-2277.
- MACEDO, P. S. A. **Análise da argumentação no discurso: uma perspectiva textual**. 2018, 245 f - Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- MAINGUENEAU, D. **L'Analyse du Discours**. Paris: Hachette, 1991.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.
- MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. **Revista Letras**, Curitiba, n. 56, 2001. p. 217-258.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In*: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. S. **Hipertexto e Gêneros Digitais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004. p. 13-67.
- MARCUSCHI, L. A. **Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto**. Língua e instrumentos linguísticos. [1999]. Disponível em:

[http://web.uchile.cl/facultades/filosofia/Editorial/libros/discurso\\_cambio/17Marcus.pdf](http://web.uchile.cl/facultades/filosofia/Editorial/libros/discurso_cambio/17Marcus.pdf). Acesso em 29 de set. de 2020[1999].

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

MARCUSCHI, L. A. Referenciação e cognição o caso da anáfora sem antecedente. In: PRETI, D. (Org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas. 2000. p. 191- 240.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. S. **Hipertexto e Gêneros Digitais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004

MATOS, J. G. **As redes referenciais na construção de notas jornalísticas**. 2018. 259f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2018a.

MATOS, J. G. Em defesa da noção de redes referenciais na construção do texto. **Organon**. Rio Grande do Sul. v. 33, n. 64. Jan/jun. 2018b. p. 1-13.

MILLER, C. Gênero como ação social. In: MILLER, C. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Org.). Trad. e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel et al. Recife: EDUFPE, 2009, p. 21-44.

MONDADA, L. **Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir**. Approche linguistique de la construction des objets de discours. Lausanne, 1994. 671 f. Tese (Doutorado em Letras) - Université de Lausanne, Faculté de Lettres. 1994.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2019[1995]. p. 17-52.

MUCCI, D. L. O implícito como argumentação nos memes. **Signo y Seña**. Argentina. n. 34, 2018.p. 79-92.

OLIVEIRA, R. **Uma análise textual do pathos em polêmicas**. 2020, 133 f – Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2020.

PAULINELLI, M. P.T. Retórica, argumentação e discurso em retrospectiva. **Linguagem em (Dis)curso** - Tubarão, SC, v. 14, n. 2, p. 391-409, maio/ago. 2014.

PAVEAU, M. Féminismes 2.0. Usages technodiscursifs de la génération connectée. In: COSTA, J. L.; BARONAS. (Org.). **Feminismos em convergências**: discurso, internet e política. Coimbra: Grácio Editor. 2020. p. 21-50.

PAVEAU, M.-A. **L'analyse du discours numérique** – dictionnaire des formes et des pratique. Paris: Hermann; 2017.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado de argumentação**: a nova retórica. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005[1992].

PIÈGAY-GROS, N. Tipologia da intertextualidade. Intersecções – **Revista sobre práticas discursivas e textuais**, ano 3, n 1, São Paulo, 2010, p. 220-244.

PLANTIN, C. **A argumentação: história, teorias e perspectivas**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

RABATEL, A. **Homo narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração: teoria e análise**. Trad.: M<sup>a</sup> das G. S. Rodrigues, Luís Passeggi, João G. da Silva Neto; revisão técnica João G. da Silva Neto. – São Paulo: Cortez, 2013.

RECUERO, R. Memes e dinâmicas sociais em weblogs: informação, capital social e interação em redes sociais na Internet. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 15, p. 1-16, jul/dez. 2006a. p. 1-16.

RECUERO, R. Memes em Weblogs: proposta de uma taxonomia. *In: Encontro anual da associação nacional dos programas de pós-graduação em comunicação* (compós). 2006, Bauru, SP. [Anais...] Bauru, 2006b.

SANT'ANNA, A. R. de. **Paródia, paráfrase & CIA**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

SCHWARZ, M. **Indirekte Anaphern in Texten: studien zur domängebundenen. Referenz und Kohärenz im Deutschen**. Tübingen: Niemeyer. 2000.

SILVA, E. G. **Humor e argumentação em memes virtuais veiculados por redes sociais**. 2019, 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2019.

SILVA, J. P. M.; CORTEZ, S. L. A (re)construção dos referentes em memes verbo-visuais. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória. 2020. p. 386-405.

SILVA, N. L. **Referenciação, multimodalidade e tipografia cinética: reflexões em linguística textual**. 2016. 253f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

SOUSA, M. M. F. **A organização textual-discursiva dos anúncios de turismo no Ceará**. 2005. 212 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

XAVIER, A.C.S. **Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital**. 2002. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas (SP), 2002.